



Lucíola Cruz Paiva Tisi

**Esperança e Responsabilidade com a nossa Casa Comum:
Cuidado da Criação**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Cesar Augusto Kuzma

Rio de Janeiro
Março de 2020



Lucíola Cruz Paiva Tisi

**Esperança e Responsabilidade com a nossa Casa Comum:
Cuidado da Criação**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. Cesar Augusto Kuzma

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Profa. Maria Clara Lucchetti Bingemer

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Érico João Hammes

PUC-RS

Rio de Janeiro, 6 de março de 2020.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Lucíola Cruz Paiva Tisi

Graduada em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Trabalhou no serviço pastoral junto à congregação dos Agostinianos da Assunção no Brasil e é representante leiga dessa instituição no Brasil.

Ficha Catalográfica

Tisi, Lucíola Cruz Paiva

Esperança e Responsabilidade com a nossa Casa Comum: Cuidado da Criação / Lucíola Cruz Paiva Tisi ; orientador: Cesar Augusto Kuzma. – 2020.
149 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2020.
Inclui bibliografia

1. Teologia - Teses. 2. Esperança escatológica. 3. Agentes de esperança. 4. Laudato Si'. 5. Ser humano. 6. História. I. Kuzma, Cesar Augusto. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

A meus pais, meus filhos e filhos dos meus filhos...

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, por propiciar e me favorecer com essa oportunidade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de Financiamento 001.

Passados esses anos de crescimento e conquistas, a minha lista de agradecimentos seria longa demais para aqui colocar...

Agradeço a minha família pelo amor, apoio e pela fé que depositaram em mim. Sua compreensão, incentivo e carinho foram fundamentais para que eu chegasse ao final desta jornada. Agradeço o especial apoio das minhas amigas Fatima e Vera Lucia. De maneira ainda mais especial, os meus filhos, que, solidários e participativos, foram solícitos e companheiros, e meu querido marido Antonio Luis Tisi, que permaneceu ao meu lado em todos os momentos.

Agradeço, então, de maneira geral, todos os colegas e amigos que compartilharam comigo essa experiência, os professores que, com paciência e zelo, sempre me acolheram e me orientaram quando se fez necessário. Vejo-os todos como amigos. De forma especial, o professor Cesar Kuzma, que dispôs de tempo, com alegria e carinho, para ser meu orientador nesse trabalho, mas também por ter sido presença amiga e decisiva em toda a minha caminhada acadêmica desde a graduação.

Agradeço a congregação dos Religiosos Agostinianos da Assunção, que me apoiaram e me acolheram, permitindo que eu desenvolvesse de maneira prática o meu agir como cristã na dimensão do serviço. Cito de maneira especial os padres Luiz Gonzaga da Silva aa, Padre João Bosco aa (in memoriam) e Padre Mauro O. de Carvalho aa.

Assim, reconheço, agradeço e dou graças a Deus, pois nada disso seria possível e nada teria conseguido se não fosse pela sua graça e o seu amor.

Resumo

Tisi, Lucíola Cruz Paiva; Kuzma, Cesar Augusto. **Esperança e Responsabilidade com a nossa Casa Comum: Cuidado da Criação**. Rio de Janeiro 2020. 149p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho apresenta a relação entre esperança e responsabilidade. Relação que aparece como força dinamizadora atuando nos processos de libertação, criando espaços de transformação no meio ambiente e na história, já que o ser humano se encontra subjugado por processos econômicos e mercadológicos de desenvolvimento que, ao invés de gerarem vida, acabam produzindo um sistema de opressão e morte. A pesquisa segue uma metodologia bibliográfica em três partes, primeiro abordando a problemática do mundo atual e suas consequências para o futuro do planeta e da humanidade. Disserta sobre como a existência humana e toda a criação é colocada em perigo pelo descaso do próprio ser humano, esquecido de ser ele também parte da criação. Trata da relação entre o ser humano e a natureza, apontando o descaso ao priorizar a técnica e a produção, promovendo um olhar a natureza de forma utilitarista. Na segunda parte, são relacionadas a responsabilidade e a esperança, mostrando sua importância para a transformação da realidade, revelando ser a esperança responsável e força motriz na construção de um mundo novo, do Reino de Deus, projeto divino de salvação. Na terceira parte, apresenta-se como essa esperança é gerada, como pode ser caminho de discernimento para uma verdadeira transformação da realidade, gerando um mundo mais justo, solidário e humano, com a possibilidade de produzir um olhar crítico e construtivo para a realidade, despertando o desejo de criar um mundo novo, tocado pela esperança e marcado pela responsabilidade, mundo do Reino de Deus instaurado por Jesus de Nazaré.

Palavras-chave

Esperança escatológica; agentes de esperança; *Laudato Si'*; ser humano; história.

Abstract

Tisi, Lucíola Cruz Paiva: Kuzma, Cesar Augusto (Advisor). **Hope and Responsibility towards our Common House: Care of Creation**. Rio de Janeiro, 2020. 149p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This paper aims to present the relationship between hope and responsibility. A relationship that appears to originate a driving force that can act in the liberation processes, creating spaces of transformation in our environment and history, since the human being is overwhelmed by economic and market development processes that, instead of generating life, produce a system of oppression and death. Our research follows a bibliographic method in three parts. First, we will deal with the problems of the present world and the consequences for the future of the planet and humanity. We will talk about how human existence and all creation is endangered by the neglect of the human being, forgetting that he is also part of creation. We will deal with the relationship between human beings and nature, pointing out neglect while prioritizing technique and production, given the utilitarian perception of nature. In the second part we will relate responsibility and hope showing its importance for the transformation of reality. We will present hope, the driving force in the construction of a new world, the Kingdom of God, divine project of salvation. In the third part, we will talk about how hope is generated and can be a way of discernment for a true transformation of reality, generating a more just, supportive and humane world, enabling a critical and constructive look at reality and awakening the desire to create a new world touched by hope and responsibility, a world of the Kingdom of God established by Jesus of Nazareth.

Keywords

Escatological hope; hope agents; *Laudato Si'*; human being; history.

Sumário

1 Introdução	9
2 A existência humana e toda a criação colocadas em perigo pelo descaso do ser humano	17
2.1 Ser humano e criação: relação e cuidado	18
2.2 A tecnologia e o bem-estar social	21
2.3 A vida colonizada pelo poder econômico do dinheiro	24
2.4 Cuidado ou descaso	29
2.5 Terra que gera e luta pela vida	32
2.6 A realidade social	36
2.7 A questão do consumo: consumimos ou somos consumidos?	41
2.8 A visão antropocêntrica do ser humano	46
2.9 Esperança e futuro	52
3 Responsabilidade e esperança: forças mobilizadoras para a transformação da história humana	57
3.1 A necessidade da tomada de consciência de nossas ações	59
3.2 Somos criaturas de responsabilidade	65
3.2.1 Criaturas com responsabilidade histórica	66
3.2.2 Criaturas com responsabilidade com a própria humanidade	72
3.2.3 Criaturas de responsabilidade integral	75
3.3 Somos criaturas de comunhão	79
3.4 Somos seres de esperança	86
3.5 Somos seres agentes de esperança	89
4 Esperança entre história, futuro e <i>éschaton</i>	99
4.1 Esperança responsável e história da salvação	100
4.2 Esperança responsável e escatologia	106
4.3 Esperança responsável como esperança escatológica	114
4.4 Esperança responsável e <i>éschaton</i>	118
4.5 A força mobilizadora da esperança	126
4.5.1 Caminho de discernimento	128
4.5.2 Geradora do inesperado e inimaginável	130
4.5.3 Adesão responsável	132
5 Conclusão	138
6 Referências bibliográficas	146

1 Introdução

Esta pesquisa procura tratar da esperança responsável e seu potencial em transformar a história pela atitude humana coerente. Esperança e responsabilidade são dois conceitos que se encontram interligados na perspectiva da práxis cristã, que visa, espera e trabalha para o Reino de Deus, que se compreende como tudo o que foi criado, o mundo como um todo. Com este tema – esperança e responsabilidade do cristão – entendemos o estudo da esperança e da responsabilidade na compreensão do Deus criador.

Através dos autores escolhidos, serão identificadas diferentes perspectivas e pontos de contato: expressões e movimentos teológicos atuais que tenham em seu conteúdo epistemológico a compreensão da responsabilidade e da esperança como fatores necessários para a práxis cristã em sua perspectiva escatológica para a realização histórica do Reino de Deus. Procuramos demonstrar, através dos escritos do papa Francisco, em diálogo com Leonardo Boff, Mark Hathaway, Hans Jonas, Orazio de Piazza, entre outros autores – contemporâneos com destaque na área da teologia que produzam uma reflexão em acordo com o objetivo do nosso projeto – a ligação necessária e que se faz exigente e emergente entre o ser humano e natureza. Ambos precisam estar em comunhão e caminhar juntos para o final da história, o Reino de Deus. Sendo assim, a atitude responsável e a esperança são fundamentais.

Percebe-se, nos textos pesquisados, que o Deus trinitário e criador de todas as coisas quer estar em comunhão com o ser humano, ele o procura incessantemente, se fazendo presente na criação e revelando-se no decorrer do processo histórico. É Deus que, no seu imenso amor, busca estar com o ser humano e com ele dialogar e construir juntos o seu Reino. A pesquisa ressalta a importância que o Reino de Deus anunciado e instituído por Jesus tem para a fé e para a prática cristãs na atualidade, assim como a necessidade da esperança responsável para que essa possibilidade do Reino se realize. O Reino é promessa que já se faz presente, age como força dinamizadora que atua nos processos de libertação do ser humano, criando espaços de transformação na história. Potencializa as ações humanas através da esperança de sua realização histórica, perspectiva de um futuro a ser construído pela parceria

entre Deus e o ser humano. Por isso, a responsabilidade em todas as atitudes humanas têm implicações éticas, precisando sempre ter a perspectiva presente de promover a vida. O papa Francisco inicia a carta encíclica *Laudato Si* com a expressão: “*Laudato si, mi signore* – Louvado sejas, meu Senhor” (LS n.1). Citando São Francisco de Assis, Francisco louva ao Pai criador de todas as coisas e recorda que a casa comum, o planeta onde habitamos, pode ser comparado a uma irmã, como chamava São Francisco, por fazer parte da criação, projeto de Deus para o Reino, assim como nós, os seres humanos. Francisco, todavia, logo em seguida adverte do mal que estamos fazendo a esse grande dom que é indispensável à nossa existência: “Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou” (LS n.2).

O trabalho tem como objetivo explicitar as exigências de um novo agir humano, indicando suas possibilidades de realização e consequências na vida do crente, já na realidade atual. O ser humano se encontra subjugado por processos econômicos e mercadológicos de desenvolvimento que, ao invés de gerarem vida, acabam produzindo um sistema de opressão e morte. Não só para si próprio, mas para toda a criação. “A violência que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos” (LS n.2), e continua Francisco: “entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que está gemendo como que em dores de parto (Rm 8,22)” (LS n.2). Esquecendo que somos também criaturas, que também viemos do pó (Gn 2,7), tomamos atitudes de exploração e consumo com o dom que nos alimenta, que nos possibilita a vida, o mundo criado.

Hoje, no mundo secularizado, em que o consumo e o ter significam para muitos o sucesso pessoal, muitas vezes a questão da esperança é confundida com os desejos pessoais, com as expectativas particulares, não só no plano do sensível, mas também no campo do conforto. São os bens produzidos pelo próprio ser humano que movimentam a dinâmica da vida. A decorrência disso é a infelicidade que coloca as pessoas limitadas a um círculo vicioso de insatisfação, dependência e até mesmo escravidão. Essa problemática está presente em todas as dimensões da realidade contemporânea. Tudo que movimenta a vida é bom. E não está errado almejar uma vida de abundância e conforto, mas isso não pode parar por aí, é preciso pensar no real sentido da vida, no significado da existência, por ser ela graça e dom de Deus que foram dados. Precisamos refletir sobre as responsabilidades que

possuímos como seres humanos diante de tão grande dom. Não há necessariamente problema algum em se querer conforto e coisas boas, em almejar uma vida melhor, mas não se pode ficar alheio à situação de quando este ter vida melhor é construído em uma sociedade injusta, em que os espaços e oportunidades são privados, e muitos não tem acesso a eles, nem oportunidades, e a ausência de condições para alguns implica ou decorre da condição privilegiada de outros.¹

É preciso a compreensão que implica a responsabilidade como fator necessário para a práxis cristã, como promotora da vida, como instrumento de libertação, no agora, no hoje da história, já no momento presente. A práxis cristã é práxis responsável, com potencial de ação mobilizadora para transformar não só a realidade presente, mas que se torna geradora de esperança por sua perspectiva escatológica para a realização histórica do Reino de Deus.

A responsabilidade leva a refletir sobre os nossos atos, a construir a realidade de maneira que alimente o desejo de um mundo melhor e mais humano, “como proposição moral, isto é, como obrigação prática perante a posteridade de um futuro distante, e como princípio de decisão na ação presente”² explica Hans Jonas. Gera, então, esperança de futuro para a existência humana que alimenta o processo evolutivo da história para a construção de uma humanidade mais justa, mais ética, que antevê em suas ações a responsabilidade com aqueles que virão, que ainda não nasceram. Provoca, assim, a ação ética, responsável no presente, na esperança de que suas consequências decorrentes favoreçam um mundo melhor, mais humano.

A esperança cristã, porém, se orienta na direção do Reino de Deus, fundamentada na promessa fiel de Deus pelo evento da ressurreição de Jesus Cristo. Ela se edifica na confiança na promessa de seu porvir e vai ativar eticamente o presente. Piazza fala da esperança: “Ela sai das indefinições próprias às realidades finais e mostra-nos por meio de um valor de um acontecimento último: Jesus Cristo morto e ressuscitado”³. O ser humano como ser consciente de sua posição assume, então, uma postura responsável com toda a criação, e nele desenvolve uma mudança que o faz compreender que está em comunhão com tudo o que o cerca.

Responsabilidade e esperança, unidas, se tornam esperança responsável, que surge como força geradora de possibilidades, impulsionando o ser humano a ser

¹ DSI, n.119;195.

² JONAS, H., O princípio responsabilidade, p.45.

³ PIAZZA, O. F., A esperança, p.96.

sujeito na história, que vai determinar e assinalar a atitude existencial particular que ocorre na conotação específica das escolhas de cada um individual e comunitariamente. Vai trazer nova luz às decisões humanas, aos posicionamentos diante das situações. A promessa do reino interpela a pessoa a se colocar disponível e atenta à vontade de Deus, ela a coloca com olhar focado no Cristo, faz brotar a abertura para a escuta do Espírito, possuindo, assim, potencial de transformar a realidade. É promessa que possibilita ao ser humano um olhar crítico e construtivo para o contexto em que se encontra, despertando o desejo de criar um mundo novo, tocado pela esperança e marcado pela responsabilidade.

É na revelação de Deus como amor que o cristianismo encontra o sentido do seu ser no mundo como esperança. Deus se coloca conosco, no hoje, na vida cotidiana, na história que se constrói todos os dias. Ele quer construir em conjunto a história, fazer acontecer o Reino, envia seu filho e se revela a nós como amor. É nesse amor que o cristão vai encontrar sentido para sua existência, para ser no mundo, é nesse amor que brota a esperança, pois se reconhece amado. Impulsionado por esse amor, já não se conforma com a injustiça, com a violência e a opressão. É nessa esperança que brota do amor que a fé cristã se abre ao diálogo com todos os saberes que postulam esperanças. Amor e esperança se fundem, mas é amor exigente, tão profundo que exige resposta. Entram então a responsabilidade e a ética, que se fazem necessárias diante toda a criação, por reconhecê-la como dom de amor e não como coisas e matérias que podem ser exploradas e dominadas ao bel prazer do ser humano.

Nosso estudo trata do cuidado derivado dessa esperança responsável e de suas implicações éticas. A questão da responsabilidade fundamentada na esperança, na perspectiva escatológica do Reino de Deus. A partir da compreensão de Deus na história, da encarnação do filho, de seu sofrimento solidário que no evento pascal é revelado como Trindade, como amor que padece. Amor que liberta e transforma, que assume a vontade do Pai até o fim, até as últimas consequências. Jesus de Nazaré assume a responsabilidade da missão que lhe foi confiada com esperança, como resposta de amor. É nessa compreensão que se pode falar da esperança escatológica que é diretamente associada à ética de Cristo e à sua responsabilidade solidária. Esperança que vem como implicação da proposta escatológica, que se percebe e acolhe. O Cristo é a própria esperança humana.

Desta forma, ficam proposta a reflexão: qual a responsabilidade do cristão hoje? Quais as implicações trazidas à sua vida cotidiana? Na perspectiva histórico-temporal do Reino de Deus anunciado por Jesus de Nazaré, como deve ficar a práxis dos cristãos, seguidores de Jesus? Qual a responsabilidade individual com o mundo em que se vive? E como comunidade, sociedade? Qual papel é preciso desempenhar para que o Reino de Deus se realize? Essas são questões que serão contempladas na pesquisa.

A responsabilidade nasce na resposta humana, que pela sua fé ao amor de Deus que caminha em sua direção convida ao futuro, com promessa fiel, e convoca a resposta na esperança da realização dessa promessa. Somos levados, assim, a outras reflexões para melhor compreender a problemática em questão. Vivemos em época de grande individualismo, em que o ser humano, muitas vezes, acredita ser autônomo e senhor de si, época em que o poder impera sobre os mais vulneráveis e a situação de opressão banalizada parece quase normal.⁴ Perguntamos também: como estamos construindo a história e nela, onde percebemos os sinais de Deus, suas sementes? No momento em que a humanidade grita por acreditar no silêncio de Deus, se faz necessário falar de esperança, mas não como algo que vem de fora, graça mágica, que surge para tudo remediar, mas sim como esperança participativa e responsável, que exige do ser humano atitude, para que possa construir um mundo mais humano e justo.

Desde o apóstolo Paulo (At 26,5-7), a palavra esperança se faz presente na espiritualidade cristã, significando confiança na promessa de amor, de vida realizada pelo Deus trinitário, que amou primeiro o ser humano, interpelando-o e derramando sobre ele graças que vivificam, gerando mais vida. Deus dá ao ser humano inteligência, criatividade e desperta nele a curiosidade científica capaz de inventar e produzir coisas inimagináveis. No entanto, essa promessa vai ainda além, promete que aquele que nele crer viverá eternamente.

A esperança como confiança na promessa feita por Deus aos patriarcas é pensamento que vem se desenvolvendo na exegese e espiritualidade cristãs como resposta a Deus pelo seu infinito amor à humanidade e a cada pessoa em sua individualidade. O nosso Deus é “o Deus da esperança” (Rm 15,13), que “nos fez

⁴ Afonso Maria Ligório Soares, vai falar do pecado da omissão como sendo o caminho simplista, barato, que nos faz retroceder na linha da humanização. LIGÓRIO SOARES, A. M., De volta ao mistério da iniquidade, p.216-217.

renascer pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma esperança que é vida” (1Pd 1,3). Pelo poder do Espírito Santo, ele nos faz “transbordar na esperança (Rm 15,13)”⁵ afirmou Comblin ao refletir sobre o assunto.

O que desejamos pesquisar é como essa esperança se manifesta e deve se manifestar no coração do cristão e como essa resposta se realiza. Entraremos em diálogo com o filósofo Hans Jonas que discorre sobre o tema da responsabilidade em sua obra *Princípio responsabilidade*. Acreditamos ser a responsabilidade indispensável ao caminho da realização da esperança como resposta a Deus que vem ao encontro do ser humano na história, com tão grande amor que chega ao ponto de encarnar-se para realizar essa esperança, anunciando a concretização de sua promessa: o Reino de Deus.

Através de recortes epistemológicos do pensamento de autores cristãos contemporâneos como Moltmann, Sobrino, Boff, Piazza, Metz, Schilleebeckx e do papa Francisco, vamos procurar compreender a exigência dessa responsabilidade vivenciada na práxis da vida do cristão que, ao se realizar em sua vivência cotidiana social e eclesial, aparece como esperança responsável. Nosso estudo visa compreender a necessidade da responsabilidade do agir e do pensar do cristão hoje – em um mundo tão disperso, em que o imperialismo e o consumo ditam as regras do mundo – e seu comprometimento com uma nova práxis, novo comportamento humano para a construção de uma sociedade mais próxima da desejada e anunciada por Jesus de Nazaré.

A responsabilidade vinculada à esperança vai suscitar novo olhar e novas ações. Há uma incompatibilidade para com a realidade presente, exigindo do crente uma postura solidária e profética. O sínodo da Amazônia⁶ dá o exemplo disso, da mobilização gerada pela inconformidade diante da situação presente. Uma nova atitude se faz exigente, respaldada em movimentos de denúncia e mudanças, movimentos capazes de transformação que promovem a voz dos vulneráveis amplificando seu clamor, seu grito por socorro.

Como se comportar de maneira coerente em sociedade, aos moldes do apóstolo Paulo, que nos exorta a ser luzeiros em meio aos povos (Fl 2, 15-16)?

⁵ COMBLIN, J., *Viver na Esperança*, p.7.

⁶ Sínodo dos Bispos, Assembleia Especial Para a Região Pan-amazônica. Realizado em outubro de 2019. Levanta as questões dos povos tradicionais, índios, ribeirinhos, afrodescendentes que ali residem e as ameaças ao bioma da Amazônia.

Percebe-se a necessidade de uma nova práxis, de responsabilidade não mais focada apenas no presente, mas com olhar direcionado ao futuro da história, para aqueles outros que virão após, para construir com eles, em comunhão, um mundo melhor, permitindo assim que o Reino de Deus tenha terreno fértil para sua realização e que nossa esperança possa ser concretizada.

Esta dissertação abordará o tema da esperança responsável, seu potencial como força de transformação na história, levantando questões que acreditamos ser fundamentais para o exercício da práxis da vida cristã, como verdadeiros seguidores do caminho de Jesus. Como discípulos missionários, aos moldes do que diz o documento de Aparecida (2004). Precisamos estar atentos e agir para sermos verdadeiras testemunhas e para que possamos processualmente construir, em parceria e na luz do Criador, o Reino instaurado e iniciado por Jesus de Nazaré. O trabalho será dividido em três partes:

No segundo capítulo serão debatidas as questões atuais que assolam o planeta e a sociedade como um todo, questionando nosso comportamento, como seres humanos que somos, *imago Dei*, e as consequências implicadas pelas estruturas que nós próprios construímos e que estão a destruir a casa comum e, conseqüentemente, todos nós. Para isso, fundamentamos a primeira parte da pesquisa na obra de Hathaway e Leonardo Boff – *O Tao da Libertação* – assim como nos escritos do papa Francisco.

Nesses sistemas, o determinismo dá lugar à criatividade, a chave para a transformação para o tempo e o lugar. Já há uma sutileza presente na “co-origem dependente”, mesmo mudanças pequeninas em nossas percepções, pensamentos ou crenças (e conseqüentemente, em como elas afetam nosso discurso, emoções e ações) podem ter um efeito concreto no mundo.⁷

No terceiro capítulo, vamos discutir os conceitos de esperança e responsabilidade, em suas raízes semânticas etimológicas e suas fundamentações filosóficas baseados na obra de Hans Jonas – *O princípio responsabilidade* – e Orazio Piazza – *A esperança* – com uma reflexão teológico-filosófica. Em acordo com os autores, falaremos sobre o que vem a ser a esperança e seu potencial surpreendente, capaz de gerar, na história, o inimaginável, como a ressurreição de Cristo, fundamento e promessa para todo aquele que nele crê.

⁷ HATHAWAY, M.; BOFF, L., *O Tao da Libertação*, p.507.

Partimos, assim, para o quarto capítulo, também com a escolha de autores contemporâneos, com intencionalidade de buscar novas abordagens, com o objetivo de trazer a dimensão da responsabilidade e da esperança como chave de interpretação da escatologia cristã contemporânea. Vamos fazer uma síntese textual dos autores estudados, para uma compreensão mais detalhada dos pensamentos teológicos emergentes em nosso contexto, visando oferecer à teologia uma contribuição para melhor agir no momento atual. Prosseguiremos com a fundamentação cristológica de nosso conteúdo e as implicações vivenciais hoje do anúncio, e as consequências do evento Jesus de Nazaré. Contemplamos uma visão atual de mundo, com suas necessidades e com a proposta da responsabilidade do cristão para favorecer a realização do Reino de Deus, evidenciando a práxis nos âmbitos individual, social e eclesial, no que corresponde dar resposta à promessa e à nova aliança estabelecidas pelo Jesus histórico e pelo Cristo da nossa fé.

Nessa perspectiva, se busca elucidar a indispensabilidade da responsabilidade de todos em unidade com o mundo criado, apontando a necessidade emergente de preservar, cuidar e amar a criação como parte de nós, de nossa família, pois não podemos esquecer que somos também criaturas.

São questões complexas, que permanecerão em aberto, mas que nos impelem a uma reflexão permanente e ativa. Convidamos o leitor e a leitora a serem nossos parceiros nessa aventura, na tentativa de que a reflexão promova cada vez mais cristãos e cristãs corresponsáveis com a criação.

2

A existência humana e toda a criação colocadas em perigo pelo descaso do ser humano

A criação clama por socorro. O descaso, a negligência e a ideia de possuir a natureza dominaram a razão humana, ao ponto de ameaçar a sua própria existência. Quando não reconhecemos quem somos e nossas fundamentais necessidades, acabamos por nos entregar à situação de morte, de desesperança. Neste capítulo aponta-se a situação de crise em que se encontra a humanidade por se esquecer que é também criatura, parte integrante da criação de Deus e de seu projeto de salvação, que tudo integra. Desta maneira, levanta-se alguns pontos que precisam ser considerados para que o ser humano se coloque novamente no caminho do Reino de Deus, como coautor do projeto.

A situação atual da crise planetária tem levado cientistas e pensadores a refletirem sobre causas e solução dos problemas ambientais atuais. Eles procuram alertar a humanidade sobre a consequência da falta de cuidado que é dispensada ao planeta. Como cristãos, no entanto, temos uma responsabilidade ainda maior, a de denunciar os abusos que sofre a criação, por reconhecermos nela o projeto do Pai e sua obra de salvação. O papa Francisco, em 2015, escreve um documento – *Laudato Si'* – para servir de base e caminho para medidas a serem tomadas, exortando a conversão integral do ser humano. Nele pode-se ler seu apelo:

Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que “geme e sofre as dores do parto” (Rm 8, 22). Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2, 7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos. (LS n.2)

Para a melhor compreensão dos tópicos a serem abordados neste capítulo, ele foi dividido em subcapítulos, abordando as relações do ser humano com as condições em que ele pode ser apresentado e as suas relações implícitas. Assim, apresentaremos primeiramente a sua relação diante do cuidado com a criação, do bem-estar social e da tecnologia, do dinheiro, do poder econômico e da vida

colonizada. Traremos também a reflexão das decorrências dessas relações que implicam o cuidado e o descaso, a Terra que gera e luta pela vida e a realidade social em que vivemos, com as questões do consumo, além da visão antropocêntrica que possuímos e onde se encontra a nossa esperança e o futuro.

2.1

Ser humano e criação: relação e cuidado

O que se pode dizer hoje da relação do ser humano com a natureza, com o mundo onde habita e constrói sua história? Como nos entendemos integrados na criação e qual sua importância e relevância em nossa existência? São perguntas que precisamos fazer, em especial nesse momento, quando o planeta Terra mostra visíveis feridas, causadas pelo ser humano, que podem ser irreversíveis, ameaçando não só sua existência, mas como a de toda a humanidade.

Ao ler a Carta aos Romanos, escrita há dois milênios, em tempo muito diferente do nosso, em que as questões eram outras, podemos refletir sobre o que Paulo escreveu. Quando pensamos nos problemas da época de Paulo e nos que enfrentamos hoje, vemos que há correlação. Encontramos no texto bíblico um chamado para o cuidado/responsabilidade e para a importância da criação, situação para nós tão emergencial! Paulo já chamava a atenção para nossa participação responsável para com a criação. Precisamos ter a consciência, conforme já indicava o apóstolo, que o ser humano não está à parte da criação, mas junto a ela, faz parte dela, e também ela espera a salvação.

Eu entendo que os sofrimentos do tempo presente nem merecem ser comparados com a glória que deve ser revelada em nós. De fato, toda a criação está esperando ansiosamente o momento de se revelarem os filhos de Deus. Pois a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua livre vontade, mas por sua dependência daquele que a sujeitou; também ela espera ser libertada da escravidão da corrupção e, assim, participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus. (Rm 8,18-21)

“Estamos caminhando para o sábado da eternidade, para a nova Jerusalém, para a casa comum do Céu” (LS n.243). Essa afirmação do papa Francisco na encíclica *Laudato Si'*, nos leva a questionar o nosso posicionamento diante da realidade. Como seres humanos que somos, precisamos ter uma postura fraterna com todo o cosmos criado. Fomos criados à imagem e semelhança de Deus, do Criador, por isso é depositada em nós uma responsabilidade e um compromisso que

se faz ético, pois passa a assumir a questão do coletivo diante de todo esse mundo. A responsabilidade do cuidado amoroso é exigência de participação inserida na categoria de imagem e semelhança que nos é dispensada pelo próprio Deus de amor, ao assim nos criar. Torna-se imperativo ao ser humano a administração e o zelo por todos os dons recebidos, cabendo a ele fazer crescer, frutificar e multiplicar as graças dispensadas à criação. Diante disso, gostaríamos de questionar nosso comportamento e nossa responsabilidade para com a nossa casa comum.

Podemos perguntar como nossa responsabilidade com a nossa casa comum tem acontecido no processo histórico? Como temos nos comportado, como seres humanos que somos, diante da realidade presente? O que devemos fazer para que o projeto de Deus em nós se realize? Essas são perguntas emergentes.

O planeta sofre os danos causados pelos seres humanos especialmente nos últimos séculos. O desenvolvimento tecnológico, industrial e a produção humana parecem ter feito o ser humano virar as costas para a natureza, ou melhor dizendo, ele a tem percebido como depósito de riquezas e *comodities* para seu domínio e bem-estar, usufruindo de seus recursos de maneira desmedida e irresponsável, em prol do desenvolvimento, progresso e crescimento econômico. O primeiro sintoma dessa situação desastrosa é o menosprezo pelos seus semelhantes, pelos seres humanos que sofrem a miséria causada pela diferença entre ricos e pobres.

Falemos um pouco sobre esse primeiro sintoma – o menosprezo pelos seus semelhantes: ao favorecer o estado de miséria, é verificado o aumento da diferença cada vez mais evidente entre ricos e pobres, o que traz injustiças e desigualdades. Muitos argumentariam, pelo menos em termos monetários, que a humanidade nunca foi tão rica. Nós vivemos num mundo cheio de maravilhas que nossos antepassados recentes, há apenas um século atrás, teriam dificuldade em imaginar: viagens e comunicação rápidas, medicina sofisticada, mecanismos facilitadores de trabalho e confortos suntuosos. Algumas estimativas até dizem que há maior diversidade de produtos consumíveis que espécies de organismos viventes. Globalmente, os seres humanos agora produzem quase cinco vezes mais por pessoa que há um século.⁸

As palavras desenvolvimento econômico, progresso, crescimento e mercado, ligadas ao consumo, e as *comodities* se tornaram usuais, cotidianas ao cidadão do

⁸ HATHAWAY, M.; BOFF, L., O Tao da Libertação, p.52.

mundo. A vida atual para eles é regulada e construída visando em primeiro lugar seu sucesso econômico. As corporações vigoram, são as reguladoras do mercado de trabalho e controlam a economia com seu crescimento ilimitado e indiferenciado, gerando o mau desenvolvimento. Segundo Hathaway e Boff: “As quinhentas maiores corporações do mundo empregam 0,05% da população humana, mas elas controlam 25% da economia global”⁹. São também as responsáveis de cerca de 70% do comércio internacional, se fazendo presente na vida cotidiana das pessoas e ditando as regras do “bem-estar”¹⁰ no mundo. No entanto, este estilo de viver que se impõe de forma dominante e colonizadora causa a desigualdade social devido à má distribuição de renda que paulatinamente gera situação de maior exclusão. Isso aumenta o abismo do resgate social das camadas menos favorecidas, além de usurpar a natureza com o extrativismo desmedido como se essa fosse apenas fonte de matéria prima para a fabricação de bens de consumo.

Além de promover um paradigma de economia global que torna a proteção do meio ambiente e do trabalhador praticamente impossível, as corporações transnacionais são responsáveis por muitas das atividades destruidoras da natureza. Tais corporações produzem mais da metade dos combustíveis fósseis e são também diretamente responsáveis por mais da metade das emissões de gases de efeito estufa. Além disso, as corporações transnacionais produzem quase a totalidade das substâncias químicas que destroem a camada de ozônio. Elas também controlam 80% das terras usadas para a produção de culturas para a exportação. Apenas vinte das corporações transnacionais são responsáveis por 90% do comércio de pesticidas (...) e vale notar que algumas corporações transnacionais como a General Electric, a Mitsubishi e a Siemens têm grandes interesses em usinas nucleares.¹¹

O ser humano comum trabalha iludido com o bem-estar pregado pelo sistema que vai se impondo culturalmente. Ele cede ao consumo, coisificando a vida em detrimento da superficialidade, da alegria de possuir os produtos por ele mesmo fabricados (ou não) que utilizam a natureza como matéria-prima, material para construir a sua “arte”. Por causa dessa “arte” muitas vezes são geradas a destruição e a decadência da humanidade. Palavras duras, porém concretas e reais, e para não fugir a um vício, a uma regra histórica, os pobres são sempre os mais prejudicados,

⁹ HATHAWAY, M.; BOFF, L., O Tao da Libertação, p.83.

¹⁰ Bem-estar favorecido pelo conforto para aqueles que a esses tem acesso. Tecnologias usadas no cotidiano que se tornam comuns, passando até a serem consideradas necessárias para a vida, especialmente nos centros urbanos. Por exemplo: calefação, ar-condicionado, micro-ondas, computador pessoal, telefone etc. Podemos aqui fazer uma comparação com o bem-viver, que Francisco fala no documento sobre o sínodo da Amazônia, em que define um modo de vida sóbrio e sustentável em harmonia com a natureza nos parágrafos de números 9, 55, 84 entre outros.

¹¹ HATHAWAY, M.; BOFF, L., O Tao da Libertação, p.84.

sendo na maioria das vezes destituídos da sua própria humanidade. Faz-se necessário despertar, olhar para o futuro, compreender os erros do presente e priorizar a beleza, a dignidade, o respeito à vida. Compreender que somos, de tudo e de todos, interdependentes. O cosmos criado por Deus nos acolhe como parte integrante de sua realidade, nos provê o necessário para a vida. Nada somos sozinhos, somos também frutos da criação. Historicamente, nós encontramos uma realidade construída por nossos antepassados, somos seres de cultura, frutos de hábitos e costumes, de experiências fundantes, alicerces de nossa identidade individual, comunitária e social.

2.2

A tecnologia e o bem-estar social

A tecnologia tem como finalidade o progresso, melhorar permanentemente o que já se alcançou, tornar a vida mais confortável, mais fácil, mais feliz para o ser humano. Mas é preciso refletir se com esse processo histórico da tecnologia o objetivo está sendo alcançado. É evidente que o desenvolvimento de pesquisas tecnológicas favoreceu muito o ser humano, principalmente nesse último século.

A humanidade entrou em uma nova era em que o poder da tecnologia nos põe diante de uma encruzilhada. Somos herdeiros de dois séculos de ondas enormes de mudanças: a máquina a vapor, a ferrovia, o telégrafo, a eletricidade, o automóvel, o avião, as indústrias químicas, avanços espetaculares na medicina, a informática e, mais recentemente, a revolução digital, a robótica, as biotecnologias e as nanotecnologias. É justo que nos alegremos com esses progressos e nos entusiasmemos à vista das amplas possibilidades que nos abrem essas novidades, porque como indica Francisco, na *Laudato Si'*, “a ciência e a tecnologia são um produto estupendo da criatividade humana que Deus nos deu” (LS n.102).

A tecnologia conseguiu aumentar a longevidade e gerou novos recursos que auxiliam a vida, promovendo-a a uma realização mais plena. Por exemplo, o casamento entre a medicina e a engenharia não só criou aparelhos sofisticadíssimos para diagnósticos precisos, como também equipamentos que auxiliam pessoas com deficiências físicas a realizarem atividades que, por alguma razão, estavam impedidos, a exemplo dos sofisticados aparelhos auditivos, próteses de membros e

equipamentos de realidade virtual. No entanto, essa dinâmica de uso da natureza nem sempre trouxe resultados satisfatórios à manutenção e preservação da natureza.

As ciências modernas leem a natureza com interesses antropocêntricos: a natureza terrestre deverá tornar-se a pátria da humanidade, os seres humanos tornarem-se habitantes da terra. A natureza deverá encontrar seu futuro na cultura da humanidade, por quem é dominada, usada e preservada.¹²

O pensamento humano tem se dirigido a essa direção, os recursos naturais foram usados de maneira irresponsável, preocupando-se com soluções imediatas que atendem prioritariamente o mercado e as grandes indústrias e não o ser humano e as ciências, fruto da inteligência e criatividade humanas. Orientam seus esforços para o progresso e o desenvolvimento que atende as necessidades do mercado e do capital, esquecendo-se não só da criação mas de si próprios, seres humanos, que negligenciados acabam se tornando escravos de um sistema econômico que não visa mais o bem-estar do ser humano e do planeta como um todo, mas sim o crescimento econômico, que parece ter tomado o lugar de senhor da vida de toda a Terra. Ao contrário do que ocorre, as ciências e as tecnologias que são fruto da inteligência e criatividade humanas, dons de Deus, precisam ser utilizadas para o crescimento e desenvolvimento de nossa humanidade. O que entra em questão aqui é seu desvio, sua utilização para a elaboração de equipamentos que, ao invés de favorecerem a vida, favorecem a morte. As ciências e a tecnologia parecem estar preocupadas com o produto e seu consumo, desenvolvem equipamentos que trazem muito pouco, ou em muitos casos nenhum, benefício ao ser humano. O caso mais evidente seria o do desenvolvimento da indústria armamentista, que realiza pesquisa para equipamentos de guerra, se utilizando de recursos humanos e naturais para algo que, ao invés de construir, destrói. Estes são produtos geradores de miséria, dor e sofrimento. Produtos que matam e que se alimentam da morte.

Quando o homem comum toma consciência de que quase a metade dos cientistas e técnicos do mundo se dedicam a invenção, aperfeiçoamento e produção de armamentos, não pode deixar de ficar estarecido. E mais ainda quando toma conhecimento da capacidade monstruosa de destruir a vida na Terra com armas nucleares que hoje uma minoria de burocratas e técnicos possuem. Estas constituem uma ameaça gravíssima para a sobrevivência do ser humano na terra. Por outra parte as armas nucleares e as convencionais, a enorme quantidade de recursos humanos,

¹² MOLTSMANN, J., A Ressureição na Vida Presente, p.82.

científicos e financeiros destinados à indústria da morte, tudo isto constitui “intolerável escândalo” diante da miséria em que vivem tantos pobres.¹³

Enquanto as indústrias se preocupam com o lucro e o crescimento próprio, o planeta vai sendo depauperado, abatido, naquilo que é o mais fundamental para a sobrevivência do próprio ser humano: são destruídos os ecossistemas mais ricos do planeta, as florestas tropicais vão diminuindo em área e conseqüentemente em diversidade, trazendo a extinção a uma grande variedade de espécies animais e vegetais fundamentais para o equilíbrio da natureza. Os oceanos, que constituem em superfície a maior parte do planeta e, conseqüentemente, também flora e fauna abundantes, estão sendo ameaçados, tratados como um grande depósito de lixo, sem falar nos experimentos nucleares que neles ocorreram nas últimas décadas.¹⁴

Pelo menos um terço de todo gás carbônico e 80% do calor que está sendo gerado por mudanças climáticas são absorvidos pelos oceanos. Como resultado disso, a acidez, a quantidade de gelo, o volume e a salinização dos mares podem eventualmente alterar as correntes oceânicas as quais tem uma influência imensa no clima planetário.¹⁵

Falamos do aquecimento global, mas na realidade há muito mais em jogo do que apenas alterações climáticas. Ecossistemas marítimos foram destruídos e a metade restante está em perigo. Será que o ser humano não percebe que isso afeta sua própria existência? Fascinado com sua produção e desenvolvimento, o ser humano atual está focado no produto de sua criação, preso à sua arrogância prioriza com vaidade o sucesso e o poder ilusório do dinheiro.

¹³ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na Pluralidade*, p.537.

¹⁴ Presentes em 71% da superfície da Terra, os oceanos são essenciais para o equilíbrio do clima do planeta absorvendo as emissões de CO². Em suas águas vivem milhões de espécies em um ecossistema ainda não todo conhecido pela ciência que se encontram ameaçadas de extinção devido à pesca exploratória, poluição de plásticos, combustíveis fósseis, lixo químico e atômico. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/oceanos/>; <https://marsemfim.com.br/animais-marinhos-ameacados-de-extincao/>; <https://marsemfim.com.br/mares-e-oceanos-mais-poluidos/>; <https://oceanservice.noaa.gov/facts/pollution.html>. Acesso em: 12 set 2019.

¹⁵ HATHAWAY, M.; BOFF, L., *O Tao da Libertação*, p.55. Pesquisas indicam que o aquecimento global está associado ao derretimento das calotas polares, o que causa elevação do nível dos oceanos e ameaça a vida de milhões de pessoas. Secas, furacões, enchentes e vários outros fenômenos naturais que levam à fome e destruição de cidades também são reflexos diretos do aquecimento global. (Disponível em: <https://www.fragmaq.com.br/blog/sao-consequencias-aquecimento-global/> Acesso em: 18 mar 2020)

2.3

A vida colonizada pelo poder econômico do dinheiro

Considerada como ciência, a economia tem como finalidade produzir, distribuir e consumir riqueza, e ainda mais claramente, ser a arte de fazer dinheiro. Ela, todavia, por conta de sua origem semântica – da palavra grega *oikonomia* –, deveria ter como objetivo o cuidado e o gerenciamento, a administração da casa, comunidade ou sociedade e, porque não dizer, a Terra, nossa grande casa comum. A palavra economia tem inclusive a mesma raiz da palavra ecologia. No entanto, o que vemos como economia hoje está relacionado ao crescimento e desenvolvimento de um mercado financeiro e de *comodities* que regem o mundo de maneira não administrativa – no sentido de distribuir os recursos de maneira equitativa – mas como gerente de um mercado financeiro que se alimenta dos recursos humanos e naturais e que rege o mundo numa colonização ilusória de progresso e desenvolvimento. A humanidade toda sofre as consequências desse grande “Leviatã”¹⁶ que emerge e tudo devora. O dinheiro passa a ser a medida do sucesso pessoal e corporativo, a realização humana é equivocadamente transferida para o sucesso profissional, também medido pela conta bancária. Mesmo as nações são diferenciadas entre si pelos índices criados por esse sistema financeiro, que vai medir seu crescimento e desenvolvimento. A preocupação dos governos atuais, em especial dos países em desenvolvimento, é finalizar o ano com um PIB positivo, em ascensão. Precisamos nos questionar, no entanto, no que reflete à população esses índices? Será que a promoção de vida, de cultura, de educação ou de saúde está representada nesses índices econômicos?

Então o desenvolvimento (...) deve ser repensado de maneira qualitativa ao invés de quantitativa; especialmente se as quantidades medidas (por exemplo, quando dinheiro e PIB são usados como medidas) são questionáveis. Assim, desenvolvimento cessa de valorizar a conveniência e o lucro de curto prazo dos poucos, e passa a valorizar a melhora da qualidade de vida de todos os seres humanos e de todas as criaturas da Terra em longo prazo. Talvez nós tenhamos de criar um novo conceito que seja desassociado da negatividade agora encapsulada pelo termo

¹⁶ Monstro marinho do caos primitivo, mencionado na Bíblia (Is 27,11; Jó 3,8;41,1) e cujas origens remontariam à mitologia fenícia. Hobbes usa como metáfora do poder do Estado, como soberano absoluto e com poder sobre seus súditos que assim o autorizam através do pacto social. A metáfora do monstro devorador também pode ser válida hoje para os poderes e estruturas desumanizadoras que se colocam acima da vida humana. O mercado e o poder econômico, estruturas políticas que estabelecem a opressão, quando não a escravidão, usurpando do ser humano a ele subjugado qualquer possibilidade de libertação. Podemos assim chamar essas estruturas de monstro que se alimenta da miséria e opressão. Força no mundo que nos está dominando.

desenvolvimento. Alguns estudiosos agora falam em termos de “desenvolvimento sustentável”. Na teoria isso significa o desenvolvimento que não põe em perigo o bem-estar das futuras gerações; entretanto, na prática o desenvolvimento parece ter prioridade sobre a sustentabilidade.¹⁷

A dependência dos países ocidentais por esses indicativos de desenvolvimentos como o PIB gera uma problemática séria. Esses índices falham em não valorizar as tradicionais economias de subsistência, voltadas para a produção imediata e consumo local – a exemplo da pesca e agricultura de subsistência entre outras – que a olhos pouco atentos se encontram em áreas menos desenvolvidas, mas que beneficia tempo para a família, para contemplar a vida em comunidade, adquirindo qualidade de vida através de atividades criativas e lúdicas, isso sem a necessidade de muita troca monetária. “Do ponto de vista distorcido da economia moderna, a ausência de dinheiro é interpretada como pobreza, como um ‘problema’ que tem que ser ‘curado’”¹⁸. A maioria das vezes a sede de desenvolvimento regida pelo poder econômico destrói as culturas locais e seu estilo de vida saudável e sustentável, criando a pobreza material real, ou seja, a miséria, deixando de valorizar o que é necessário à vida em detrimento de “bens” instituídos como prova de desenvolvimento e aprimoramento social.¹⁹

Então a “cura” prescrita pelo desenvolvimento é a criação de megaprojetos, o cultivo de culturas para exportação e o aumento da exploração de recursos naturais. Todas essas medidas aumentam o fluxo monetário, mas também afetam a população pobre e seu modo de vida. As mulheres são geralmente as mais afetadas por essas mudanças.²⁰

Esses megaprojetos são geralmente desenvolvidos pelas grandes corporações e suas subsidiárias que, vendo a possibilidade do lucro, planejam suas instalações em lugares promissores. Oferecem vantagens não só aos governos – locais e nacionais – mas também à população, gerando a expectativa de projetos sociais que geralmente não saem do papel. E mesmo que sejam executados, são muito insuficientes frente à proposta inicial. Porque o lucro tem que vir sempre em primeiro lugar.

¹⁷ HATHAWAY, M.; BOFF, L., O Tao da Libertação, p.81.

¹⁸ HATHAWAY, M.; BOFF, L., O Tao da Libertação, p.76.

¹⁹ O Sínodo da Amazônia vem levantar essa questão nos parágrafos 43, 65, entre outros, quando indica que devemos valorizar e aprender com nossos irmãos e irmãs dos povos originários, dialogar com seus saberes, buscando o desenvolvimento justo e solidário, propondo assim novos caminhos para cuidar de nossa casa comum.

²⁰ HATHAWAY, M.; BOFF, L., O Tao da Libertação, p.77.

Os problemas de crescimento, de “mau desenvolvimento” e de governança corporativa são piorados por um sistema financeiro parasita que continuamente muda o foco econômico de produção e distribuição de bens e serviços para a procura de lucros a partir de manipulações financeiras.²¹

O objetivo das corporações é crescer, esse crescimento que é consequência do lucro derivado de custos baixos e alta rentabilidade. Às custas de quem? Essa é a pergunta. De quem é a responsabilidade sobre os seres humanos lesados ou explorados por essas corporações? Quem são os responsáveis? Seus executivos? E para quem respondem? Para um conselho representativo de acionistas, sem identidade, que não interagem entre si. Nunca se viram e estão espalhados por todo o planeta, já que são componentes de uma sociedade anônima. Os seus presidentes, e diretores, seriam então os responsáveis legais?

Muitos observadores notam que muitos dos problemas relacionados ao nosso atual modelo corporativo pode ser traçado quando os tribunais dos Estados Unidos (e depois de outras nações) deram às corporações o direito de serem consideradas “pessoas de direito”. Em decorrência disso, outros direitos foram dados, incluindo o direito de liberdade de expressão e de participação política.²²

Com esse direito, as corporações não só protegem a responsabilidade de seus executivos – passando a responsabilidade a uma entidade abstrata – como também adquirem um poder fora de controle. Mesmo os seus dirigentes são transitórios, podendo ser substituídos por outro mais eficiente, que possa trazer a possibilidade de maior rentabilidade. De acordo com Hathaway e Boff, “as corporações hoje existem como ‘seres à parte’ sem ligações com pessoas ou lugares”,²³ e para continuar “vivendo” só precisam alcançar suas metas de manter a sua receita igual a suas despesas a longo prazo.

As corporações que adquiriram status de pessoas de direito e têm o poder sobre a economia mundial têm a capacidade de influenciar políticas que favoreçam seu crescimento. Regras econômicas encapsuladas em acordos são defendidas por instituições responsáveis pelo comércio e investimentos visando seus interesses, podendo até serem consideradas como um tipo de declaração dos seus direitos corporativos. Com essa soberania e poder, ficou muito difícil, tanto para os

²¹ HATHAWAY, M.; BOFF, L., O Tao da Libertação, p.89.

²² HATHAWAY, M.; BOFF, L., O Tao da Libertação, p.86.

²³ HATHAWAY, M.; BOFF, L., O Tao da Libertação, p.87.

governos como para os cidadãos, a proteção do planeta e do bem-estar social. Seus próprios executivos não têm o controle sobre elas, agem como peças de uma gigantesca engrenagem que se movimenta de maneira dinâmica, se apoderando do que estiver ao seu alcance.

O sistema financeiro mundial pode ser, de certa maneira, entendido como um parasita que suga a vida da economia real, isso não quer dizer que investimentos não são necessários; de fato, investimentos produtivos que geram empregos com salários adequados e que respeitam os limites da sustentabilidade do meio ambiente são geralmente necessários para se produzir inovações genuínas e progresso. Entretanto, a maioria dos investidores do mundo parece estar envolvida num tipo de investimento extrativista (*extractive investment*) que não cria riqueza, mas simplesmente extrai e concentra a riqueza existente.²⁴

A lógica do mercado dita as regras, comanda o jogo como se fosse alguém, como se fosse uma pessoa, como se fosse um deus autoritário, sedento do vigor e da vida não só humana – que se ilude acreditando estar evoluindo –, mas do próprio planeta, levando-o a um sofrimento que pode vir a ser fatal à humanidade, se essa não despertar em tempo hábil para transformar a realidade existente. Impedir a catástrofe é desafio de todos em conjunto, faz-se necessário iniciar e estimular um processo de conversão da consciência em cada um. Precisamos voltar o olhar para a Terra que nos nutre e alimenta, que nos dá a sobrevivência e tudo o que necessitamos para viver. Terra generosa, espelho do amor de Deus. Terra que gera vida, que cria condições, que possibilita a nossa existência. Terra mãe.

A natureza não precisa que a humanidade organize sua vasta complexidade e biodiversidade. A humanidade acha seu lugar quando vive em comunhão com a comunidade da vida e se entende como um elo nessa grande teia. É verdade que a humanidade é um elo único, visto que possui uma consciência que lhe permite agir (se assim o quiser) de maneira ética e responsável, mas é também verdade que como um dos últimos elos da humanidade depende de todos os outros que vieram antes.²⁵

Precisamos olhar para o meio ambiente, o cosmo à nossa volta com respeito, gratidão, com amor. A terra nos acolhe, somos parte dela, comungamos com ela todos os seus elementos e deles necessitamos cotidianamente para a nossa sobrevivência. Somos dela dependentes assim como de todas as criaturas que interagem no sistema orgânico da natureza como uma cadeia, como uma rede que equilibra o cosmo e quanto maior a diversidade, mais rica é a realidade. “O respeito

²⁴ HATHAWAY, M.; BOFF, L., O Tao da Libertação, p.92.

²⁵ HATHAWAY, M.; BOFF, L., O Tao da Libertação, p.414.

implica reconhecer que outros seres são mais antigos que nós e, por essa razão, merecem existir e coexistir conosco. Quando os respeitamos colocamos limites em nosso poder sobre os outros e em nossa arrogância”.²⁶ Precisamos também respeitar a história humana aqueles que vieram antes de nós, que prepararam para nós a realidade em que vivemos e por isso também pensar na nossa responsabilidade com as gerações que virão depois de nós.

Hans Jonas vai trazer a questão da responsabilidade à reflexão, a necessidade de pensarmos nas decorrências de nossos atos, de como medimos as consequências do que fazemos e como construímos a história. Somos seres limitados, situados em um momento histórico preciso, em lugar determinado. No entanto, é necessário pensar nas consequências de nossas ações. Usando uma reflexão de Hans Jonas:

Ninguém é julgado responsável pelos efeitos involuntários posteriores de um ato bem-intencionado, bem refletido e bem executado. O braço curto do poder humano não exigiu qualquer braço comprido do saber, passível de predição; a pequenez de um foi tão pouco culpada quanto a do outro. Precisamente por que o bem humano, concebido em sua grande generalidade, é o mesmo para todas as épocas, sua realização ou violação ocorre a qualquer momento, e seu lugar completo é sempre o presente.²⁷

É necessária a compreensão de nosso papel histórico, de nosso propósito como seres humanos, dotados de razão e consciência. Nosso momento de agir, de ser é o momento presente, é no aqui e agora que iniciamos processos e não temos controle efetivo de seus resultados nem de seu desenvolvimento. Plantamos as sementes, mas não temos condições de saber como serão as árvores. Podemos prever as possibilidades que podem surgir em seu desenvolvimento, mas não com a certeza de sua realização segundo nossas expectativas. Aí entra a esperança da realização da possibilidade almejada. No entanto, para essa possibilidade se tornar realidade, é necessário empenho, trabalho, cuidado para que isso se realize. Voltando à metáfora da árvore, é necessário adubar, cuidar do solo para que seja profícuo para seu desenvolvimento. Mesmo assim, a certeza não é possível, por isso, é preciso ter esperança, semear, trabalhar para construir um futuro. O processo histórico é processo de evolução humana, social e cultural.

Em um entendimento teológico cristão, podemos falar em história de salvação. Devemos nos orientar na direção de um mundo melhor e mais fraterno,

²⁶ HATHAWAY, M.; BOFF, L., O Tao da Libertação, p.414.

²⁷ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p.37.

em acordo com o projeto de amor do Pai e, em processo, caminhar em direção ao Reino de Deus. Devemos procurar deixar para as gerações futuras uma contribuição histórica, amorosa para que possam dar continuidade a esse processo. É necessário então, hoje, promover o cuidado e a sustentabilidade da nossa casa comum.

2.4 Cuidado ou descaso

Somos seres de criatividade e razão, desenvolvemos tecnologias e estudos científicos que estão relacionados às mais diversas áreas do saber humano. Conseguimos não só voar e transpor as distâncias entre os continentes do planeta, como também desenvolver tecnologias capazes de lançar o ser humano no espaço para maior e melhor conhecimento do universo à nossa volta. Mergulhamos como os peixes, vencemos as profundezas e somos capazes de explorar até mesmo o fundo dos oceanos. Mas precisamos refletir sobre os efeitos desses progressos, desse desenvolvimento e suas consequências. Entra, então, em questão o cuidado, que é dinâmica de caridade, podemos dizer que cuidar é querer o bem, valorizar a vida. Todos os seres vivos têm seu valor intrínseco, têm valor por existir. Pelo fato de expressar algo que lhe é próprio. Toda a criação é expressão do Criador, sua manifestação. Ao percebermos seu valor podemos experimentar crescer em nós o sentimento de reverência e veneração. O papa Francisco convida a essa reflexão:

Para que apareçam novos modelos de progresso precisamos “converter o modelo de desenvolvimento global”, e isto implica refletir responsabilmente sobre o sentido da economia e dos seus objetivos, para corrigir as suas disfunções e deturpações”. Não é suficiente conciliar, a meio termo, o cuidado da natureza com o ganho financeiro, ou a preservação do meio ambiente com o progresso. Nesse campo, os meios-termos são apenas um pequeno adiamento do colapso. Trata-se simplesmente de redefinir o progresso. Um desenvolvimento tecnológico e econômico que não deixa um mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior, não se pode considerar progresso. (LS n.194)

Certamente, vencemos barreiras com as pesquisas científicas e com a tecnologia, mas a que custo, e com que abrangência? Essa pergunta define que tipo de desenvolvimento queremos, se é sustentável ou se estamos esgotando o nosso planeta sem pensar nas consequências futuras. O papa Francisco fala em redefinir o progresso, ponderar a real importância das coisas e de suas aplicações. As comodidades e os confortos, o progresso e o desenvolvimento são bons, mas

depende como lidamos com eles. O ser humano tem agido de maneira descuidada, negligente, completamente diferente do que exorta Francisco. Para exemplificar, não podemos deixar de mencionar os sucessivos eventos trágicos ocorridos em Minas Gerais no espaço dos últimos anos (2015-2019). Em 2015²⁸, a barragem construída pela Samarco, subsidiária da Vale do Rio Doce, ao se romper, destruiu tudo por onde passaram seus dejetos, transformando a área em um mar de lama poluída por resíduos químicos da mineração. Uma catástrofe ambiental inimaginável até então, que além de grande destruição levou dezenove vidas humanas. Ainda nos primeiros dias de 2019, a mesma empresa responsável, a Vale do Rio Doce, repetiu o ocorrido em Brumadinho²⁹, também em Minas Gerais, desta vez levando a cabo centenas de vítimas. Os danos são irreparáveis. Famílias choram seus entes queridos, filhos perdem seus pais, mães choram seus filhos desaparecidos soterrados pelo mar de lama. A natureza sofre e geme por mais uma grande ferida aberta na “carne”, também chora, à sua maneira, a dor causada pela inconsequência humana. Inconsequência gerada pela ganância irresponsável que vê no crescimento econômico, apenas no progresso e no desenvolvimento técnico a melhoria da sociedade. Se pudéssemos acreditar nisso, já seria triste o suficiente, mas quando pensamos na insensibilidade humana em relação ao meio ambiente, à natureza como um todo, vemos atitude que supera a indiferença, que chega quase à beira do desprezo³⁰, o que nos entristece ainda mais. No entanto, o que fica evidente é a falta de amor ao próprio semelhante, a falta de valor da vida humana. O progresso e o desenvolvimento tão defendidos pelos processos econômicos visam sim o mercado, um sistema alimentado pelo trabalho, pelo esforço humano, apesar de não haver

²⁸ Em 5 novembro de 2015, ocorreu em Mariana, Minas gerais, o pior acidente da mineração brasileira até então, sob responsabilidade da mineradora Samarco, que é controlada pela Vale do Rio Doce e pela BHP Billiton. A tragédia ocorreu após o rompimento de uma barragem (Fundão), provocou uma enxurrada de lama que devastou o distrito de Bento Rodrigues, deixando um rastro de destruição à medida que avança pelo rio Doce. Deixou pessoas desabrigadas, com pouca água disponível, sem contar aqueles que perderam a vida na tragédia. Além disso, há os impactos ambientais, que são incalculáveis e, provavelmente, irreversíveis. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/biologia/acidente-mariana-mg-seus-impactos-ambientais.htm>. Acesso em: 12 set 2019.

²⁹ O acidente que causou grande desastre ambiental, ocorreu no município de Brumadinho, região metropolitana de Belo Horizonte no dia 25 de janeiro de 2019. A Barragem 1 da Mina Córrego do Feijão, da mineradora Vale do Rio Doce, rompeu, desencadeando uma avalanche de lama, que destruiu a comunidade próxima e construções da própria Vale. O terrível mar de lama não causou apenas prejuízos financeiros e ambientais, sendo responsável também pela morte de centenas de pessoas. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/numeros-atualizados-de-brumadinho-110-mortes-e-238-desaparecidos>; <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/biologia/desastre-ambiental-brumadinho.htm> Acesso em: 12 set 2019.

³⁰ Dizemos “quase” porque ainda vê, na natureza, utilidade como matéria-prima para seus produtos.

nesta estrutura nada além de energia mobilizadora para seu crescimento. Sobre isso alerta Leonardo Boff:

Cresce dia a dia a consciência de que há uma lógica perversa e inimiga da vida em funcionamento irrefreável: a vontade de acumular bens materiais de forma ilimitada à base de uma sistemática exploração de tudo o que é possível neste planeta. A lógica que explora as pessoas, as classes e submete os povos aos interesses de uns poucos países ricos e poderosos é a mesma que depreda a Terra e espolia suas riquezas naturais, sem solidariedade para com o restante da humanidade e para com as gerações futuras. Ela é cruel e sem piedade até para com seus filhos e netos que ainda virão.³¹

Como ficar impassíveis diante dessas tragédias, em Mariana e agora em Brumadinho? Em Mariana, além das dezenove vidas, mais de seiscentos quilômetros de poluição e devastação ambiental, que transformaram o rio Doce em rio de morte. Brumadinho, centenas de vítimas e um mar de poluição que se estende por quilômetros, alcançando o Rio Paraopeba que também deixa de ser fonte de vida. A pergunta que precisa ser feita é: o que leva o ser humano a agir de maneira tão irresponsável? A tamanho descaso? Famílias destruídas, áreas devastadas, a terra geme o descaso humano e expõe sua ferida como forma de protesto e memória de algo anunciado. Poderíamos acrescentar a perda de centenas de vidas e uma devastação regional de quase três mil quilômetros quadrados em Brumadinho. Sobre este assunto, na carta encíclica *Laudato Si'*, Francisco recupera esta mensagem dos bispos da região da Patagônia³²:

Constatamos frequentemente que as empresas que assim procedem são multinacionais, que fazem aqui o que não lhes é permitido em países desenvolvidos ou do chamado primeiro mundo. Geralmente quando cessam suas atividades e se retiram, deixam grandes danos humanos e ambientais, como o desemprego, aldeias sem vida, esgotamento de algumas reservas naturais, desflorestamento, empobrecimento da agricultura e pecuária local, crateras, colinas devastadas, rios poluídos e algumas poucas obras sociais que já não se podem sustentar. (LS n.51)

Essas realidades se repetem por toda a Terra, situações de descaso e injustiças, situações em que o lucro passa à frente da vida. Precisamos refletir diante dessas realidades sobre o tipo de sociedade que queremos construir e qual o papel que devemos desempenhar. Ainda na *Laudato Si'* encontramos a afirmação de que “as soluções não podem vir de uma única maneira de interpretar e transformar a

³¹ BOFF, L., *Ecologia*, p.9.

³² Bispos da região da Patagônia-Comahue (Argentina), *Mensaje de Novidad* (dezembro 2009), 2.

realidade. É necessário recorrer também as diversas riquezas culturais dos povos” (LS n.63). Diante disso, perguntamos: Que futuro desejamos para a humanidade? Qual a nossa participação histórica para que esse futuro se realize? Somos pequenos diante do sistema, mas isso não nos isenta da responsabilidade nem suprime a nossa esperança: lutar pela natureza é lutar também pela vida humana, unidos em comunidade podemos iniciar processos que podem se desenvolver em movimentos transformadores, geradores de justiça, de vida. Cobrar de nossos governantes, resistir à acomodação, denunciar as injustiças e testemunhar a esperança é o caminho da construção histórica da criação idealizada por Deus, do Reino. Faz-se necessário ser criativo e amoroso, procurar soluções alternativas, que muitas vezes, por sua simplicidade, são menosprezadas, passam despercebidas. Estamos em tempo de valorizar a sabedoria popular, de olhar com generosidade para as culturas tradicionais³³ e, suspendendo julgamentos científicos, observar como se desenvolveram e subsistiram tantas culturas consideradas, pelas ciências, primitivas. Olhar com carinho para o modo de viver dos aborígenes, dos povos tradicionais e nativos e reconhecer que temos muito a aprender com eles, especialmente no que se refere à comunhão com o ecossistema.

2.5 Terra que gera e luta pela vida

A Terra e tudo o que ela encerra, assim como todo o universo, o cosmos que nos envolve, buscam um equilíbrio como organismo vivo e cheio de vida que se movimenta para alcançá-lo. As órbitas planetárias, as constelações, as galáxias são belezas que contemplamos de baixo. O cosmo como um todo é responsável pela manutenção da vida no planeta e faz bem o seu papel e, de maneira direta e indireta, contribui para a nossa existência. Organizado em uma lógica dinâmica, o universo em curso anima e influencia nossa vida no pequeno planeta azul, troca energia, influencia o clima, as marés e, porque não dizer, inspira os poetas e os apaixonados. Francisco chama a nossa atenção para a necessidade de nossa relação amorosa com a natureza, o meio ambiente. Na *Laudato Si'*, afirma:

³³ O sínodo da Amazônia também vem chamar a atenção para esse assunto no parágrafo 71, onde fala da necessidade de buscar novos modelos econômicos alternativos, mais sustentáveis e amigáveis para com a natureza.

Na tradição judaico-cristã, dizer criação é mais do que dizer natureza, porque tem a ver com um projeto de amor de Deus, onde cada criatura tem valor e um significado. A natureza entende-se habitualmente como um sistema que se analisa, compreende e gere, mas a criação só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal. (LS n.76)

Da natureza somos completamente dependentes, mas parece que esquecemos disso. Precisamos da água limpa, indispensável para a vida humana, do oxigênio gerado pelo processo de fotossíntese, das florestas, dos sais minerais da terra, das vitaminas contidas nos vegetais etc. Tudo o que é necessário para viver nos é generosamente dado pela Terra, pela natureza e pelo cosmo. A luz do sol é indispensável para que se desenvolvam as plantas, para termos saúde, sintetizar vitaminas e minerais no organismo humano. Somos dependentes daquela que temos desprezado, coisificado e desvalorizado, a natureza, dom de amor de Deus. Seguindo o raciocínio da *Laudato Si'*:

O fato de insistir na afirmação de que o ser humano é imagem de Deus não deveria fazer-nos esquecer que cada criatura tem uma função e nenhuma é supérflua. Todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho sem medida por nós. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus. A história da própria amizade com Deus desenrola-se sempre em um espaço geográfico que se torna um sinal muito pessoal, e cada um de nós guarda na memória lugares cuja lembrança nos faz muito bem. Quem cresceu no meio de montes, quem na infância se sentava junto do riacho a beber, ou quem jogava em uma praça do seu bairro, quando volta a esses lugares sente-se chamado a recuperar a sua própria identidade. (LS n.76)

Carlos Mesters, ao receber o prêmio Soter/Libânio 2018³⁴, exemplificou o amor de Deus como a luz pequena que surge na escuridão, não aquela que aparece no fim do túnel, que vemos à distância, mas a que brota do profundo da escuridão e gera vida, possibilidades, que também é como o sol que surge a cada amanhecer nos proporcionando a cada dia um novo renascimento, gerando sempre possibilidades de mudanças e transformações. Ainda deu um outro exemplo, dizendo ser o amor de Deus similar ao amor conjugal dos amantes que geram vida nova. Questionamos, então, se estamos comungando com esse amante que se oferece em amor suplicante, gerando sempre novas perspectivas para nos seduzir, para que possamos enxergá-lo e nos entregar tão perdidamente ao ponto de não ter

³⁴ A premiação ocorreu no 31º Congresso da SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião) em julho de 2018, Belo Horizonte, MG. Mesters, em sua fala de agradecimento, exemplifica o amor de Deus e como se manifesta.

outro desejo senão agradá-lo e retribuir esse amor. No entanto, a ação humana no planeta, e porque não dizer também fora dele – já que o universo à nossa volta está cheio de detritos de satélites que já não servem mais girando em órbita em torno do planeta –, é de destruição do próprio meio onde vive e precisa viver.

Estas situações provocam gemidos da irmã terra, que se unem aos gemidos dos abandonados do mundo, como um lamento que reclama de nós outro rumo. Nunca maltratamos e ferimos nossa casa comum como nos últimos dois séculos. Mas somos chamados a tornar-nos instrumentos de Deus Pai para que nosso planeta seja o que ele sonhou ao criá-lo e corresponda ao seu projeto de paz, beleza e plenitude. (LS n.53)

A percepção do ser humano, hoje, é fundamentada na produção, não se leva em conta o grito da terra por socorro, o ser humano se percebe como um ser sobre as coisas, que pode dominar e manipular a natureza ao seu interesse. Não se compreende com a natureza, em comunhão com a Terra, como parte da criação. No dizer de Leonardo Boff: “como um membro de uma comunidade maior, planetária e cósmica”³⁵. Despreocupado com a sustentabilidade do planeta, o ser humano extrai da natureza o que quer, sem se dar conta do processo de destruição irreversível que pode estar gerando.

Percebemos, na realidade atual, uma falta de consciência por parte do ser humano, do que significa verdadeiramente ser humano, daquilo que o faz humano, ser, portanto, imagem e semelhança de Deus, criado por Ele e que, no ato criador, recebe o chamado de cooperar nesta criação, na responsabilidade de olhar e de gerir o mundo criado (Gn 1,26-27; 2,18-20). Lembramos, aqui, as relações básicas para que o ser humano possa se realizar em plenitude, vivendo na sua integralidade, isso é, em harmonia, as quatro relações fundamentais: em comunhão, numa relação de amor com Deus, com o outro, com a natureza e consigo mesmo. Isso implica viver na solidariedade e no amor. Significa viver na alteridade, respeitar as diferenças e as diversidades com quem se convive e se partilha a vida. Viver a interpelação cotidiana, cuidando dos mais frágeis e vulneráveis, valorizando e promovendo a vida. Viver em comunhão com a natureza, com o meio ambiente, onde a vida se realiza. Procurando se compreender como pessoa única e singular, com características próprias, em sua integralidade, percebendo suas limitações e fragilidades, mas tendo presente a consciência de ser criatura amada pelo Pai.

³⁵ BOFF, L., *Ecologia*, p.17.

Ainda na *Laudato Si'* podemos ler:

O descuido no compromisso de cultivar e manter um correto relacionamento com o próximo, relativamente a quem sou devedor da minha solicitude e proteção, destrói o relacionamento interior comigo mesmo, com os outros, com Deus e com a terra. Quando todas essas relações são negligenciadas, quando a justiça deixa de habitar na terra, a Bíblia diz-nos que toda a vida está em perigo. (LS n.70)

Na interação com a natureza, o ser humano tem assumido uma atitude arrogante, de dominador, que dela se apodera e manipula a seu bem entender, sem questionar as consequências futuras. Esse comportamento se desenvolveu no processo histórico. Com as primeiras descobertas científicas a natureza foi sendo, pouco a pouco, coisificada. O conhecimento científico especula e experimenta, porém, estuda partes, mas o que a ciência não se dá conta é que as partes só existem porque fazem parte de um conjunto em unidade, orgânico dentro de um sistema próprio, e que as partes são parte de um todo que não pode ser ignorado em seu conjunto, em sua integralidade. Muito ao contrário, tem que ser percebido e compreendido em sua dinâmica. As perspectivas das ciências são fragmentadas, porque não percebem o cosmos como um organismo, vivo, organizado e vibrante.

É o que diz Leonardo Boff:

Há um todo dinâmico e orgânico constituindo um sistema aberto. Ele se encontra ainda na gênese. Por isso, mais do que cosmologia deveríamos falar de cosmogênese. A evolução não se processa linearmente, mas em rupturas e saltos a ordens mais complexas e mais altas. O todo é uno e dinâmico, mas contém uma diversidade inimaginável de seres e de energias. Os seres, energias e as ordens são interdependentes. Tudo tem a ver com tudo em todos os pontos, circunstâncias e tempos. A interdependência revela a cooperação de todos com todos. Essa é a lei mais fundamental do universo: a sinergia, a solidariedade e a cooperação.³⁶

As atitudes destrutivas do ser humano são decorrência da negligência, da ambição e da passividade humanas. Uma arrogância que acredita dominar a natureza, mas não olha para o futuro. Não percebe as consequências que a própria humanidade vai sofrer em consequência dessa exploração desmedida. Uma atitude responsável deveria levar em consideração o desencadeamento de processos iniciados e suas possibilidades positivas e negativas para o desenvolvimento humano. De acordo com Hans Jonas: “para tomarmos uma decisão, deveríamos tratar como certo aquilo que é duvidoso, embora possível, desde que estejamos

³⁶ BOFF, L., *Ecologia*. p.221-2.

tratando de um determinado tipo de consequência”³⁷. No entanto, o ser humano também não está se conscientizando de seu próprio estado atual, de escravidão e dependência de um sistema opressor que ele mesmo construiu e alimenta. Sem perceber, nele se emaranhou e perdeu suas referências não se sabendo perdido. Não há mais tempo para a alegria das relações, tudo é medido pelo relógio, as jornadas de trabalho muitas vezes se estendem pelo final de semana e horários presumivelmente de folga. Até os altos executivos perderam sua privacidade e descanso. A vida é voltada para o trabalho e esse tem como objetivo a aquisição de bens, o consumo e o status dele proveniente. O importante é ter.

2.6 A realidade social

Em que mundo vivemos hoje? Que mundo desejamos? Será que estamos conseguindo nos aproximar do mundo que almejamos? Quando vemos “acidentes” causados pela falta de zelo e pela ganância de poucos que a tantos sacrificam, precisamos refletir e perguntar quem são esses poucos? Pessoas que não se dão conta de quem são, que já não sabem se definir porque envolvidas na rede do mercado e do crescimento econômico. Segundo Hans Jonas:

Hoje na forma moderna da técnica, a *techne* transformou-se em um infinito impulso da espécie para adiante, seu empreendimento mais significativo. Somos tentados a crer que a vocação dos homens se encontra no contínuo progresso desse empreendimento, superando-se sempre a si mesmo, rumo a feitos cada vez maiores. A conquista de um domínio total sobre as coisas e sobre o próprio homem surgiria como a realização do seu destino. Assim o triunfo do *homo faber* sobre o seu objeto externo significa, ao mesmo tempo, o seu triunfo na constituição interna do *homo sapiens*, do qual ele outrora costumava ser parte servil. Em outras palavras, mesmo desconsiderando suas obras objetivas, a tecnologia assume um significado ético por causa do lugar central que ela agora ocupa subjetivamente nos fins da vida humana.³⁸

Nós nos encontramos hoje diante de uma realidade em que, muitas vezes, as pessoas leem a própria existência sob a lente do poder econômico, como se o dinheiro e o status fossem a fonte da felicidade. Por se encontrarem em uma camada social mais privilegiada economicamente, com recursos financeiros, adquirem poder sobre determinadas situações e estruturas. Assim não percebem o que

³⁷ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p.87.

³⁸ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p.43.

realmente aspiram, é diferente da realidade presente. Vivem relações empobrecidas escravizadas por um sistema mercadológico sem se darem conta que estão por ele escravizados. No entanto, o medo de “ser” leva ao domínio do outro. A frustração leva à opressão, como se através do empoderamento sobre o outro fosse possível combater o desespero do fracasso pessoal, do vazio da vida desperdiçada.

De acordo com Hathaway e Boff:

Ninguém, nem mesmo os mais ricos e poderosos quer viver num mundo degradado onde a beleza e a diversidade se tornaram memória distante. Ninguém deseja viver num mundo onde as divisões entre ricos e pobres levam a violência e a insegurança para todos. Ninguém quer ver as oportunidades das futuras gerações solapadas por séculos, ou mesmo milênios.³⁹

Os ritmos da destruição do planeta, os danos à natureza, a enorme desigualdade social, com uma precária distribuição de renda nunca foram tantos. Estamos na era da técnica, onde os recursos parecem ser ilimitados. É inconcebível a realidade de tantos que vivem na miséria, não tendo condições básicas para viver. Enquanto nos países desenvolvidos e ricos a fartura e os avanços na área da saúde geram uma maior qualidade de vida, aumentando a longevidade, em países em desenvolvimento, em especial no continente africano, não há água potável para grande parte da população e a mortalidade infantil adquire índices absurdos. Sabemos, todavia, que essa realidade não está presente apenas nos países em desenvolvimento, também vemos em países desenvolvidos economicamente traços de desigualdade e pobreza, o sistema não comporta todos, deixando sempre uma parte considerável da população, aqueles que não são suficientemente capacitados, sem acesso aos recursos, excluídos desse progresso e desenvolvimento. Há sempre uma massa de sobrantes (Dap n.62).

Podemos ler o que diz o papa Francisco na *Laudato Si'*:

Um problema particularmente sério é o da qualidade da água disponível para os pobres, que diariamente ceifa muitas vidas. Entre os pobres, são frequentes as doenças relacionadas com a água, incluindo as causadas por micro-organismos e substâncias químicas. A diarreia e a cólera, devido a serviços de higiene e reservas de água inadequados, constituem um fator significativo de sofrimento e mortalidade infantil. Em muitos lugares, os lençóis freáticos são ameaçados pela poluição produzida por algumas atividades extrativas, agrícolas e industriais, sobretudo em países desprovidos de regulamentação e controles suficientes. (LS n.29)

³⁹ HATHAWAY, M.; BOFF, L., O Tao da Libertação, p.465.

No entanto, o ser humano comum dos países ricos se aliena numa realidade de conforto e consumo como se vivesse num parque temático, num mundo fantasioso que só é real para uma pequena parcela próxima, fechada, onde as pessoas preferem viver a vida. É o que Bauman vai identificar como “comunidades guarda-roupa”, comenta:

Daí a crescente demanda pelo que podemos chamar de “comunidades guarda-roupa” invocadas a existirem, ainda que apenas na aparência, por pendurarem os problemas individuais, como fazem os frequentadores de teatros, numa sala.(...) As comunidades guarda-roupas são reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham seus casacos nos cabides. Suas vantagens em relação à “coisa genuína” são precisamente a curta duração de seu ciclo de vida e a precariedade do compromisso necessário para ingressar nelas e (embora por breve tempo) aproveitá-las. Mas elas diferem da sonhada comunidade calorosa e solidária da mesma forma que as cópias em massa vendidas nas lojas de departamentos diferem dos originais produzidos pela alta costura...⁴⁰

Os centros urbanos se fragmentam em guetos onde os cidadãos se isolam vivendo em medo constante, favorecendo a fugacidade das relações, medindo a qualidade do indivíduo por aspectos econômicos. Podemos perceber essa realidade mesmo na forma de nos organizarmos nos grandes centros urbanos, gerando uma realidade social de exclusão, muitos optam por viver em condomínios fechados reduzindo a convivência com as diferenças.

Assim nos remetemos a uma nova realidade social, podemos (...) afirmar que os enclaves fortificados – prédios de apartamentos, condomínios fechados, conjuntos de escritórios ou *shopping centers* – constituem o cerne de uma forma de organizar a segregação, a discriminação social e a reestruturação econômica.⁴¹

As fortalezas ou ilhas de riqueza comprometem a permeabilidade entre espaços públicos e privados a partir de uma série de regras rígidas e falta de igualdade de acesso. Podemos considerá-los como guetos exclusivos onde as classes altas e médias/média altas se trancam em sua própria forma de privatização de capital e raramente precisam sair desses espaços graças às amenidades e oportunidades de serviços providos dentro deles. A propagação da globalização encoraja esse estilo de vida homogêneo enquanto afasta seus moradores das práticas de desenvolvimento local. No mundo globalizado, a urbanização se faz presente ainda que como ideia, as cidades atraem para si a população rural com promessa

⁴⁰ BAUMAN, Z., *Identidade*, p.37.

⁴¹ ANAIS do I Circuito de Debates Acadêmicos, IPEA, CODE 2011.

vazia de um mundo melhor, mais desenvolvido. Nessa ilusão, surgem nas periferias comunidades que vivem, muitas vezes, situação de verdadeira miséria.

A cidade opera assim a destruição dos espaços tradicionais de moradia, de comércio, de trabalho, de trânsito. Isola os ricos em mansões-fortaleza ou em condomínios fechados ou os encerra em edifícios protegidos. E aí desconhecem-se uns aos outros. Os pobres, amontoa-os em favelas, de modo que a privacidade é absolutamente negada. Os espaços são invadidos pelo som do vizinho. Há uma visibilidade auditiva tal que se sabe tudo o que se passa nos vizinhos. A favelização vai junto com a pauperização e todas as suas consequências psicossociais e morais.⁴²

A partir desta exposição de Libanio, perguntamos, buscando uma inquietação teológica para este dado: “Que casa é esta que edificareis para mim? E que lugar é este para meu descanso? Tudo isso foi minha mão que fez, tudo isso é meu, diz o Senhor”. (Is 66,1-2) A criação, a natureza, nos foi concedida por amor como habitação para podermos dela tirar, sim, o necessário para vivermos, mas não da forma exploratória que fazemos, mas de maneira sustentável, respeitosa, reconhecendo que ela é nosso lar enquanto peregrinos nessa vida. Mas a realidade tem se mostrado muito diferente e a pergunta emergente é: o que estamos fazendo com a criação? Com o grande dom que recebemos? Precisamos despertar e olhar a nossa realidade de frente, avaliar os nossos erros e as suas consequências, ir em busca da sabedoria necessária para implementar mudanças que nos libertem das condições em que nós mesmos nos colocamos.

Novamente, voltamos a Hathaway e Boff:

Esquecemos a antiga sabedoria que nos ensinou que não controlamos a natureza, ao invés disso somos totalmente dependentes de sua generosidade e boa vontade. É mais fácil enviar um homem à lua e trazê-lo de volta à Terra que fazer os seres humanos respeitarem os ritmos da natureza e os limites dos ecossistemas. Por essa razão agora colhemos os frutos apodrecidos da vida dessacramentada; essas são as consequências causadas pelo uso do poder da tecnociência a serviço de poucos que só procuram acumular bens e riquezas.⁴³

Mas afinal que bens realmente estamos acumulando? O poder de compra dita quem tem o sucesso, quem pode ter uma vida confortável ou não. As coisas são produzidas às custas do trabalho humano com baixa remuneração. Os operários das grandes manufaturas trabalham horas a fio na consciência de que muito dificilmente poderão adquirir o produto que fabricam. O consumo, resultante de um mercado

⁴² LIBANIO, J. B., *As lógicas da cidade*, p.48.

⁴³ HATHAWAY, M.; BOFF, L., *O Tao da Libertação*, p.462.

que explora os recursos naturais e humano é excludente. Deixa de fora um enorme contingente que sonha com produtos manufaturados como se fossem geradores de felicidade e bem-estar. O consumo substitui a alegria e a felicidade.

Não existe mais subcultura análoga à dos guetos e da pobreza tradicional. Mesmo excluída do universo do trabalho, a população dos centros de cidades e dos subúrbios desqualificados partilha valores individualistas e consumistas das classes médias, a preocupação com personalidade individual e autorrealização. Os jovens em particular, valorizam a dimensão pessoal de seu consumo (roupas, música, lazeres), os signos capazes de distingui-los de seus grupos de pares. Daí em diante mesmo os menos privilegiados pretendem ter acesso aos signos emblemáticos da sociedade de hiperconsumo e manifestam aspirações e comportamentos individualistas, mesmo que seja na obediência à moda. A medida que se desagrega a integração pelo trabalho ou pela escola, que se esgotam as identidades de classe e os grandes movimentos coletivos, é pelo *look* e pelos signos do consumo que procuram afirmar-se os jovens dos bairros deserdados. O consumo é, nas condições presentes, o que constrói uma grande parte de sua identidade: quando faltam as outras vias de reconhecimento social, “torrar a grana” e consumir impõem-se como finalidades preeminentes.⁴⁴

A felicidade é o que todo ser humano deseja. É conceito abstrato que aprendemos desde crianças como estado a ser almejado, mas que não conseguimos definir. Já os antigos filósofos tentavam explicar o que seria. A ideia de felicidade, no entanto tem sido desviada para a posse de bens, para o aprimoramento do conforto, para um consumo desmedido. Hannah Arendt⁴⁵ traz rica reflexão sobre a condição da felicidade estabelecida pelo consumo.

Agora tudo o que ajuda a estimular a produtividade e alivia a dor e o esforço torna-se útil. Em outras palavras, o padrão último de medida não é de forma alguma a utilidade e o uso, mas a felicidade, isto é, a quantidade de dor e prazer experimentada na produção ou no consumo das coisas.⁴⁶

O ser humano, hoje, na vida corrida que leva, procura a felicidade, mas não sabe onde encontrá-la. Ele a busca na realização pessoal de seu esforço, seja ele físico, mental, na satisfação de possuir bens ou honras, nas sensações de prazer e até mesmo de poder. O que queremos aqui apresentar é que a felicidade só se realiza de modo embrionário e em episódios nas relações humanas. Relações de carinho, de afeto, de solidariedade, de amor. Por quê? A felicidade é gerada pela gratidão.

⁴⁴ LIPOVETSKY, G., A Felicidade Paradoxal, p.192.

⁴⁵ Hannah Arendt (1906-1975), filósofa alemã, foi uma das raras vozes femininas de destaque na filosofia do século XX. Seu sistema de análise a converte em uma pensadora original em diferentes campos do conhecimento. Defendia um conceito de "pluralismo" no âmbito político, por acreditar ser importante potencial de uma liberdade e igualdade política poder ser gerada entre as pessoas. Importante é a sua perspectiva da inclusão do outro.

⁴⁶ ARENDT, H., A condição humana, p.386.

Ela é fruto da gratidão do amor, do carinho recebido que faz sorrir não só os lábios e os olhos através de um brilho especial, mas que faz sorrir e abraçar o coração, fazendo-o saltar de alegria. Modifica a realidade mesmo nos momentos de dor. Traz alento, é fruto da esperança de que dias melhores virão porque reconhecemos que somos amados. A solidariedade, a amizade, o carinho e o afeto vão sempre trazer à luz a esperança de dias melhores.

2.7

A questão do consumo: consumimos ou somos consumidos?

Trabalhar é dar o seu tempo e energia para construir alguma coisa que se acredita ser bom. É dispensar tempo e vida preciosa e única. Porém, hoje em dia, o ser humano trabalha para conseguir dinheiro e, conseqüentemente, poder adquirir bens que muitas vezes ele próprio ajudou a produzir. Trabalha para consumir. O consumo se torna então sinônimo, ou pelo menos elemento de grande importância para se conseguir a felicidade. Adquirir bens, coisas, gera *status* e a ilusão do poder. Nessa dinâmica a beleza vai sendo retirada de perspectiva, é esvaziada a experiência contemplativa. O ser humano, por conta desse consumo, prefere muitas vezes o *shopping* à natureza, mudando mesmo o significado e o sentido da palavra conforto, preferindo o ar-condicionado à riqueza e diversidade dos aromas naturais. Esquecemos quem somos e como somos dependentes da natureza.

Podemos, no entanto, citar outros casos não tão claros, velados para os olhos pouco atentos do ser humano comum. Estamos nos referindo a bens materiais ou de utilidade duvidosa, ou mesmo de inutilidade, que fascinam os olhos das pessoas na demanda do consumo. Bens industrializados e frutos da produção criativa do ser humano, que de supérfluos passam a ser necessários, devido a uma nova visão de mundo introduzida pela cultura do descarte, em que obter coisas se torna fruto do desejo do ser humano comum por gerar a sensação de sucesso. Mas estamos nos referindo, aqui, não a verdades, mas a sensações passageiras e superficiais, ilusórias, que levam o ser humano a esquecer quem ele realmente é: criado a imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26).

Consumir era distinguir-se; é cada vez mais “jogar”, espairecer, conhecer a pequena alegria de mudar uma peça na configuração do cenário cotidiano. Assim, o consumo já não é tanto um sistema de comunicação, uma linguagem de significantes sociais, quanto uma *viagem*, um processo de quebra de rotina cotidiano por meio das coisas

e dos serviços. Menos mal menor ou “negação da vida” que estimulante mental e pitada de aventura, o consumo nos atrai por si mesmo como poder de novidade e de animação de si. Um pouco como no jogo, o consumo tende a tornar-se por si mesmo sua própria recompensa. Os economistas notam o desenvolvimento do consumo de lazeres, mas, de fato, são porções inteiras do consumo que funcionam como os lazeres. Hoje, no *Homo consumans* há mais do que nunca o *Homo ludens*, sendo o prazer do consumo análogo ou proporcionados pelas atividades de jogo e movimento “interior” seja um dos grandes fatores que alimentam a interminável escalada das necessidades.⁴⁷

Para a sociedade moderna, trabalhar para ter sucesso é trabalhar para consumir, para ter poder de compra, poder de aquisição de coisas e facilitado o acesso a lugares. Esse sucesso, que pode ser econômico ou de domínio de alguma tecnologia, no entanto, dá a sensação de poder, mesmo que ilusório ou equivocado, pois a vida humana a ninguém pode pertencer. Aqueles que detém o conhecimento e, sobretudo, aqueles que detém o poder econômico para desfrutá-lo assumem um nível de status de donos, de superiores colocando uma grande parte da população em sua “dependência”. Esses supostos privilegiados, digo supostos porque somos todos humanos e limitados, são constituídos pelas estruturas mercadológicas, um domínio impressionante sobre o conjunto do gênero humano e do mundo inteiro. Francisco comenta essa estrutura na *Laudato Si'*:

Não podemos, porém, ignorar que a energia nuclear, a biotecnologia, a informática, o conhecimento do nosso próprio DNA e outras potencialidades que adquirimos, nos dão um poder tremendo. Ou melhor: dão, àqueles que detém o conhecimento e sobretudo o poder econômico para o desfrutar, um domínio impressionante sobre o conjunto do gênero humano e do mundo inteiro. Nunca a humanidade teve tanto poder sobre si mesma, e nada garante que o utilizará bem, sobretudo se se considera a maneira como o está a fazer. (LS n.104)

A pergunta que aqui levantamos é: quem detém esse poder? Nas mãos de quem está? O que é realizado com ele? Adiante, a *Laudato Si'* afirma a necessidade de uma nova mentalidade, uma consciência mais responsável e fraterna:

A consciência da gravidade da crise cultural e ecológica precisa traduzir-se em novos hábitos. Muitos estão cientes de que não basta o progresso atual e a mera acumulação de objetos ou prazeres para dar sentido e alegria ao coração humano, mas não se sentem capazes de renunciar àquilo que o mercado lhes oferece. (LS n.209)

Estamos escravizados por um sistema instituído já há tempos, que cresce e se desenvolve sem nos darmos conta. Vivemos na sociedade do consumo, onde o que

⁴⁷ LIPOVETSKY, G., A Felicidade Paradoxal, p.68.

rege a nossa vida é o tempo do relógio e a demanda do mercado, nos tornamos também produtos a serem manipulados por condicionamentos sociais e históricos que reprimem a nossa liberdade, como se não mais fossemos elaborados pelo Criador, pois o ignoramos e o afastamos de nossas vidas, da nossa memória. Priorizamos o desejo de desenvolvimento e progresso, do conforto, do bem-estar da vida fabricada, cheia de regras e normas, deixando de lado o tempo de contemplar a vida, que se torna cada vez mais escasso, enquanto a demanda de produção cada vez mais voraz. O crescimento é o que passa a ter prioridade, é o que importa. Sem nos darmos conta e sem refletir sobre a realidade, nos dispomos a construir o que o mercado pede, geramos hábitos e comportamentos sociais em acordo com o que o mercado estipula, desejamos e compramos o que nos oferece, vivemos na expectativa de satisfazer vontades frívolas que embriagam a consciência e dessa forma não percebemos o quanto estamos nos tornando alienados, inebriados pela ideia de realização.

“Para se poder falar de autêntico progresso, será preciso verificar que se produza uma melhoria global na qualidade de vida humana” (LS n.147), assim diz Francisco. Para isso, no entanto, é preciso olhar para as condições e os espaços onde as pessoas vivem; “analisar o espaço onde as pessoas transcorrem a sua existência” (LS n.147). Nossos espaços são construídos, as condições ambientais são decorrentes dessas construções que nem sempre se preocupam com o bem-estar e a saúde do ser humano e muito menos com a preservação da natureza. Os ambientes onde circulamos nos condicionam, influem sobre a nossa maneira de ver a vida, sobre a nossa maneira de sentir e agir. O lugar onde habitamos, trabalhamos, onde vivemos em sociedade nos influencia, já que são nesses espaços que exprimimos nossa identidade, nos adaptamos e nos modelamos, procurando uma ordenação quando parecem desordenados, caóticos ou poluídos. Os excessos de estímulos se sobrepõem ao que desejamos, muitas vezes colocando à prova nossa própria identidade, dificultando nosso desenvolvimento integral e feliz. É uma luta cotidiana, na qual os menos favorecidos sofrem ainda mais, privados das condições básicas de saúde, moradia e desenvolvimento social, o que torna ainda mais difícil encontrar a alegria e a libertação. Todavia, a pergunta que precisamos fazer é o que

realmente estamos construindo? Será que não estamos repetindo a construção da torre de Babel?⁴⁸

E o pior aconteceu: o ser humano se isolou da natureza, quebrou os laços de pertença à comunidade de vida, esquecido da teia das interdependências e da sinergia de todos os elementos naturais e cósmicos para que emergisse no processo evolucionário. Ele se encaramujou sobre si mesmo. Destruiu os símbolos de sua natureza espiritual, decretou a morte de Deus e mergulhou no incomensurável vazio, desenraizado da natureza e entregue a solidão. Daí nasce o pessimismo, a amargura e a náusea, que são a falta da alegria de viver.⁴⁹

O ser humano atual sofre pela falta de sentido em sua vida, busca razões para viver em coisas frívolas, supérfluas, mas que momentaneamente parecem preencher o vazio da falta de propósito. Com a globalização, o acesso à informação ficou mais fácil, é possível viajar pela internet, se corresponder com pessoas de todo o planeta em um click. Entretanto, as identidades *fakes* surgem e se desenvolvem cada vez mais. As pessoas se escondem atrás de identidades idealizadas por não conseguirem enfrentar os condicionamentos sociais supostamente exigidos. Elaboram assim, “novas identidades”, *personas*⁵⁰ por elas criadas para poderem enviar a mensagem certa para as pessoas certas e, assim, terem maiores chances de sucesso, não conseguem ser autênticas, tamanha a solidão no meio da conturbação urbana. Lipovetzky alerta:

Mediador da “verdadeira vida”, o consumo é igualmente revestido do que permite escapar ao desprezo social e à imagem negativa de si. A obsessão do consumo, observável em nossos dias, até nas populações marginalizadas, não indica apenas o poder sem precedentes da mercantilização dos modos de vida, mas também a nova intensidade das frustrações em relação aos padrões de vida dominantes, bem como a

⁴⁸ Gn 11,1-9. Vivemos a globalização, fenômeno complexo com dimensões diversas: política, social, econômica, cultural etc. Nesse contexto, a riqueza de diversidade é imensa. Poderia ser de grande riqueza para a história humana, momento de interculturalidade, observação e diálogo. Mas a ganância do poder econômico e mercadológico, que visa apenas o lucro e seu próprio desenvolvimento, é excludente, não quer dialogar e sim ditar sua própria língua e suas regras, trazendo um condicionamento social que acha mais apropriado. É esquema escravizante e excludente, onde a voz do vulnerável, daquele que não se enquadra é sufocada. Não há o diálogo onde se visa apenas o lucro. E o mercado financeiro cresce sem sofrer até os céus, alimentado por uma estrutura injusta. (DAp n.61 e 62)

⁴⁹ BOFF, L., Ecologia, p.143.

⁵⁰ Persona tem origem latina em *per somnare*, com significado original: “onde o som passa ou ressoa”. O termo indicava as máscaras utilizadas pelos atores no teatro antigo, com função não só de caracterizar o personagem, mas também de amplificar a voz. Jung adotou esse termo para indicar essa formação psíquica que se relaciona diretamente com o Ego, mas tem sua constituição relacionada à consciência coletiva. A Persona tem como objetivo intermediar as relações entre o indivíduo e a sociedade, atuando como uma ponte, viabilizando o contato com os demais. Isso se faz possível porque a persona agrega a si os aspectos relacionados aos papéis ou funções sociais. No geral, nos referimos a “Persona” tanto ao conjunto dos papéis sociais desempenhados pelo indivíduo quanto a cada papel em sua individualidade: pai, filho, amigo, professor etc. Em cada um desses papéis há um conjunto de responsabilidades e forma de proceder específicas.

exigência ampliada de considerações e de respeito, típica do individualismo (...) importa cada vez mais para o indivíduo não ser inferiorizado, atingido em sua dignidade. É assim que a sociedade do hiperconsumo é marcada tanto pela progressão dos sentimentos de exclusão social quanto pela acentuação dos desejos de identidade, dignidade e reconhecimento individual.⁵¹

Nos encontramos hoje em dia em situação de normatização de comportamentos de hábitos e, porque não dizer, de uma manipulação social que procura normatizar a nossa própria identidade. Como se nossas mentes necessitassem perder suas diferenças culturais em benefício de uma cultura globalizada regida pelo mercado e conseqüentemente pelo consumo. A pessoa humana passa a ser caracterizada não mais pelo que é. A herança histórica e cultural em desenvolvimento, a diversidade de pensamento e visão de mundo são esmagadas por uma normatização que rege o mundo. Não só pelo consumo material, moda, bens de consumo domésticos, mas por um novo paradigma cultural que procura suprimir o exótico, o diferente, menosprezando o seu valor.

Quando a “monocultura de mentes se espalha” ela também destrói outras culturas, línguas e sistemas de conhecimento como se fosse um câncer. Sistemas inteiros de conhecimento desaparecem da mesma maneira que espécies de animais e vegetais da região são perdidas e substituídas por algumas variedades mais lucrativas. Muitas dessas culturas levaram milhares de anos para se desenvolverem e se adaptarem unicamente a um sistema específico – e isso ainda é mais verdade no caso das culturas aborígenes.⁵²

A perda pela extinção de uma cultura é enorme, representa a diminuição da diversidade, da verdadeira riqueza sobre a terra, história da humanidade, história da civilização, visões de mundo que complementares poderiam ajudar no desenvolvimento humano de forma mais lúdica pela sua contingência e diálogo. Porém, podemos observar que as culturas mais tradicionais vão sendo substituídas por uma cultura padrão globalizada, sofrendo a opressão manipuladora do mercado corporativo⁵³. Elas são esmagadas como se fossem inferiores, como se não tivessem voz, ou tem sua voz sufocada pela opressão do poder dos que acham reter a verdade.

⁵¹ LIPOVETSKY, G., *A Felicidade Paradoxal*, p.192.

⁵² HATHAWAY, M.; BOFF, L., *O Tao da Libertação*, p.98.

⁵³ O sínodo da Amazônia chama a atenção para o êxodo decorrente das migrações para os centros urbanos, gerando o empobrecimento dessas comunidades assim como a fragilidade da transmissão da cultura que sofre o risco de se perder diante do padrão da globalização. A extinção de uma cultura pode trazer danos irreparáveis para toda a humanidade. Há uma grande preocupação pastoral e humana no que se refere a essa questão. Vemos, no documento, vários parágrafos sobre o assunto: n.34-37.

“Cada vez mais a homogeneização da cultura global corre em paralelo à imposição de uma economia globalizada cada vez mais uniformizada.”⁵⁴

Nossa natureza é riquíssima em recursos, alguns que, mesmo com a tecnologia e a ciência tão desenvolvidas, ainda desconhecemos. Assim, a destruição de uma única espécie, que seja, pode causar danos irreparáveis para a humanidade – por exemplo, temos as espécies vegetais das florestas tropicais que podem vir a ser a solução de cura para muitas doenças, inclusive o câncer, além de serem fonte de alimento importante não só para as culturas tradicionais, mas para a humanidade como um todo. Sem falar da beleza dessa abundante fauna e flora que corre o risco de extinção. Essa destruição das espécies prejudica o traçado do grande bordado elaborado por Deus, seu projeto para o mundo e para a humanidade.

Com a perda da diversidade, perde-se também a criatividade que encontra suas raízes no surpreendente e no mistério, perde-se a dinâmica e a alegria da troca, e a complementaridade do encontro é negligenciada. Não temos mais tempo para o encontro com o outro, para o encontro com Deus e com a realidade em que estamos inseridos. Quando alguma dessas relações é prejudicada, todas as outras também ficam debilitadas. Fica então precário o reconhecimento do amor de Deus manifesto no outro e conseqüentemente na natureza, no cosmo. Sem a alegria desse encontro, a coisificação da natureza é evidente. Todavia, quando priorizamos as relações, toda a realidade toda é transformada. Desperta em nós a gratidão, passamos a olhar a realidade com o reconhecimento do amor recebido, nos encontramos então na posição de agradecer por sermos tão amados por Deus. Amor tão profundo que leva a *kenosis*, ao esvaziamento, ao ponto de se fazer história para ser Deus conosco na encarnação de Jesus. Com essa consciência, passamos a agradecer também a natureza, nossa irmã na criação por nos prover tudo o que precisamos para viver. Passamos, na dinâmica da alteridade, a ser grato ao outro, nosso irmão, que interage conosco, construindo a história em conjunto. Sem a relação com o outro, nosso próximo, não nos realizamos como seres humanos. Passamos também a agradecer a nós mesmos, reconhecendo nossa resiliência, nossos esforços de superação, nos permitindo a libertação de todas as amarras que impedem a nossa realização como pessoa, com uma identidade integral e única.

⁵⁴ HATHAWAY, M.; BOFF, L., O Tao da Libertação, p.99.

2.8 A visão antropocêntrica do ser humano

Estamos no final da era moderna, que tomou para os seres humanos o poder de se prover da natureza conforme seus interesses mecanicistas, que pouco se preocupou com a natureza, vendo nela apenas uma grande fonte de matéria-prima para o desenvolvimento das ciências e conforto humano. Na era em que o bem-estar é o primordial, o viver bem e por mais tempo foi a preocupação do ser humano nos últimos séculos.

O cosmo, que no passado foi uma catedral de luz, tornou-se ordenado, mas enfadonho, maquinário. A Terra passou de grande mãe viva para matéria morta, tornou-se um mero armazém de matérias-primas esperando pela exploração humana. Mesmo os animais, as criaturas mais próximas de nós, tornaram-se bestas idiotas incapazes de sensações e emoções. O mundo, sem dúvida, tornou-se menos selvagem e assustador, e ficou mais previsível porque as ciências exercitam seus poderes para controlá-lo; mas ironicamente o mundo também se tornou um lugar mais frio e lúgubre porque a humanidade se acha sozinha, desassociada da grande comunidade da vida, e verdadeiramente desabrigada pela primeira vez em sua história.⁵⁵

Seguindo o raciocínio de Hathaway e Boff, dizemos que esse desenvolvimento, esse bem-estar, custou ao ser humano seu distanciamento com a realidade cósmica em que vive. Mecanizou as coisas na busca de classificar cientificamente a natureza, fragmentando-a aos seus elementos com o intuito de usufruir dela aquilo que ela pudesse fornecer à humanidade. O desenvolvimento tecnológico nos últimos séculos foi galopante, comparando-se a história humana como um todo. Do telégrafo às conexões pela internet, em que se pode viver virtualmente realidades de todo o planeta e até além dele, através de instrumentos sofisticadíssimos, e a evolução dos meios de transportes, do lombo de animais e carroças a foguetes que vão à lua. Sem falar da energia, da eletricidade, descoberta da física que auxiliou em todo o desenvolvimento tecnológico. Com o surgimento da física moderna, o ser humano descobre a utilidade e a facilidade do auxílio dos instrumentos desenvolvidos pela ciência como facilitadores para seu progresso. Desde a século XVI com Galileu e a fundação da física moderna⁵⁶, a natureza adquiriu status de domínio, de fonte de matéria-prima e recursos a serem explorados

⁵⁵ HATHAWAY, M.; BOFF, L., O Tao da Libertação, p.221.

⁵⁶ Suas teorias serviram de apoio e inspiração às ideias posteriores de Isaac Newton. Podemos citar as três Leis dos Movimentos dos Corpos (princípios da inércia, dinâmica, ação e reação) e a Lei da Gravitação Universal.

pelo ser humano. Perde-se a reverência à criação, que passa a ser vista como instrumental a serviço do desenvolvimento humano que, sem cuidado e respeito com a sua própria fonte de vida na terra, usa e abusa de seu direito de coabitar a terra, agindo como se tudo existisse para seu serviço.

Necessitamos dos seres abióticos para nos manter vivos: a água, o solo, o ar e a energia do sol. Nosso corpo está povoado de micro-organismos (...). Alimentamo-nos de plantas cultivadas e de animais criados em cativeiro. Em momentos especiais, experimentamos a beleza da lua cheia, o fascínio de uma cachoeira ou das ondas do mar, a serenidade e o silêncio de um bosque de área de conservação, o canto e as cores dos pássaros. Nessas ocasiões, sentimos-nos irmanados aos outros seres, bióticos e abióticos.⁵⁷

Esta questão humana que vivemos hoje – um desconhecimento e falta de respeito com os ritmos e ciclos da natureza com sua capacidade de produção cansada pela devastação – é consequência de um antropocentrismo que só valoriza a natureza naquilo que considera útil, esquecendo-se assim de que nós somos da natureza, que somos dela dependentes, necessitados de seus recursos e riquezas, que nossa sobrevivência depende do cosmos, do nosso meio ambiente como um todo, e não ao contrário, pois a natureza nos é anterior na criação.

Isso significa que desde antes da chegada do homem, cujo senhorio sobre o mundo certamente garantirá todo o sentido, o cosmo tem sua “logicidade”, sua independência. Ele não precisa de nós para existir. Ele existe por Deus (*Per quem* e não *per nos*, mesmo se exercemos aí uma demiurgia). Ele foi criado *ex nihilo*, ele vem de outro lugar, não de nós. Ele não nos esperou para ser criado, nem para ser razoável. Ele tem, em relação a nós, até uma anterioridade.⁵⁸

Precisamos olhar para a natureza – o cosmo criado por Deus – à nossa volta também como relacional, como alteridade, como um terceiro gracioso e desinteressado, humilde, que se deixa ser administrado, orientado por nós, seres humanos. São Francisco de Assis percebeu isso e considerava toda a natureza como irmã, criatura companheira da história da salvação, por isso também agente intercessora da salvação. Por ser ela também alteridade, carente do amor, do respeito e do cuidado humanos para a sua preservação pela manutenção da vida, que não envolve só a fauna, a flora, os minerais e biomas do planeta, mas também a do próprio ser humano que nela tem a fonte de sua sobrevivência. O ser humano

⁵⁷ MURAD, A. (org.), *Ecoteologia: um mosaico*, p.46.

⁵⁸ GESCHÉ, A., *O Cosmo*, p.156.

depende da natureza para tudo, para se alimentar, para se nutrir, para respirar... É necessário então se responsabilizar por ela de maneira amorosa, por sua preservação; sua manutenção depende de nosso agir.

Mais ainda, o ser humano se destaca do restante mundo criado por receber a tarefa de exercer governo, próprio de Deus, sobre a criação. Ele é chamado a ser representante, lugar-tenente de Deus, sendo criado “à imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26s; Sr17,3). Como imagem deve corresponder ao governo divino do universo. Desse modo, seu domínio sobre a natureza encontra-se ligado ao domínio de Deus. Embora o texto não esclareça mais em que consiste essa imagem, sem dúvida é o fato de ser imagem de Deus que fundamenta seu governo sobre o mundo criado.⁵⁹

Esse governo exige atenção e cuidado, somos administradores agindo em nome de Deus, precisamos cuidar da natureza que é a nós anterior, por isso sobrevive sem a nossa participação, mas por causa dessa mesma participação está ameaçada. Não é divina, porém é de Deus, mas também é nossa companheira de habitação nessa Terra. O cosmo “é, como toda a criação, atravessado e transpassado pelo Logos do Criador. Ele é um *Kosmos Logikos*”⁶⁰ criado segundo uma racionalidade, uma estrutura, com capacidades, “criado como ordem e inteligência”⁶¹. A natureza se comunica pelas suas manifestações climáticas, é comportamental. Precisamos, desta forma, dar-lhe atenção, escutá-la, perceber seus apelos, nossos erros e procurar remediá-los.

Tal interdependência, conectividade e cooperação faz com que todos se complementem mutuamente. Nada é supérfluo ou vem excluído. Todos concorrem para a grandeza e a beleza do todo orgânico dinâmico. A evolução é sempre coevolução, nunca somente de um ser ou de uma espécie ou de um ecossistema, mas da totalidade e reciprocidade de todos com todos garante a sustentabilidade dos sistemas e de seus representantes. quer dizer: quanto maior for a rede de inter-retro-conexões mais garantida é a sobrevivência no presente e também no futuro.⁶²

A Terra nos antecedeu na criação e em processo de gestação se preparou para receber o ser humano por milhões de anos. Ela se aprimorou, se desenvolvendo e atendendo a ordem do criador como ato de louvor e gratidão. Como mãe que aguarda o nascimento do filho, a Terra assim também nos aguardou, o ápice da

⁵⁹ MIRANDA, M. F., Salvação em Jesus Cristo, p.186.

⁶⁰ GESCHÉ, A., O Cosmo, p.155.

⁶¹ GESCHÉ, A., O Cosmo, p.155.

⁶² BOFF, L., Ecologia, p.222.

criação, o ser humano, o ser criado à imagem e semelhança de Deus⁶³. Encontramos uma realidade acolhedora para suprir nossas necessidades humanas, a gratidão deveria ser, então, premissa básica do nosso agir, quando pensamos no amor inexorável de Deus que tudo criou para nos acolher e nos designou para cuidar. Talvez essa seja a atitude salvífica a que se refere São Francisco de Assis, atitude de se reconhecer criatura e de se colocar a serviço, em comunhão com todo o mundo criado. Assim, a Terra se faz mãe, mãe da humanidade, cuidando em tudo para sua subsistência, para que cresça e se desenvolva com saúde, propiciando o alimento e as condições necessárias. Mãe carinhosa e generosa que não mede esforços para ver seus filhos construírem também a sua história e se realizarem para aquilo que foram criados. A Terra louva ao criador com sua generosidade abundante, sempre se reconstruindo e se readaptando às interferências humanas. Mas está ferida, cansada, e até quando poderá resistir?

A 22 de abril de 2009, a Assembleia Geral da ONU acolheu por unanimidade a ideia de chamar a Terra de Mãe Terra. Essa mudança significa uma revolução em nossa forma de olharmos nosso planeta e em nossa relação para com ele. Uma coisa é dizer a terra que eventualmente pode ser comprada, vendida e explorada economicamente. Outra é dizer Mãe Terra, porque mãe não se pode vender, comprar nem explorar, mas amar, cuidar e venerar. Atribuir tais valores à Terra implica aceitar que ela é sujeito de dignidade e portadora de direitos.⁶⁴

Ao nascer, encontramos uma condição não só social, política, religiosa, estabelecida em nosso contexto de vida, mas também um condicionamento da criação, que sofreu no decorrer da história humana todo o tipo de abuso e degradação, sempre considerada como lugar de segunda categoria por ser dominada pelo ser humano – que dela extraiu o que necessitou para o seu progresso e desenvolvimento, não mostrando respeito algum. Não podemos continuar com esse processo, ele precisa ser interrompido. Quando pensamos no futuro da história, precisamos ter a consciência que é na realidade em que vivemos onde podemos agir, provocar mudanças, algum movimento de transformação nesse desenvolver da história. A natureza também clama por justiça, por uma salvaguarda e proteção já que diante de nós, seres humanos, é frágil e vulnerável. É nossa responsabilidade

⁶³ O teólogo Sinivaldo Tavares aborda questões pertinentes ao tema em seu artigo: Saber-se Terra, p.77-101.

⁶⁴ MOLTMANN, J.; BOFF, L., Há esperança para a criação ameaçada?, p.85.

olhar, escutar e proteger a natureza, verificando suas necessidades. Exercendo essa função protegemos nossa própria existência de seres humanos.

Nós, seres humanos, individualmente, em comunidade e em sociedade como um todo, precisamos despertar deste sono profundo do torpor disfarçado de desenvolvimento, escravo do mercado, que está nos levando à morte, junto com toda a realidade que nos envolve. Precisamos dizer não a todo ato de violência à Terra Mãe, seja por agressão ou extinção, é necessário um novo olhar para a vida e deve-se amá-la, cuidar e fortalecer, prestando atenção em sua fragilidade. Promover, fomentar a vida em todas as suas dimensões. Não podemos permitir que a vida seja transformada em mercadoria, para a satisfação do mercado. Não é justo nem lícito. A vida é sagrada. A Terra é viva, é sujeito de dignidade, é nossa Mãe Terra, tem direitos que devem ser respeitados e reconhecidos. Tudo o que nela vive tem valor intrínseco e interdependente com o ser humano, portanto merece existir e tem direito à vida assim como nós.

Gritam os pobres sob pesada carga de opressão econômica, de discriminação social e de violência direta das guerras “inteligentes” modernas. Gritam as florestas, abatidas em todas as partes do mundo sob a voracidade produtiva, pois no lugar de árvores frondosas e centenárias pasta o gado para a carne de exportação. Gritam os rios contaminados pelos agrotóxicos da monocultura da soja, do fumo, dos cítricos e outras. Gritam os solos contaminados por milhões de toneladas de pesticidas. Gritam os ares envenenados por gases de efeito estufa. Gritam as espécies, dizimadas aos milhares a cada ano. Gritam inteiros ecossistemas devastados pela superexploração de seus bens e serviços. Grita a humanidade inteira ao dar-se conta de que pode ser exterminada da face da terra por dois tipos de bomba: pela bomba das armas químicas, biológicas e nucleares e pela bomba ecológica representada pelo aquecimento global, que não acaba e aumenta ano após ano. Enfim, grita a Mãe Terra contra a qual está se levando uma guerra total: no solo, no subsolo, no ar, nos oceanos, em todas as frentes; guerra da qual não temos qualquer chance de ganhar, pois nós precisamos da Terra, mas ela não precisa de nós.⁶⁵

O grito dos oprimidos se faz solidário ao grito da terra que sofre o descaso e a opressão. Vulnerável nas mãos dos seres humanos, a Terra nos antecedeu por milhões de anos e trabalhou para nos acolher como uma mãe que prepara o quarto para receber o filho recém-nascido. Nós, ao contrário, viemos com a hostilidade da ingratidão, do egoísmo e do esquecimento. Tratamos nossos irmãos como coisas e a natureza como uma mina inesgotável de recursos para nossa satisfação. A Terra grita, geme de dor, assim como os excluídos e abandonados que deixamos pela

⁶⁵ BOFF, L., Ecologia, p.7.

história à margem da humanidade, das condições necessárias e básicas para olhar para um futuro de riquezas. Que são essas riquezas? São bens materiais que nos transformam em opressores? Que alimentam a nossa vaidade em detrimento do próximo? De que nos valem, se nos tornamos o homem rico que deixa muitos Lázarus aos pés de nossas portas e os achamos impertinentes e desagradáveis por existirem⁶⁶? São perguntas que chamam à reflexão por seus aspectos éticos, humanitários e por envolverem a justiça. Mas, além disso, como cristãos precisamos nos reconhecer irmãos em Cristo de todos os seres humanos e, porque não dizer, da criação. Precisamos zelar pelos dons recebidos. Dons de amor de um Pai de misericórdia, mas que também nos pede a misericórdia: “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). Ser cristão, hoje, deve implicar a conduta ética e responsável para com todo o mundo criado. Conduta que deve ultrapassar o dever e gerar o amor, a compaixão de coração para com tudo e com todos, dirigindo nosso olhar para a construção do Reino de Deus, reino de justiça e paz, gerador de esperança para o futuro da história.

2.9 Esperança e futuro

Precisamos dirigir o nosso olhar para o futuro da história com esperança, pois é história da criação de Deus, de seu amor imensurável, é história de salvação não só do ser humano, mas de todo o cosmos. Necessitamos olhar esse futuro não como história fatídica, negativa, como se a perspectiva decorrente do presente que vivemos fosse imutável, mas, sim, perceber as possibilidades de ser realização do Reino de Deus, anunciado e iniciado por Jesus Cristo. Deus se fez humilde, pequeno, se encarnou abrindo mão de sua glória (Fl 2,5-11) para se fazer humano e nos revelar quem é, qual é a sua vontade, qual é o seu projeto para toda a criação – o Reino de Deus. Precisamos agir, gritar, clamar junto com toda a criação, que como nós também espera sua realização de ser em Deus, “quando Deus será tudo em todos” (1 Cor 15,22). Seria esse, então, o primeiro passo para semear a justiça criada por Deus. A justiça é nossa companheira na história, nossa companheira a caminho do Reino de Deus, na história da salvação.

⁶⁶ Como em Lucas 16,19-31.

Presenciamos, no decorrer da nossa história, uma ruptura. O ser humano, se considerando autônomo, olha com tanta vaidade para as coisas que produz com sua técnica que se desliga da relação com a natureza e, conseqüentemente, de seu relacionamento com Deus, seu criador⁶⁷, vivendo assim em situação constante de pecado.

Pecado também não pode ser reduzido a uma mera dimensão moral ou a um ato falho do ser humano. Tem a ver com a atitude globalizadora; portanto, com uma subversão de todas as relações em que ele está inserido. Trata-se de uma dimensão ontológica que concerne ao ser humano, entendido como um nó de relações. Esse nó se encontra distorcido e viciado, prejudicando todos os tipos de relação.⁶⁸

O pecado é ruptura, é afastamento do nosso ser, de nossa verdadeira vocação, a de sermos humanos. Fomos criados por Deus para um fim, para uma realização, a nossa humanidade não se fará presente se nos afastarmos de nossa opção fundamental que é o próprio Deus, se negarmos a capacidade de transcendência que há em todo ser humano, orientando-o a perceber a realidade de Deus. Somos, assim, livres e como tal é questão de escolha o caminho que traçamos em nossa existência. Francisco aponta na carta encíclica *Laudato Si'*:

Recordemos o modelo de São Francisco de Assis, para propor uma sã relação com a criação, como dimensão da conversão integral da pessoa. Isso exige também reconhecer os próprios erros, pecados, vícios ou negligências e arrependê-lo de coração, mudar a partir de dentro. (LS n.218)

A cura está na conexão com a realidade, com a vida, com as relações que nos envolvem, precisamos então nos religar com todas as coisas. Sentirmos que somos parte da natureza e que somos todos responsáveis por sua sustentabilidade. Assim, tomando consciência e atitude de cuidado com tudo o que fazemos, necessitamos nos colocar em vigília, atentos e contemplativos, propiciando a nós mesmos a experiência da alteridade e a alegria do convívio. Essa alteridade envolve tudo, a nossa relação com a natureza propicia a percepção da experiência estética, da beleza da criação, na sua diversidade mineral, animal e vegetal.

⁶⁷ No sínodo da Amazônia, é feito o convite a nos colocarmos em igualdade com os povos amazônicos, respeitar sua história, sua cultura e seu estilo de viver (parágrafo 55), que Francisco vai chamar de bem-viver, como já citamos anteriormente. Forma de viver em harmonia com a criação, respeitando seus ciclos e suas dinâmicas. Viver uma ecologia integral é viver em comunhão com a criação e com o próprio Deus.

⁶⁸ BOFF, L., *Ecoteologia*, 2016.

Percebemos a ação de Deus que anima e alimenta o espírito, gerando a verdadeira alegria de nos sentirmos amados. “A fé permite-nos interpretar o significado e a beleza misteriosa do que acontece” (LS n.79). Como criaturas em ação, mobilizadas por esse amor, conseguimos relacionar-nos melhor com o outro, perceber nele a sua dor, porque quando saciados por esse grande amor paterno somos impelidos à sua extensão, à partilha, a falar dele, a agir como ele e com o coração cheio de confiança despertamos para a esperança, esperança ativa e criativa de um futuro de paz e harmonia, em que todos estarão bem. A experiência da relação nos anima e nos leva a animar, conduz à festa, a celebrar a vida, contagiando tudo e todos.

A criação pertence à ordem do amor. O amor de Deus é a razão fundamental de toda a criação: “Sim amas tudo o que existe e não desprezas nada do que fizeste; porque se odiasses alguma coisa, não a terias criado” (Sb 11,24). Então cada criatura é objeto da ternura do Pai que lhe atribui um lugar no mundo. (LS n.77)

Pequenas atitudes tomadas podem gerar grandes movimentos. O próprio Deus se realiza dessa forma, se faz humano, se faz pequeno, como o Filho do Homem, Deus encarnado, Jesus de Nazaré. Ele se faz homem pobre e humilde, filho de carpinteiro na Galileia. Ao olharmos a vida de Jesus, suas ações, suas atitudes, percebemos o grande sinal da graça em ações cotidianas em relação ao próximo, àquele que dele se aproximava. Em constante comunhão com o Pai, Jesus se relacionava com a natureza, com seu meio ambiente com muito amor. Seus ensinamentos a tomam constantemente como ilustração (Mt 6, 24-34). Nós precisamos acreditar na presença ativa do Espírito Santo que habita em nós, acreditar que Deus, por sua graça, nos potencializa e que, quando nos permitimos ser instrumentos de sua manifestação, maravilhas se realizam em nós.

A natureza, o cosmo, também luta pela vida, também almeja a parusia. Vemos no caminhar da história suas transformações com objetivos a alcançar. Tudo foi criado por Deus, que transborda em seu amor e inunda a realidade com a sua graça. A natureza é viva, é criação de amor, é dom de Deus que acolhe a graça e procura responder realizando-se. A natureza é serviço, se faz frágil acolhendo o ser humano e sua liberdade, atendendo, assim, a vontade de seu criador (Gn 1,28-30). É instrumento de salvação e redenção a partir do momento que permite ao ser humano perceber a graça de Deus operante em cada semente que brota, em cada fruto que nasce, em cada florescer, em cada nova criatura, que de formas tão diversas são

geradas do seu seio, incontáveis formas de vida que surgem a cada momento para louvar e servir a Deus (Dn 3), em parceria com o ser humano. Cada criatura da natureza, na sua realidade, na sua forma, na sua especificidade obedece a ordem que lhe foi dada pelo Criador, e o louva através de sua existência, realizando-se como aquilo que foi criada para ser. Diferente disso, o ser humano atrai para si situações de ruptura, de pecado, se esquecendo de quem é, de sua vocação de ser humano, de quem recebeu o planeta como casa, como lar.

Geralmente quando cessam as suas atividades e se retiram, deixam grandes danos humanos e ambientais, como o desemprego, aldeias sem vida, esgotamento de algumas reservas naturais, desflorestamento, empobrecimento da agricultura e pecuária local, crateras, colinas devastadas, rios poluídos e algumas poucas obras sociais que já não se podem sustentar. (LS n.51)

Com a hegemonia do mercado e do capital como grande poder que gere o mundo de hoje, a pobreza se prolifera, o que não é de interesse econômico e não dá lucro é descartado; profissões antes necessárias hoje já não existem, gerando ainda mais desemprego, os pobres ficam cada vez mais à margem, sem perspectiva de retorno, de futuro. Seu direito à vida, à dignidade é negligenciado, quando não esquecido. São a areia da engrenagem do sistema, só servem para atrapalhar, para emperrar o desenvolvimento, são vistos como um incômodo. As medidas tomadas em relação a eles, que os beneficiam, quando ocorrem, são pequenas, insuficientes para remediar a situação, muito menos para saná-la. “Que significado pode ter o mandamento ‘não matarás’, quando uns vinte por cento da população mundial consomem recursos em uma medida tal que roubam às nações pobres, e às gerações futuras, aquilo de que necessitam para sobreviver (LS n.95). É estrutura de morte pelo abuso exacerbado, pois acaba com as possibilidades da existência do outro, negando a sobrevivência de gerações futuras pela carência, pela falta de recursos básicos necessários. É aniquilar a existência pela falta de condições de vida.

O pobre sofre, grita por socorro, pelo resgate de sua dignidade, de sua humanidade, é criatura humana. São pessoas com igualdade de direitos a qualquer outro ser humano, a qualquer outra pessoa, “sendo criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde” (LS n.89). É povo que luta e resiste com coragem e esperança. Povo que sofre em consonância com toda a criação, com todo o cosmos, o descuido, a falta de

compaixão e caridade dos dominadores, administradores poderosos que se esqueceram de quem são. Poderosos em relação aos menores perderam sua própria humanidade, se escravizaram aos grandes senhores do mundo na contemporaneidade – o capital e o mercado – que visam apenas o lucro.

Em alguns círculos, defende-se que a economia atual e a tecnologia resolverão todos os problemas ambientais, do mesmo modo que se afirma, com linguagens não acadêmicas, que o problema da fome e da miséria no mundo serão resolvidos simplesmente com o crescimento do mercado. (...) Aqueles que não afirmam em palavras defendem-no com os fatos, quando parece não se preocupar com o justo nível da produção, uma melhor distribuição da riqueza, um cuidado responsável do meio ambiente ou os direitos das gerações futuras. Com os seus comportamentos, afirmam que é suficiente o objetivo da maximização dos ganhos. (LS n.109)

“Basta um homem bom para haver esperança” (LS n.71), afirma Francisco. Isso nos anima, nos coloca em movimento de esperança, nessa mesma esperança que nos mobiliza a uma coragem amorosa, gentil. Nos incita a uma união solidária com o povo que sofre, para juntos com ele clamar, lutar e agir para transformar a realidade em uma realidade de justiça. “Tanto a experiência comum da vida cotidiana como a investigação científica demonstram que os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres” (LS n.48). O pobre clama por justiça, seu grito é surdo, inaudível para a estrutura do mercado. São questões humanas, questões do cosmos, pois tudo está interligado em uma interdependência que não é reconhecida pelos poderes dominantes. Portanto também são questões de Deus, já que envolvem sua amada criação.

Deus deseja nossa contribuição, deseja nossa participação histórica na construção do Reino. Por seu Santo Espírito potencializa nossas ações, transformando-as, contornando nossos erros, nossos males, e deles sempre tira algo de positivo, de bom. Sabe prover e construir conosco é capaz de tirar algo bom dos males por nós cometidos devido a ação do Espírito Santo que sabe prover e desfazer os nós das vicissitudes humanas.

Temos, porém, a liberdade de escolher, de determinar o caminho a prosseguir. Deus em seu imenso amor respeita a liberdade do ser humano, quer nossa contribuição e nosso amor, mas como resposta também de amor, não por imposição. Como coautores da realidade e construtores do Reino, temos responsabilidade não apenas ética com o futuro da história, mas uma responsabilidade fundada no amor desse que nos amou primeiro. Que promete a vida e gera esperança para que

sigamos em frente, com consciência de que, apesar de nossa limitação, em comunhão com Ele podemos construir um mundo novo. Esperança e responsabilidade passam então a caminhar juntas como força que fomenta a vida.

3

Responsabilidade e esperança: forças mobilizadoras para a transformação da história humana

Até aqui apresentamos as questões que abalam o nosso planeta e como o ser humano e a sociedade em geral olham para a criação não como irmã, como parte, como comunidade, mas como objeto de domínio, como utilidade, como matéria-prima a ser manipulada em seu benefício, para seu conforto e progresso. Falta o cuidado. Não só pela natureza, mas também por tudo o que o rodeia, pelo cosmo como um todo. No entanto, como se não bastasse essa falta de zelo por toda a criação, vemos, hoje, uma humanidade dividida pelo poder econômico, que age com negligência com o próprio semelhante, utilizando contra ele uma dinâmica de opressão e submissão através do mercado, que passou a ser grande e poderoso regente da humanidade.

Desde os fins de 1972 sabemos que existem limites naturais para o progresso, mas ainda assim temos medido o progresso econômico a partir de seu crescimento quantitativo; nesse ano por volta de 2,8%. Por quê? O sistema de concorrência nos obriga a crescer, expandir e globalizar. Trata-se de um crescimento que se pauta pelo parâmetro linear: produzir mais → consumir mais. Nessa linha do tempo se ganha um futuro e se deixa um passado para trás. Economicamente isto significa: ganhamos os recursos naturais e deixamos o lixo atrás de nós. Abandonando-os na natureza. Mas o passado não desaparece; caminha conosco. Nada do que se joga fora de fato desaparece, mas fica em algum lugar e retorna a nós em um determinado momento.⁶⁹

Surgem questões intrigantes sobre o futuro, questões que implicam a continuidade da nossa existência humana, questões que nos instigam e exigem não só respostas, mas também atitudes emergentes. Além disso, precisamos refletir sobre nossa posição como cristãos, sobre a nossa responsabilidade e sobre a esperança gerada pela confiança na promessa deixada por Jesus de Nazaré. Promessa geradora de esperança que nos impele à ação para construir, na história humana, um mundo melhor, mais humano e mais justo, para as gerações que virão depois de nós. Semear o Reino de Deus, dever e esperança de todos os cristãos.

Apesar do quadro pessimista e de todos os equívocos cometidos pelo próprio ser humano, precisamos voltar nosso olhar para a comunidade humana de maneira

⁶⁹ MOLTMANN, J.; BOFF, L., Há esperança para a criação ameaçada?, p.53-4.

caridosa, ela também está se colocando em perigo de extinção. O ser humano parece ter perdido a referência de quem é, de seu lugar no mundo, assunto que já tem sido discutido pelos cientistas com seriedade. No entanto, as soluções apresentadas têm sido também de abandono, de êxodo. Como se não fosse possível uma conversão da humanidade para o reconhecimento e o cuidado para com a criação, dom de Deus, dom de amor derramado sobre os seres humanos. Afirma Stephen Hawking:

Estou convencido de que os seres humanos precisam deixar a Terra. O planeta está se tornando muito pequeno para nós, nossos recursos físicos estão sendo drenados a uma taxa alarmante. Demos ao nosso planeta perigosas mudanças climáticas, aumento das temperaturas, redução de calotas polares, desmatamento e dizimação de espécies de animais.⁷⁰

Mesmo nesse estado de quase catástrofe não podemos esquecer que o ser humano é um ser de busca, de pergunta, de reflexão. Por isso precisa voltar às fontes para buscar as respostas. Qual o sentido da existência? Quem somos nós? Como será a humanidade do futuro? Por que há tanto sofrimento e mal? São questionamentos que precisam ser permanentemente colocados em seu processo histórico, com respostas sempre parciais e que necessitarão ser complementadas.

No decorrer da história, percebemos que há períodos de mudanças geradores de crises e outros de sedimentação de absorção das mudanças geradas pelas crises. Nas épocas de sedimentação, são trabalhadas as consequências, já nas épocas de turbulência, crise, é preciso refazer as perguntas essenciais, centrais de nossa existência. No período de sedimentação do processo histórico, as certezas prevalecem, no entanto, em épocas de crise ocorre o contrário, as incertezas vigoram. Estamos vivendo uma mudança de época, crise que envolve a história como um todo. Questões existenciais – do tipo: que sociedade queremos? Que é família? O que fazer com o planeta? – ficam sem respostas. É preciso encontrar novas formas para refazer essas perguntas. Não se pode apenas repetir os conceitos, é preciso repensá-los.

Nesse capítulo, procuraremos apresentar alguns autores que trazem reflexões sobre o porquê e a necessidade da esperança e da responsabilidade de todos nós. Como nos colocamos diante das realidades e fatos que nos são apresentados. Queremos chamar a atenção para a questão da responsabilidade e da esperança,

⁷⁰ HAWKING, S. O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/humanidade-podera-ser-extinta-em-30-anos-diz-stephen-hawking-21498717> Acesso em: 5 mai 2019.

conceitos que parecem ter sido colocados de lado pela ausência da reflexão humana e teológica nos últimos tempos. Alertar sobre a necessidade de nos conscientizarmos de nossas escolhas, porque somos responsáveis por elas, temos uma responsabilidade histórica com a nossa humanidade, que deve ser assumida e vivida de maneira integral, na consciência de que, como cristãos em comunhão com toda a criação, nossas ações devem, além de serem atos responsáveis, conter em si esperança. Essa responsabilidade se encontra implícita em todas as nossas ações, que precisam ser de esperança, de confiança e fé de que juntos, potencializados pelo Criador, podemos transformar a história.

3.1

A necessidade da tomada de consciência de nossas ações

O que caracteriza um período de mudança de época são as crises de valores, que geram instabilidade e confusão. Muitas vezes insatisfeito com o que é apresentado no decorrer da história, com o seu condicionamento, o ser humano, amiúde, perde a perspectiva do sentido de sua existência, de sua vida, de seu papel nesse processo. Confuso, procura se preservar na segurança do que lhe é prazeroso, no que lhe traz conforto, esquecendo-se de seu papel social, da sua responsabilidade como ser humano, como ser histórico.

A sociedade em que vivemos hoje, desintegrada por inúmeros contravalores – e muitas vezes sem ética nem moral – provoca, em crianças, jovens ou adultos, o crescimento do medo, fazendo com que ele se avolume como forma instintiva de proteção. Nossos medos falam mais alto que a voz da coragem ou dos compromissos que nos aguardam e para salvaguardar-nos tentamos escapar. Sempre que julgamos necessário e possível, fugimos. E nossas fugas nos impedem de assumir plenamente as responsabilidades que a vida exige, mesmo que inicialmente assim o quiséssemos. Sentimo-nos fracos e desprotegidos, temerosos e impotentes.⁷¹

Devido à vida frenética, em que se corre contra o tempo, e a influência das redes sociais/internet, o ser humano tem se isolado, para não dizer escondido, dentro de uma realidade ilusória, criada por ele, onde parece regular os problemas, as questões atuais. Se aproxima ou se afasta quando quer, quando lhe convém. Ele se abstém, assim, do compromisso do engajamento com a história que está construindo, quer ele queira quer não, com sua existência. O medo de se colocar

⁷¹ SCHMITT, C. A., A coragem de ser responsável, p.9-10.

diante do incontrolável o assusta. Em um mundo diverso e plural, a realidade nos interpela com novidades e contratempos a todo o momento. Isso intimida aquele que prevê sua realidade de modo planejado, idealizando como vai ser o amanhã, sempre incerto – apesar de cheio de possibilidades.

É o saber, o conhecimento, que gera a consciência e com ela a responsabilidade no agir humano, por conferir a ele a capacidade de prever as consequências de suas ações. O ser humano que age na ignorância, age de imediato, sem conseguir enxergar os processos que podem advir de suas ações. No entanto, aquele que tem conhecimento possui ferramentas intelectuais para raciocinar e discernir, para elaborar estratégias e caminhos e, dessa forma, projetar para o futuro as possibilidades geradas por seus atos. Se torna, assim, moralmente responsável por suas ações, que, embora possam parecer ingênuas no momento, podem gerar processos danosos ao meio ambiente ou à vida das gerações futuras.

O saber se torna um dever prioritário, mais além de tudo o que anteriormente lhe era exigido, e o saber deve ter a mesma magnitude da dimensão causal do nosso agir. Mas o fato de que ele realmente não possa ter a mesma magnitude, isto é, de que o saber previdente permaneça atrás do saber técnico que confere poder ao nosso agir, ganha ele próprio significado ético. Reconhecer a ignorância torna-se, então, o outro lado da obrigação do saber, e com isso torna-se uma parte da ética que deve instruir o autocontrole, cada vez mais necessário, sobre o nosso excessivo poder. Nenhuma ética anterior vira-se obrigada a considerar a condição global da vida humana e o futuro distante, inclusive a existência da espécie. O fato de que hoje eles estejam em jogo exige, numa palavra, uma nova concepção de direitos e deveres, para os qual nenhuma ética e metafísica antiga pode sequer oferecer os princípios quanto mais uma doutrina acabada.⁷²

Alimentamos expectativas na esperança de que se realizem como desejamos, mas temos que ter em mente sempre a responsabilidade de nossos atos devido às suas consequências. Tomamos atitudes que muitas vezes pretendíamos que nos conduzissem a uma situação, mas que parecem ter desvios devido a circunstâncias externas à nossa realidade. Muitas vezes, por determinação pessoal ou idealismos, tomamos medidas que, no decorrer dessas interferências, se tornam nocivas à sociedade. Por falta de planejamento, de conhecimento ou de atenção, essas medidas causam danos que poderiam ter sido evitados se tivéssemos dado atenção maior à realidade diversa e plural em que nos situamos, procurando compreender melhor suas características e seus processos. Não temos o domínio, o controle da

⁷² JONAS, H., O princípio responsabilidade, p.41.

realidade à nossa volta, nela agimos e interferimos, mas não determinamos os processos que decorrem das ações nossas nem dos outros. Somos coletividade, conjunto de liberdades que interagem. Daí a necessidade do respeito, da ética e do amor. Da compreensão da realidade do outro em interface com a nossa.

Como ser livre, o ser humano é capaz de decidir, de escolher. Mesmo as pequenas escolhas são determinantes na sua história particular, que envolve muito mais a coletividade e seu meio ambiente, do que ele pode se dar conta no momento da ação. Nunca sabemos o efeito de nossos atos com exatidão. Nem sempre o que pretendemos com nossas ações se realiza como gostaríamos, nossas expectativas são sempre dependentes do outro, das circunstâncias, seja ele outro ser humano, a natureza ou o Criador. Tillich previne sobre essa limitação.

O Homem é essencialmente “liberdade finita”: liberdade não no sentido de indeterminação, porém no sentido de ser capaz de determinar por meio de decisões no núcleo de seu ser. O homem como liberdade finita é livre dentro das contingências de sua finitude. Mas dentro desses limites ele é requerido a fazer de si o que se supõe ele possa tornar-se para realizar seu destino. Em cada ato de autoafirmação moral o homem contribui para a realização de seu destino, para a concretização do que ele é potencialmente. (...) Porém, embora a norma esteja formulada, o homem tem o poder de agir contra ela, de contradizer seu ser essencial, de perder seu destino. E, sob as condições de extravio do homem de si próprio, isto é uma realidade.⁷³

É preciso então um agir ético e responsável, considerando as condições globais e humanas, ponderando a promoção da vida e a longevidade do ser humano além da manutenção sustentável da natureza. Nem sempre aquilo que julgamos plausível é o melhor, nosso ponto de vista é sempre limitado à nossa perspectiva emocional e histórica. A necessidade do outro pode ser diversa daquela que nós imaginamos. Uma interferência sem ponderação pode causar mais danos do que benefícios. Daí a importância do diálogo e da observação respeitosa da situação em que nos colocamos. Nosso conhecimento é sempre limitado no que se refere à realidade do outro. Só podemos conhecer a realidade e a pessoa do outro à medida que ele se apresenta, que ele se manifesta como é. A cada nova relação estamos diante de uma história diferente, de uma realidade diferente, de um universo diferente. É sempre o novo que vai se revelar aos poucos, à medida que dele nos aproximamos com coragem amorosa para fazer dele um companheiro na trajetória da história. Precisamos olhar para o outro com amor, o respeito na dinâmica da

⁷³ TILLICH, P., A coragem de ser, p.40.

compaixão e solidariedade se faz então exigência ética. É preciso tomar consciência de quem somos, imagem e semelhança do Deus Criador, que com ele necessita se relacionar, para não perder sua humanidade. Para que essa relação seja fecunda, é preciso mudar a dinâmica da vida, priorizar conceitos quase esquecidos pelo ser humano contemporâneo, como a solidariedade e a alteridade.

Optar pela solidariedade, pela alteridade faz parte desse novo, um olhar com categorias éticas, que possa enxergar, se compadecer e assumir o ponto de vista daqueles que sofrem, dos condenados deste mundo, oprimidos pelos sistemas econômicos – os atuais pobres do evangelho. Homens, mulheres e crianças sujeitos à massificação pela instrumentalização da máquina econômica que rege o globo terrestre, que gera estruturas sociais injustas, desatentas e impositivas. São sistemas perversos que geram impedimentos à vida, à conquista da autonomia a uma parte da humanidade que permanece muda, sem voz até mesmo para gritar por socorro⁷⁴.

A leitura da realidade presente fundamenta a realidade futura, precisamos semear para o futuro o mundo que desejamos, ajudar a construir um mundo mais justo, mais fraterno. Um mundo de equidade e de sustentabilidade, onde o ser humano possa ser feliz, onde possa se realizar e viver na justiça e na paz. Isso não conseguimos fazer sozinhos e nem impondo medidas e regras. É preciso uma transformação profunda, uma tomada de consciência coletiva para que as mudanças se realizem. Entra então, em questão, o nosso testemunho com um agir ético e coerente, um agir amoroso e solidário que pode deixar transparecer o amor solidário. Não convence a ação por palavras e propostas de regulamentações vazias, mas com a paixão e a vontade de fazer a mudança. Com a ação e o exemplo. Mas será esse o mundo que estamos construindo quando vivenciamos à nossa volta tanto sofrimento e opressão? Como podemos iniciar essa transformação? Quando olhamos para a dinâmica da vida de Jesus de Nazaré vemos o paradigma. Em todas as suas ações, Jesus olha com atenção para aquele que o interpela, situando-o na sua realidade. Age de maneira a transformá-lo por dentro, levando-o a refletir e redirecionar seu caminho, na liberdade e na vontade. Faz que deseje a mudança, transformando-a em uma necessidade de vida porque percebe uma realidade diferente, uma proposta de caminho que o leva a viver no amor e a desejar a paz e a justiça. Jesus se revela, se relaciona com o outro, se coloca como é. Salva na

⁷⁴ TAVARES, C. Q., Contornos éticos na Evangelii Gaudium, p.221-2.

relação, por fazer perceber a realidade da alegria de viver a promessa de seu amor, de sua presença, salva porque nos tira da dinâmica da insegurança e do medo, mostrando que com ele somos capazes de realizar mudanças que vão gerar alegria não só para nós como para todos à nossa volta. Conseguiremos com ele ver a realidade mais completa, porque nos relacionamos com os outros e com eles entramos em sintonia, em comunhão e passamos a perceber o que é realmente bom para todos.

É uma relação que implica, por parte do ser humano, a decisão e a resposta face ao dom da salvação e da criação. O valor e o sentido da resposta humana aparecem, claramente, em Jesus Cristo. Nele confessado pela Igreja como cabeça da Nova Humanidade e como modelo do que significa ser humano conforme o projeto de Deus salvador-criador, encontra-se a realização concreta, histórica da existência humana, vivida na abertura-diálogo e na resposta ao dom de Deus.⁷⁵

O agir humano precisa ser agir responsável, resposta ao dom recebido. Dom de uma casa comum – a criação e tudo o que ela envolve – que nos acolhe como humanidade e que nos provê em todas as nossas necessidades. No momento atual, faz-se exigente pensar em uma nova concepção de direitos e deveres que contemplem o futuro de nosso planeta, de nossa humanidade, de nossa história, de forma amorosa semeando ideias e ações que promovam um desenvolvimento humano que envolva todo o nosso ecossistema considerando sua plena realização.

É necessário pensar a natureza como algo que merece o nosso respeito, é preciso ir além da ética tradicional, é preciso tomar consciência da nossa condição de filhos de Deus e administradores da criação e “indagar se a condição da natureza extra humana, a biosfera no todo e em suas partes, hoje subjugadas ao nosso poder, exatamente por isso não se tornaram um bem a nós confiados, capaz de nos impor algo como uma exigência moral”⁷⁶.

É primordial para o ser humano reconhecer a dignidade da natureza, seu direito de existir e de se realizar também como criação de Deus, tomar consciência da posição do ser humano e de seu papel como parte da criação – pois dela é parte, não é alheio nem externo. É preciso olhar para a natureza como complementaridade, como parte também da vida. Precisamos nos reintegrar à própria natureza e por ela

⁷⁵ GARCIA RUBIO, A., *Novos Rumos da antropologia teológica cristã*, p.261.

⁷⁶ JONAS, H., *O princípio responsabilidade*, p.41.

nos responsabilizarmos “de modo a reestabelecer uma nova relação moral, tendo como pressuposto um homem como parte e produto da natureza”⁷⁷.

O planeta sofre a consequência dos atos humanos, a natureza fragilizada não mais se sustenta, precisa de socorro, precisa ser preservada, valorizada. A natureza por ter seus recursos nem sempre renováveis, devido às ações humanas, clama por subsistência, por um futuro. O ser humano com seus feitos e produtos precisa repensar sua existência em comunhão com a natureza, como interdependentes e complementares: “como propósito moral, isto é, como uma obrigação prática perante a posteridade de um futuro distante e como princípio de decisão na ação presente”⁷⁸.

Metz vai chamar a tenção para a questão política da teologia, participação histórica e responsável que o ser humano precisa ter diante da comunidade. Com uma prática ativa e dinâmica, uma prática política:

Com uma crescente clareza percebemos hoje que esse desenvolvimento não é ilimitado, mas que os limites da expansão econômica, os limites do consumo de matéria prima, e de energia, da ocupação do espaço vital, da exploração do meio ambiente e da natureza não permitem que todos os países se desenvolvam àquele nível de bem-estar que temos e usufruímos hoje em dia. Diante dessa situação – no interesse de uma sobrevivência digna da humanidade – precisamos mudar radicalmente nossos padrões de vida, devemos transformar drasticamente as prioridades econômicas e sociais da nossa vida, e isso tudo provavelmente num espaço de tempo tão curto, que não se pode esperar por um processo de adaptação e de aprendizado lento e livre de conflitos. Serão necessários novos direcionamentos dos nossos interesses e metas de trabalho, e também novas formas de contenção, de certo modo uma espécie de ascese coletiva.⁷⁹

Essa condição atual estabelecida na relação do ser humano com a natureza ultrapassa os imperativos éticos tradicionais da simultaneidade. Entra no cenário da moral dependente dos poderes humanos, que também são agora fundamentados na técnica, na fabricação de produtos e novas realidades – a realidade virtual, por exemplo – ficando sujeitas à consciência e capacidade de previsão do futuro, assegurando sua sustentabilidade ou não. “é o dever do ser humano proteger, a premissa básica de todo o dever, ou seja, precisamente a presença de meros candidatos a um universo moral num mundo físico de modo que as condições para

⁷⁷ OLIVEIRA, J.; MORETTO, G.; SGANZERLA, A., Vida Técnica e Responsabilidade, p.163.

⁷⁸ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p.45.

⁷⁹ METZ, J. B., Mística de olhos abertos, p.291.

uma tal presença permaneçam intactas.”⁸⁰ Isso significa proteger a sua vulnerabilidade diante dessas condições.

A responsabilidade total tem sempre que se perguntar: “O que vem agora? Para onde vamos?” e, em seguida: “O que houve antes? Como se liga o que está ocorrendo agora com o desenrolar dessa existência?” Em uma palavra, a responsabilidade tem que proceder de forma “histórica”, apreender seu objeto na sua historicidade. Esse é o sentido preciso do elemento que caracterizamos aqui como “continuidade”. Nesse aspecto a responsabilidade política tem uma dimensão muito mais vasta em relação ao futuro e ao passado, pois corresponde à longa história da comunidade.⁸¹

Nosso momento histórico, nossa realidade estão inseridos sempre entre o passado herdado pelos que vieram antes de nós e o futuro a ser realizado, onde surgem as possibilidades a serem criadas para os que virão depois de nós. Onde nos colocamos? Só podemos nos colocar no presente. É o único lugar – tempo e espaço onde vivemos o hoje – em que uma ação pode ser realizada. É preciso então pensar em nossas atitudes e no que realizamos para deixarmos de herança aos que vierem a nos seguir.

O futuro da humanidade é o primeiro dever do comportamento coletivo humano na idade da civilização técnica, que se tornou “todo-poderosa” no que tange ao seu potencial de destruição. Esse futuro da humanidade inclui, obviamente, o futuro da natureza como sua condição *sine qua non*. Mas mesmo independentemente desse fato, este último constitui uma responsabilidade metafísica, na medida em que o homem se tornou perigoso não só para si, mas para toda a biosfera.⁸²

3.2 Somos criaturas de responsabilidade

O que entendemos por responsabilidade? A palavra responsabilidade está relacionada com a palavra em latim *respondere*, que significa “responder, prometer em troca”, ou seja, obrigação de responder por atos próprios ou de outros por uma coisa confiada. Assim, à pessoa a ser considerada responsável por uma situação ou coisa cabe o cuidado, a tutela, terá que responder se alguma coisa corre de forma desastrosa socialmente ou ainda em uma relação a um outro. O fato é que na responsabilidade fica implicada a relação de confiança e resposta, a questão de confiar algo bom aos cuidados de alguém que se acredita ser capaz.

⁸⁰ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p.45.

⁸¹ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p.185.

⁸² JONAS, H., O princípio responsabilidade, p.229.

Mas como respondemos com responsabilidade ao Criador? Deus criador de todas as coisas vem em busca do ser humano para com ele se relacionar em seu imenso amor. Como responder àquele que quer com o ser humano estabelecer comunicação, relação e amizade? Para que isso ocorra, o ser humano precisa responder com compromisso, precisa se engajar em seu projeto para poder caminhar junto, em parceria, comunicação e serviço de cumplicidade na construção do projeto do Pai: o Reino de Deus.

O Reino de Deus anunciado e instituído por Jesus é reino de justiça e paz, prometido para todos os seres humanos em comunhão com toda a criação.⁸³ Vemos isso exemplificado já no Antigo Testamento (Is 11). É promessa que age como força dinamizadora que atua nos processos de libertação do ser humano, criando espaços de transformação na história. Projeto do Pai para toda a humanidade que se realiza em Jesus como processo e que fica como legado para darmos continuidade, promovendo sentido e finalidade à história humana. No entanto, o que vemos hoje é o ser humano subjugado por processos econômicos e mercadológicos de desenvolvimento que, ao invés de gerarem vida, acabam produzindo um sistema de opressão e morte, não só para si próprio, mas para toda a criação, colocando em risco a sua própria existência. Por isso, é primordial realizar mudanças radicais da maneira de ver a vida e a história.⁸⁴ Se faz necessário o agir responsável com o próprio criador que confiou à humanidade o cuidado da casa comum, para desenvolvê-la na dinâmica da comunhão e no amor entre todos e com toda a criação.

3.2.1 Criaturas com responsabilidade histórica

O saber humano traz, na consciência, a sua vulnerabilidade diante da natureza e sua dependência diante de Deus. No entanto, o seu produzir técnico parece alheio a esse saber ao negligenciar as condições necessárias para a sua perpetuação, para que haja um futuro. Somos criaturas, frutos do amor generoso do Pai, criador que nos envolve na beleza e na grandiosidade do mundo criado, que nos recebe como

⁸³ SOBRINO, J., Centralidad del reino de Dios en la teología de la liberación, p.467-510.

⁸⁴ No sínodo da Amazônia, Francisco afirma a necessidade de repensarmos nosso modo de viver: devemos reduzir nossa dependência dos combustíveis fósseis e o uso de plásticos, mudar nossos hábitos alimentares (excesso de consumo de carne, peixes e mariscos) com um estilo de vida mais sóbrio. (n.84)

uma mãe que com amor envolve seu filho ao nascer, gerando para ele não só as condições necessárias para seu desenvolvimento, mas também ambiente de beleza e conforto para que possa auxiliar em seu desenvolvimento e sua felicidade. A natureza se faz solidária ao projeto de Deus para o mundo.

Pelo fato de existirmos como tal, nos é confiada a missão de cuidar e proteger a criação e suas condições amorosas e receptivas para com toda a vida na Terra, presente e futura. Somos responsáveis pelo futuro da humanidade assim como nossos antepassados foram por nós. Para isso, precisamos cuidar da natureza, se não por amor a Ele, pelo amor à nossa subsistência, permanência no mundo criado, a continuidade da humanidade. Temos o dever de responder pela nossa própria vida, pela nossa própria existência, pelas relações inter-humanas e pela criação diante de Deus. É necessário olhar para os irmãos e para toda a criação como nossa, como família, a ser amada e cuidada por ser dom precioso a nós destinado. É responsabilidade de amor, condição genuína, inseparável da contemplação da natureza, em sua globalidade que se estende por toda a vida na Terra. Portanto, é preciso um agir ético, com uma nova perspectiva, com novos paradigmas, focado no cuidado e no respeito para com todos, para com tudo. Colocando sempre a vida em primeiro lugar.

No entanto, o ser humano hoje parece reger o seu comportamento pelo egoísmo e pelo imediatismo, gerando objetivos momentâneos e frívolos que o levam ao esquecimento de quem é, de sua importância na criação. Esquece-se de que sua capacidade criativa e criadora é dom do Criador, que lhe foi concedido no momento da criação (Gn 1-3), que lhe confere estatuto de administrador de toda a criação, concedida a todo ser humano com características diferentes, para dela tirar o seu sustento, capacitando-o a gerar vida. Tolentino Mendonça explica:

“Quando o senhor Deus fez a terra e os céus, e ainda não havia arbusto algum pelos campos, nem sequer uma planta germinara ainda, porque o senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem algum para cultivá-la, e da Terra brotava uma nascente que regava toda a superfície. Então o senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo” (Gn 2,4b-7). O texto estabelece um vínculo de cooperação entre a terra (*adamah*) e o homem (*adam*). E, como as etimologias de ambas as palavras sublinham, o seu caráter não é apenas funcional, é também da ordem do Ser. *Adam* e *adamah* partilham uma semelhança fundamental e uma história, quando se “opõe a aridez da terra como estado de vazio negativo à cultura humana como estado positivo”, assinalam-se precisamente os benefícios dessa companhia. A construção do homem, plasmado do barro e do sopro de Deus,

representa uma etapa da criação da própria terra, pois do relato depreende-se que as formas de vida terrestre germinarão pelo empenho deste que é capaz de arar o solo. Mais que uma atividade econômica, a agricultura vem aqui perspectivada como uma atividade cósmica, onde o mundo refulge, expressando a sua vitalidade. Entre *adam* (homem) e *adamah* (terra) há, assim, um acordo primordial de pertença.⁸⁵

A própria técnica se origina e se fundamenta na natureza, em seus recursos e suas leis. As ciências encontram nela sua fonte e teoricamente resultados, mas algo se desviou nesse processo. Os que dirigem seus objetivos de produção parecem ter sido esquecidos. Os modelos econômicos decorrentes da técnica parecem ter tomado o controle e assumido os caminhos a serem seguidos. A humanidade parece estar se autoalimentando de desejos frívolos e fugazes, ao depositar em produtos suas esperanças e realizações, sua felicidade não mais depositada em realização pessoal profunda, mas em momentos de prazer. O importante é o *status*, é ter o que lhe mantém em evidência, passando isso a reger o comportamento humano e fazendo-o esquecer o que ele realmente é, imagem e semelhança de Deus pela criação e filhos adotivos em Cristo.⁸⁶

Vivemos hoje em uma sociedade onde os vínculos relacionais são escassos, correndo o risco de se dissolverem, caminho para a solidão egoísta, individualismo e vazio existencial gerado pela falta de sentido. O cristianismo vem confrontar essa realidade com a proposta de um Deus que é amor, que é relação, com proposta amorosa àquele que a ele responde. Resposta que é dada pela dinâmica da alteridade, pelo acolhimento da criação. Ser amor significa abertura infinita e felicidade absoluta da parte de Deus. Gera felicidade, esperança, resiliência, vontade de lutar pela justiça e por um mundo melhor, gera sentido à nossa existência e nos move em direção ao futuro da história na construção de um mundo mais humano e mais justo. O movimento do ser humano deve ser então de acolhimento e de cuidado, de solidariedade, compromisso que brota do amor e da felicidade desse encontro, dessa relação. Relação que preserva a identidade, a liberdade e a autonomia das pessoas. “O cristianismo tem condições de apresentar o vínculo como realização humana e como resposta à desestruturação doentia de uma personalidade totalmente sem compromisso com nada e com ninguém”⁸⁷.

⁸⁵ MENDONÇA, J. T., A leitura infinita, p.78-9.

⁸⁶ Podemos novamente aqui chamar atenção ao pedido de Francisco a uma vida mais sóbria.

⁸⁷ LIBANIO, J. B., Qual o futuro do Cristianismo?, p.134.

A alteridade e a solidariedade, tão bem reveladas na vida de Jesus, são modelo e paradigma para o ser humano. Mostram o caminho da felicidade, caminho a ser seguido no desenvolvimento do processo histórico. No entanto, o ser humano, hoje, muitas vezes se fecha em interesses pessoais, não querendo olhar a realidade à sua volta. Parece que perdemos a sensibilidade para com o outro, parece que perdemos a compaixão. Voltando ao pensamento de Metz:

Então eu vi os outros rostos, os outros olhos, dos camponeses miseráveis de Lima, às vezes de mulheres, no meio dos pobres, e especialmente à noite, das crianças de rua na cidade de São Paulo. Vi os olhos sem sonhos, os rostos sem lágrimas, por assim dizer, a infelicidade sem desejos. Vi os rostos de crianças entorpecidos pelo cheiro de uma cola nojenta, substitutos do ópio, do sonho, em uma vida realmente oprimida, abaixo do limite do sonho, do limite das lágrimas, uma pobreza que desemboca na miséria da completa ausência de sonhos e lágrimas! Essas pessoas das quais estou falando não têm sessenta ou setenta anos de idade, com sonhos arrefecidos, desgastados; elas têm três ou cinco anos de idade, crianças de rua, abandonadas, e mães de quinze anos de idade, que deram à luz a seus filhos nos degraus frios e duros da catedral.⁸⁸

A dor do outro parece não gerar mais compaixão. Ocupados com nossos afazeres, nossas ilusórias necessidades, perdidos em nossos mundos individuais, não nos damos ao trabalho de levantar o olhar para ver a triste realidade que se apresenta a nossa frente. Porque, se o fizermos, como responderemos a ela? Será que teremos coragem para continuar nossos caminhos impassíveis à necessidade do outro? Será que conseguiremos seguir omissos, como se aquilo que vemos não fizesse parte da nossa realidade?

No momento atual, idade da técnica da produção e do conforto, desperta no ser humano uma disposição ao individualismo e ao fechamento em si mesmo, se abstendo de olhar a realidade com olhar crítico, se abstendo de olhar o outro e fazer perguntas sobre suas necessidades. O conforto tende a acomodar, a paralisar, gera um sedentarismo em que o movimento precisa vir de fora, precisa ser de servidão. Dessa forma, o egoísmo prevalece à solidariedade. Ainda com Metz:

É certo que a pessoa luta pela felicidade, e disso podemos deduzir um imperativo categórico que poderia ser o seguinte: todos lutam pela felicidade, mas justamente por isso nunca à custa da felicidade dos outros. Esse imperativo lembra a luta aparentemente inata, individual, pela felicidade, que frequentemente utiliza em excesso as estratégias de evitar o luto e o sofrimento, inclusive quando se trata da infelicidade dos outros. Nesse sentido, o proclamado direito à felicidade exprime

⁸⁸ METZ, J. B., *Mística de olhos abertos*, p.74.

uma obrigação, a obrigação dos felizes em relação aos infelizes. Entendido dessa forma, esse direito deve ser parte dos fundamentos do bem-estar geral e, nesse sentido, também o fundamento para uma política de felicidade mais exigente.⁸⁹

Agir no presente, olhar para o outro como irmão. Colocar seu bem-estar como necessidade para o meu bem-estar e sua felicidade como premissa para a minha. Mas também é preciso ainda pensar mais além, pensar em uma solidariedade histórica que precisa ser semeada, construída no hoje da história. É preciso se solidarizar e amar não só aqueles que nos interpelam de maneira visível, palpável, concreta com sua dor e sofrimento. Aqueles que podemos ver os rostos, ou que ao menos temos consciência de suas necessidades imediatas. É preciso pensar também no futuro, nos que ainda não estão entre nós. Precisamos olhar com esperança e caridade para o futuro da história, para aqueles que nos sucederão e trabalhar para que tenham também as possibilidades de felicidade que temos hoje. Esse deveria ser um imperativo ético. Desta maneira, retornamos com o pensamento de Jonas:

Em relação a esse horizonte transcendente, a responsabilidade, mesmo em sua totalidade, não pode ambicionar um papel determinante; pode ambicionar possibilitá-lo (ou seja, prepará-lo e manter aberta a oportunidade). O caráter vindouro daquilo que deve ser objeto de cuidado constitui o aspecto de futuro mais próprio da responsabilidade. Sua realização suprema, que ela deve ousar, é a sua renúncia diante do direito daquele que ainda não existe e cujo futuro ele trata de garantir. À luz dessa amplidão transcendente, torna-se evidente que a responsabilidade não é nada mais do que complemento moral para a constituição ontológica do seu ser temporal.⁹⁰

Falamos de caminho, de processo histórico, de crescimento pela experiência. Mas o que vemos hoje são caminhos curtos e circulares, em que o ser humano, ao se colocar no centro, não se permite grandes distâncias ou aventuras, por medo de perder o lugar que assume ser o seu, que assume ter conquistado pelo seu desempenho, por ser produto de suas atividades. Isso, no entanto, o impede de olhar para frente, de olhar para além do limite por ele determinado, tirando assim a sua consciência de quem é, de sua vocação fundamental, de sua potência criativa, de sua posição determinada pelo Pai: administrador de toda a criação.

O homem não tem poderes inatos sobre o céu, mar e terra, os três planos que, no Médio Oriente antigo, serviam para explicar a composição do universo (Ex 20,4; Dt 4,15-28; Sl 8,7-9). Porém o homem não lhes é indiferente, pois recebe de Deus uma

⁸⁹ METZ, J. B., *Mística de olhos abertos*, p.167.

⁹⁰ JONAS, H., *O princípio responsabilidade*, p.186-7.

responsabilidade. O conteúdo de tal provisão, expresso pelo verbo “dominar”, deve entender-se não à maneira de uma tutela absoluta e arbitrária, mas próximo do campo semântico pastoril. “Dominar” significa apascentar, guiar, acompanhar. O homem emerge como pastor do criado. Faz as vezes de Deus, é seu lugar-tenente, seu representante e, nesse pressuposto, exerce a tarefa de cuidar.⁹¹

Sem essa consciência, de acordo com o que apontou Tolentino Mendonça, os seres humanos se tornam negligentes, não atentos a suas responsabilidades de construtores da história, de semeadores do amor. Vão aos poucos assumindo posturas destrutivas e até aniquiladoras, que ameaçam não só a natureza, o cosmo a sua volta, mas também a própria existência humana. Acreditam ser senhores da própria vida e da natureza, do meio ambiente em geral. Confiam em sua razão e nas perspectivas históricas que desejam construir. Com a industrialização, o desenvolvimento técnico e a secularização, o ser humano supõe uma autonomia que na realidade não possui. Não tem o controle dos acontecimentos de sua vida, pode planejá-los, trabalhar para que se realizem, mas garantias de que suas expectativas serão cumpridas? Ninguém as tem. Na carta encíclica *Laudato Si'*, Francisco adverte dessa arrogância humana chamando nossa atenção.

O ser humano não é plenamente autônomo. A sua liberdade adoece quando se entrega às forças cegas do inconsciente, das necessidades imediatas do egoísmo, da violência brutal. Nesse sentido ele está nu e exposto frente ao seu próprio poder que continua a crescer, sem ter instrumentos para controlá-los. Talvez disponha de mecanismos superficiais, mas podemos afirmar que carece de uma ética sólida, uma cultura e uma espiritualidade que lhe ponham realmente um limite e o contenham dentro do lúcido domínio de si. (LS n.105)

Criamos subterfúgios por nós inventados como camuflagem para esse controle, essa autonomia. Criamos situações disfarces, ou ilusórias e vamos perdendo qualidade de vida, e porque não dizer de humanidade, quando mergulhamos nesses mecanismos que muitas vezes parecem sólidos ou reais. Agindo dessa forma, muitas vezes acabamos passando por cima de valores fundamentais. Inventamos uma noção de sucesso e progresso que nada mais é que afirmar uma supremacia sobre aquele que, como criado por Deus, nós deveríamos ver como um igual, mas que por necessidades egoístas ignoramos seus direitos. Usando como referência a escola de Parsons⁹², Comblin apresenta:

⁹¹ MENDONÇA, J. T., A leitura infinita, p.79-80.

⁹² Referência ao artigo de T. Parsons, *Christianity and Modern Industrial Society*, publicado em: SCHNEIDER, Louis (ed), *Religion, Culture and Society*, p.273-8.

Ser livre para ser responsável, aí está o modo de existência que T. Parsons e sua escola apontam como representativo da sociedade industrial e urbana. Isso supõe a ideia de que o homem é soberano do mundo material e que pode servir-se dele com inteira liberdade, e também, a ideia de que o homem recebe uma tarefa e que recebe a soberania apenas para exercer sua responsabilidade. O mundo é o instrumento de que se serve para desempenhar seu papel ou realizar a função de que se acha incumbido. Nesta concepção, a existência secular é essencialmente trabalho, isto é produção de bens úteis.⁹³

A ideia de soberano do mundo deve ser ultrapassada pela resposta amorosa que precisa ser dada pelo ser humano ao criador por meio da criação, do cuidado destinado à natureza. A concepção do ser humano como ser da criação, inserido e participante, mesmo que privilegiada por ser ele *imago Dei*, ao mesmo tempo traz o contraponto da responsabilidade de construir um mundo melhor e mais justo. A questão do domínio deve ser compreendida como dom a ser administrado. Não como posse egoísta e inconsequente na confiança dos recursos inesgotáveis da natureza, ou, ainda, pela opressão do outro devido a uma soberania conquistada de determinado bem ou domínio.

3.2.2

Criaturas com responsabilidade com a própria humanidade

O ser humano pós-moderno se coloca no âmbito do imediatismo, e do privado. Abstendo-se da paciência e do discernimento, ele esquece que é ser relacional e interdependente. Com isso, acaba por não reconhecer que sozinho perde a própria humanidade, negando-se a si mesmo. Em processo de esquecimento, devido às distrações que ele mesmo produz, pode ter como consequência o adoecimento dele próprio, desencadeando estresse, depressão e outros males. Os assuntos ficam mal resolvidos e as pessoas infelizes. Nesse processo de negligência da vida em prol de sua produção, o ser humano acaba perdendo a perspectiva de quem realmente é e, sem pensar no porvir, vive no imediatismo, ameaçando não só a natureza, mas também a própria existência humana.

Não temos direito de escolher a não existência de futuras gerações em função da existência da atual, ou mesmo de as colocar em risco. Não é fácil justificar teoricamente – e talvez, sem religião, seja mesmo impossível – porque não temos esse direito; porque, ao contrário, temos um dever diante daquele que não é nada o

⁹³ COMBLIN, J., Mitos e realidades da secularização, p.70.

que não precisa existir como tal e que, seja como for, na condição de não existente, não reivindica existência.⁹⁴

Onde se encontra essa responsabilidade com a natureza? E com a própria humanidade? O egoísmo humano regido pelos interesses políticos e econômicos adquire tal proporção que olha para si mesmo e não se reconhece imagem de Deus, por não reconhecer Deus em sua dinâmica de vida. Esquece que todos somos irmãos e criaturas, assim como todo o mundo criado. Dessa forma, não percebe o próprio mal que faz a si mesmo, ao ponto de prejudicar a própria existência em virtude de um poder adquirido pelo status do capital, pelo mercado que estabelece o que é de valor ou não.

A explosão demográfica, compreendida como problema metabólico do planeta, rouba as rédeas da busca de uma melhora no nível de vida, forçando uma humanidade que empobrece, na luta pela sobrevivência mais crua, àquilo que ela poderia fazer ou deixar de fazer em função de sua felicidade: a uma pilhagem cada vez mais brutal do planeta, até que este diga a última palavra, não mais consentindo em sua superexploração. É com pavor que imaginaríamos as mortes e os assassinatos em massa que acompanhariam uma situação como essa.⁹⁵

Adquirem-se assim novos parâmetros para o sucesso e o desenvolvimento, a custo da própria vida humana subjugada ao poder dos poderosos, daqueles que detêm o capital, “uma vez que a economia ‘livre’ das sociedades industriais ocidentais é o centro dessa dinâmica, que conduz a essa ameaça mortal”⁹⁶. Essa situação vai do individual ao global, do micro ao macro. Vemos tanto essa situação nas relações individuais como também em relação aos países ricos que dominam países pobres com acordos desiguais, destrutivos. Formatam a cultura para um processo de desenvolvimento ilusório em troca da exploração de seus recursos naturais⁹⁷. Essa tem sido a preocupação da Igreja, o papa Francisco chama a atenção para isso não só na *Laudato Si'*, mas também no sínodo da Amazônia, e muitos cientistas sociais e filósofos alertam sobre o assunto. Há riquezas particulares e criativas em todas as culturas. Precisamos ver o diferente como complementaridade

⁹⁴ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p.48.

⁹⁵ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p.236.

⁹⁶ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p.237.

⁹⁷ A Índia tem o maior número de escravizados do mundo: 14,3 milhões de pessoas ou 1,14% da população, mas não são apenas os países pobres que mantêm a escravidão no século 21. Erguido sobre bilhões em petróleo, o Catar está entre os cinco países com maior proporção de escravos ao lado de Mauritânia, Uzbequistão, Haiti e Índia. A maioria é explorada na construção civil. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,india-e-o-pais-com-a-maior-quantidade-de-escravos-no-mundo-imp-,1596684> Acesso em: 12 set 2019.

e não como adversidade a um modo de pensar e de ver a realidade. Se assim não fizermos, estaremos formatando nossa humanidade a conceitos considerados como universais, que sufocam a criatividade, nos tornaremos então “robotizados”, impedindo o nosso próprio desenvolvimento, a nossa própria evolução. Acreditando que há só o nosso modo de conduzir a vida, de ver as coisas, nos fecharemos em verdades particulares, gerando muralhas, dogmas e conceitos que vão se tornar cada vez mais difíceis de serem desconstruídos. Vejamos o que diz Francisco na *Laudato Si'*:

Esta situação leva-nos a uma esquizofrenia permanente, que se estende da exaltação tecnocrática que não reconhece aos outros seres um valor próprio, até a reação de negar qualquer valor peculiar ao ser humano. Contudo, não se pode prescindir da humanidade. Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia. Quando a pessoa humana é considerada apenas mais um ser entre outros, que provem de jogos do acaso ou de um determinismo físico, “corre o risco de atenuar-se, nas consciências, a noção de responsabilidade” um antropocentrismo desordenado não deve necessariamente ser substituído por um “biocentrismo”, porque isso implicaria introduzir um novo desequilíbrio que não só não resolverá os problemas existentes, mas acrescentará outros. Não se pode exigir do ser humano um compromisso para com o mundo, se ao mesmo tempo não se reconhecem e valorizam as suas peculiares capacidades de conhecimento, vontade, liberdade e responsabilidade. (LS n.118)

É inconcebível que nos tempos atuais, em que a tecnologia abriu caminhos inimagináveis, capaz de mandar o ser humano ao espaço, ainda se veja realidades de miséria e fome, de coisificação do ser humano, tirando dele sua dignidade total. Muitos fazendeiros se preocupam mais com a água para suas plantações, em engordar e cuidar do seu gado que a alimentar e gerar condições dignas para os seus empregados. Onde fica a consciência de nossa humanidade se não reconhecemos no outro ser humano um ser igual a nós?

A questão do biocentrismo⁹⁸ também tem que ser levada em consideração. É preciso desenvolver o convívio harmônico entre ser humano e natureza, e nunca um em detrimento do outro. A natureza sofre sim degradação e falta de cuidado. Nossa casa comum “geme em dores de parto” (Rm 22). Mas a criação é também o ser humano, que sofre descuido e negligência muitas vezes até piores que a própria

⁹⁸ Alguns defendem que o ser humano é apenas mais um elemento do ecossistema da natureza, ao lado de outros na cadeia de reprodução da vida. Assim, o protagonismo pertence à vida. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/download/801/1232> Acesso em: 4 nov 2019.

natureza, não tendo as condições mais fundamentais para a sua sobrevivência. Em toda cultura há riquezas. Há contribuições para o desenvolvimento da humanidade como tal, no entanto pela primazia do progresso econômico e mercadológico culturas são não só desprezadas, mas esquecidas, destruídas⁹⁹, como se nada significassem para a construção histórica da existência humana.

Vivemos em um mundo plural diverso em todos os seus aspectos, essa pluralidade enriquece com novas perspectivas e possibilidades, que deveriam ser valorizadas e respeitadas em seus aspectos humanos e culturais. Faz parte da manifestação da liberdade humana, é sua maneira de interagir com sua realidade.

É fundamental para o ser humano ter a consciência que da natureza somos dependentes para nossa sobrevivência. No entanto, precisamos ir além, precisamos também olhar para ela com gratidão já que nos foi concedida como dom de amor. Precisamos também nos reconhecer como natureza e com ela ter o compromisso de sobreviver e de preservar a vida.

3.2.3 Criaturas de responsabilidade integral

No decorrer da história, o ser humano vem descobrindo por meio das ciências por ele desenvolvidas, os recursos que a natureza lhe oferece para não só sobreviver, mas também para tornar a vida mais confortável. Nos dois últimos séculos, essas descobertas deram um salto. Tudo em um espaço de tempo muito curto quando se pensa na história humana. No entanto, a responsabilidade com o mundo criado por Deus e a solidariedade com a criação foi colocada de lado, usou-se o poder de domínio acreditando serem incessantes e renováveis os recursos naturais. Não estavam as criaturas de todo equivocadas, a natureza se regenera, se transforma, se lhe for concedido o tempo necessário para tal, mas não na velocidade da ação humana, que coloca em ameaça espécies animais e vegetais sem critério – vemos a redução da Mata Atlântica, da Floresta Amazônica, por exemplo, como consequência do desmatamento sem controle, a contração das calotas polares por conta do aquecimento global, sem falar das espécies animais ameaçadas pelas monoculturas. O ser humano, dessa forma, abstendo-se de sua responsabilidade e

⁹⁹ Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/pathos/2012/02/culturas-em-extincao.html>. Acesso em: 17 dez 2019.

dever, passa a ameaçar sua própria existência, não garantindo para as futuras gerações um planeta que os acolha como fomos acolhidos ao nascer.

Decerto que a incerteza das projeções sobre o futuro inofensiva para a doutrina dos princípios, torna-se uma fraqueza sensível ali onde elas têm de assumir o papel de prognósticos nomeadamente no emprego prático político (...). Pois sabemos que ali o efeito final imaginado deve conduzir à decisão sobre o que fazer agora e ao que renunciar, exigindo-se assim uma considerável certeza da previsão, que justifique a renúncia a um desejável efeito próximo em favor de um efeito distante, que de qualquer modo não nos atingirá.¹⁰⁰

Ao ler essa parte do texto de Hans Jonas, temos o olhar orientado para o passado, não precisamos, no entanto, ir muito longe, basta olharmos nossas próprias histórias e percebermos os processos e mudanças que vivemos. Olhamos para a nossa infância, quando nos sentíamos seguros para andar de bicicleta pelo bairro sozinhos. Olhamos para nossos avós, seus passeios entre casarões que já não existem. Foram substituídos por altos prédios com dezenas de pequenas habitações, onde hoje residem centenas de pessoas, que lutam pela perspectiva de progresso e de uma vida feliz. Não podemos deixar de pensar que algo não deu muito certo, que o “desenvolvimento” que tivemos não necessariamente produziu qualidade de vida, que teve um custo alto para as gerações posteriores que tem acesso ao mundo pelas tecnologias virtuais e redes sociais, mas que perderam acesso à convivência comunitária e fraterna das brincadeiras de rua, relacionamentos pessoais que geravam laços, e pela companhia e convivência propiciavam perceber a dificuldade do outro e aceitá-la, pois caminhavam juntos. Faziam parte da mesma comunidade. No processo dos anos não conseguimos prever onde chegaríamos, a tecnologia e o progresso sedutores nos conduziram ao distanciamento humano.

Acreditamos que a era da modernidade e pós-modernidade concorreu para apressar as desilusões. O número de descontentes cresceu, insatisfeitos e irritados com a realidade que se apresenta, muito aquém dos ideais almejados. Pode-se ir ainda além ao concluir que, nos dias de hoje, nenhuma categoria social está imune a decepções consecutivas com os sistemas políticos e sociais que encontramos em toda e qualquer parte da Terra.

Enquanto os grupos ou categorias sociais vinculadas às tradições conseguem harmonizar de forma mais ou menos bem-sucedida seus anseios respectivos,

¹⁰⁰ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p.74.

restringindo assim a amplitude da decepção experimentada, os grupos ou categorias sociais hipermodernas emergem como sociedade de decepção inflacionada.¹⁰¹

Todo ser humano deseja uma vida boa e tranquila, tem expectativas que almeja realizar. Ele é ser de desejo, confunde seus anseios profundos com os prazeres imediatos e sensações são exaltadas a todo tempo e lugar. A vida cotidiana passa por provações de decepção e desilusão, pois as expectativas não conseguem ser realizadas em momentos fugazes. “Quanto mais os imperativos do bem-estar e do bem-viver são fixados como meta imprescindível, mais intransitáveis se tornam as alamedas do pensamento”¹⁰².

Sabemos hoje dos atentados terroristas que ocorrem e provocam vítimas, sabemos da fome na África e das condições subumanas em que vive a maior parte da população do mundo. Isso nos toca, nos emociona. São situações em que, pela distância, reconhecemos nossa impotência em fazer algo efetivo – isso nos consola e ao mesmo tempo nos paralisa. Nos colocamos em oração por eles. Organizamos movimentos piedosos e nos convencemos de estar fazendo o possível. Ficamos assim satisfeitos, mas nunca felizes, surge a sensação de vazio e falta de sentido e não percebemos o porquê. Convencidos de que somos bons e éticos. Todavia, não nos damos conta de que perdemos as relações de proximidade, não nos esforçamos para conhecer nossos vizinhos, nossos colegas, aqueles que nos prestam serviços. Não nos preocupamos com a proximidade do afeto, de perguntar pela família de nossos colegas de trabalho, ou de pessoas que vemos todos os dias, não perguntamos se têm filhos ou se há algo que os preocupe. Encontramos pessoas cotidianamente, no entanto, muitas vezes, não sabemos sequer seus nomes, não sabemos quem são.

Impõe-se mais e mais na consciência coletiva a unidade da espécie humana, *sapiens* e *demens*. Por maiores que sejam as diferenças culturais, vigora uma unidade genética básica, temos a mesma constituição atômica, os mesmos mecanismos psicológicos, os mesmos impulsos espirituais, os mesmos desejos arquetípicos. Embora mudem os códigos de expressão, todos são portadores de cuidado, de emoção, de inteligência, de liberdade, de amorosidade, de expressão artística e de experiência espiritual. Simultaneamente se manifesta também nossa capacidade de mesquinha, de exclusão do outro, de violência contra a natureza e de destruição. Somos unidade complexa desses contrários.¹⁰³

¹⁰¹ LIPOVETSKY, G., A Sociedade da Decepção, p.5.

¹⁰² LIPOVETSKY, G., A Sociedade da Decepção, p.6.

¹⁰³ BOFF, L., Do iceberg à Arca de Noé, p.48-9.

Se não nos damos conta disso, como seremos capazes de pensar no futuro? Nas gerações vindouras? Na configuração que nossas cidades terão? Na natureza? E quanto à poluição e os prejuízos por ela gerados pelo nosso desenvolvimento e progresso tecnológico? O prazer, a satisfação e o conforto se tornam prioridade. A responsabilidade, a ética, a relação pessoal, perderam espaço para o individualismo e a necessidade de ter. A pessoa humana passa a ser valorada pelo seu status e posição social e não por quem é.

A união do poder com a razão traz consigo a responsabilidade, fato que sempre se compreendeu, quando se tratava da esfera das relações intersubjetivas. O que não se compreendera é a nova expansão da responsabilidade sobre a biosfera e a sobrevivência da humanidade, que decorre simplesmente da extensão do poder sobre as coisas e do fato de que este seja, sobretudo, um poder destrutivo. O poder e o perigo revelam um dever, o qual por meio da solidariedade imperativa com o resto do mundo animal se estende do nosso Ser para o conjunto, independentemente do nosso consentimento.¹⁰⁴

Vivemos não só uma realidade de hiperconsumismo, mas também de falta de identidade pessoal. A identidade é a da massa que se movimenta em acordo com as regras do mercado, do consumo e da técnica. O ser bem-sucedido tomou o lugar do ser feliz e o medo da pobreza cresce associado ao medo da solidão. Na dinâmica em que o valor humano cede lugar a critérios de posse, ou status social, esses medos se tornam como sombras, companheiros de caminhada. Estariam os dois relacionados?

Até o presente momento, o sonho do homem ocidental e branco, universalizado pela globalização, é dominar a Terra e submeter todos os demais seres para deles auferir benefícios de forma ilimitada. Esse sonho, depois de três séculos, transformou-se em pesadelo. (...) Por isso, impõe-se uma reconstrução de nossa humanidade e de nossa civilização com outro tipo de relação para com a Terra, para que mantenha sua biocapacidade e possa continuar sendo nossa boa e generosa Mãe e Casa Comum.¹⁰⁵

Ao percebermos a beleza da criação, da Mãe Terra, Casa comum, percebemos a beleza de Deus. Percebemos sua revelação de amor através da beleza e da fartura de recursos gerados. Nos damos conta, assim, da beleza da humanidade. Comunidade errante e insatisfeita, que procura sentido em si mesma, sem se dar conta que fomos criados não para nós mesmos, mas para também criar junto com o

¹⁰⁴ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p.231.

¹⁰⁵ BOFF, L., Ética e espiritualidade, p.113.

Criador um mundo novo. Um mundo de irmãos. Um mundo de amor e equidade, onde a humanidade possa ver e viver a justiça e a liberdade.

É a liberdade que nos conduz para o amor e para o desapego das idolatrias, rompe com as ansiedades do consumo – viver como pobre, acolher a graça, saber partilhar. Os eventos de nossa vida, sejam bons ou ruins, nos levam à partilha, a comunicar, a celebrar ou a sofrer juntos. Vivemos juntos a história, habitamos juntos a casa comum, nosso planeta azul, precisamos nos colocar em comunhão – com os que passaram e com os que virão depois de nós. “O meio ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos” (LS n.95), afirma Francisco para nos chamar à realidade de quem somos. O ser humano é com o outro. Só, ele é apenas angústia e vazio. Sem o outro que nos interpela a vida, não nos movimentamos, e, parados, já não vivemos. A alteridade, dessa forma, é caminho de vida, caminho de Cristo, caminho de felicidade.

3.3 Somos criaturas de comunhão

Ninguém é sozinho. Sem o outro eu não me reconheço. Precisamos sempre do outro para perceber a própria humanidade, quem sou e o que desejo. Precisamos da interação do diálogo, do partilhar da história, das experiências para construir a nossa identidade, para tomarmos consciência de nosso lugar no mundo, no projeto do Pai. Precisamos das interpelações da vida em comum para percebermos nossa realidade, o que valorizamos e o porquê. Somos com o outro, sem ele não temos nome, não temos quem nos chame, nos sentimos sós, perdemos nossa humanidade.

Nenhum homem é uma ilha isolada; cada homem é uma partícula do continente, uma parte da terra; se um torrão é arrastado para o mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse a casa dos teus amigos ou a tua própria; a morte de qualquer homem diminui-me, porque sou parte do gênero humano. E por isso não perguntes por quem os sinos dobram; eles dobram por ti.¹⁰⁶

Mesmo antes de nossa concepção já não estávamos isolados, desconectados da história humana, dos acontecimentos passados, dos sonhos de nossos ancestrais. Somos frutos da história, do trabalho de nossos antepassados, do que eles construíram. É preciso também acolher a realidade que encontramos com

¹⁰⁶ DONNE, J., Meditações VII.

responsabilidade, alimentar a memória do que foi bom, mas sem medo ou saudosismo. Precisamos sempre aprimorar, procurar construir – fundamentado no que encontramos –, com responsabilidade, um mundo cada vez mais justo, mais humano. Fazemos parte da grande família humana e histórica – criados e amados pelo Pai. Francisco revela, na Exortação *Christus Vivit*:

É lindo encontrar, entre o que os nossos pais conservaram, alguma recordação que nos permite imaginar o que sonharam para nós nossos avós e nossas avós. Todo ser humano, ainda antes de nascer, recebeu da parte de seus avós como um presente a bênção de um sonho cheio de amor e esperança, de uma vida melhor para ele. E se não teve de nenhum de seus avós, certamente algum bisavô, sim, o sonhou e se alegrou por ele, contemplando seus filhos no berço e, em seguida os seus netos. O sonho primeiro, o sonho criador de nosso Pai, precede e acompanha a vida de todos os seus filhos. Fazer memória desta bênção, que se estende de geração em geração, é uma herança preciosa que há que saber conservar viva para nós podermos transmiti-la. (CV n.194)

Perguntamos a nós mesmos se podemos e se conseguimos ser realmente felizes quando testemunhamos no nosso dia a dia a opressão, a injustiça, a carência, o desamor. No entanto, vivemos assustados, cercados pela violência nos tornamos temerosos, deixando o medo nos paralisar e, assim, recuamos aos nossos casulos de segurança e nos excluimos do convívio amoroso dos irmãos. Desatentos de que somos filhos amados, nos tornamos omissos, negligentes.

Nossa dificuldade para o olhar igualitário, para vermos o outro como irmão surge também da falta de identificação gerada pela nossa estratificação social, que divide, diferencia e exclui o diferente, que incomoda o modo de pensar comum desse contingente humano que, por identificação, se agrupa em polos. Bauman comenta essa estratificação:

Num dos polos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à sua própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro polo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso a escolha da identidade, que não tem direito de manifestar suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – identidades de que eles próprios se ressentem, mas que não tem permissão de abandonar, nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam...¹⁰⁷

¹⁰⁷ BAUMAN, Z., *Identidade*, p.44.

A maioria de nós se encontra entre esses dois extremos. Nos situamos aí de forma incomoda, desconfortável, porque não nos sentimos livre ou autônomos para agir. Não sabemos se realmente temos liberdade de escolha devido aos condicionamentos e a limitação das possibilidades que nos são apresentadas em nosso condicionamento social. Também estamos inseridos em grupos que exigem de nós comportamentos e atitudes morais. Muitas vezes, ainda, as nossas escolhas para um agir diferente implicam em abrir mão de confortos e posições. Optamos então em rejeitar as possibilidades que julgamos desagradáveis por serem elas desconfortáveis, incômodas ou ainda por exigirem de nós posicionamentos que não podemos assegurar se conseguiremos sustentar ao abraçar um antagonismo ou uma posição contrária ao *status quo*. Nos omitimos então e continuamos na massa social a qual estamos identitariamente condicionados. Mas é esse o agir que deve ter o cristão? É essa a atitude que deve ter um ser humano que se coloca responsável e esperançoso com o mundo melhor? É essa a maneira que nos suscita Jesus de Nazaré como caminho ao Reino de Deus? Bauman adverte: “Na maior parte do tempo, o prazer de selecionar uma identidade estimulante é corrompido pelo medo”¹⁰⁸.

Dominados pelo medo do futuro, da falta de aceitação social e da solidão, muitas vezes esquecemos quem somos, nossos valores verdadeiros são negligenciados no nosso processo histórico, no nosso caminho. Dessa forma, nos fechamos ao novo e ao outro. Nos isolamos na nossa individualidade gerando aquilo que tememos: solidão. Nossa tristeza é camuflada por realizações de desejos frívolos imediatos e superficiais, que não nos deixam perceber a realidade do amor e da amizade gerada no convívio com o outro. Fechados em mundos exclusivos, esquecemos a comunhão fraterna que gera o maravilhamento da complementaridade do diferente.

A guerra e a violência se tornaram parte do cotidiano global, vivemos em um mundo dilacerado, ferido, onde a morte se torna corriqueira e banal. É notícia diária. Não há tempo de sermos solidários, de nos enlutarmos com uma catástrofe gerada pela violência humana, pois logo em seguida outra vem sucedê-la e ficamos perdidos sem saber com o que nos solidarizar. Acabamos nos fechando em um individualismo seguro, em que a tristeza precisa ser banida para dar lugar a uma

¹⁰⁸ BAUMAN, Z., *Identidade*, p.44.

euforia esquizofrênica, que só consegue permitir que o ser humano pense exclusivamente em si, em seu bem-estar. Francisco fala sobre isso com uma tristeza transparente em suas palavras, e exorta:

O mundo está dilacerado pelas guerras e a violência, ou ferido por um generalizado individualismo que divide os seres humanos e põe-nos uns contra os outros visando o próprio bem-estar. Em vários países, ressurgem conflitos e antigas divisões que se pensavam em parte superados. Aos cristãos de todas as comunidades do mundo, quero pedir-lhes de modo especial um testemunho de comunhão fraterna, que se torne fascinante e resplandecente. Que todos possam admirar como vos preocupais uns pelos outros, como mutuamente vos encorajais, animais e ajudais: “Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo13, 35). Foi o que Jesus, com uma intensa oração, pediu ao Pai: “Que todos sejam um só (...) em nós [para que] o mundo creia” (Jo17, 21). Cuidado com a tentação da inveja! Estamos no mesmo barco e vamos para o mesmo porto! Peçamos a graça de nos alegrarmos com os frutos alheios, que são de todos. (EG n.99)

Interpelados, no entanto, pelo Espírito Santo, pelas palavras de Jesus, percebemos essas questões. O papa Francisco nos incentiva a acordar de um estado letárgico, que despertemos para uma nova realidade, para assim nos tornamos aflitos, impelidos de maneira positiva à ação. Nos empenhamos, então, em nos tornar cidadãos participativos e dispostos a nos comprometer com ações sociais de promoção humana na esperança de ver uma sociedade mais justa. Em nossa inquietude humana, em agito constante, almejamos sempre algo além; olhamos sempre em direção ao futuro com expectativas de mudanças, para construir um futuro melhor. Nos colocamos na dinâmica da comunhão com tudo e com todos, compreendendo a responsabilidade de nossas ações cotidianas e alimentados de esperança olhamos para o futuro com otimismo.

Terra estranha, passagem pelo deserto, a provação e o discernimento. Porém nesta terra na qual Deus não está ausente, frutificam as sementes de uma nova espiritualidade. Dela nascem novos cânticos a Deus, repletos de autêntica alegria que se nutre de uma esperança de um povo que conhece o sofrimento de um povo provocado pelo desprezo e pela pobreza.¹⁰⁹

Muitos cristãos, em particular na América Latina, sentem medo diante do tamanho das dificuldades encontradas no que se refere ao compromisso com a luta dos pobres. Experimentam temores, fraquezas e angústias, mas também a certeza de que o Senhor não solta a sua mão misericordiosa e que a graça sempre surge no

¹⁰⁹ GUTIÉRREZ, G., Beber em seu próprio poço, p.31.

momento oportuno, graça essa que vem só de Deus, não os deixando esmorecer em sua luta, com uma alegria que se sobrepõe à pobreza e ao desprezo, enchendo de esperança o coração. É comum vermos, nas comunidades mais pobres, movimentos de solidariedade e partilha, a alegria do convívio e a acolhida do diferente e do forasteiro é mais frequente e acessível. A solidariedade de quem sofre parece mais reta do que a de quem não experimentou a dor, nesses aspectos reconhecemos o que afirma Jon Sobrino:

As vítimas desse mundo são o lugar do conhecimento de Deus, mas o são sacramentalmente. Dão a conhecer Deus porque o fazem presente. Como na cruz de Jesus, neles “a divindade se esconde”, como diz Santo Inácio nas meditações da paixão, mas está ali. Estar ao pé da cruz de Jesus e estar ao pé das cruzes da história é absolutamente necessário para conhecer o Deus crucificado.¹¹⁰

É preciso viver em comunidade, viver a partilha, em ação comunitária de um povo que de mãos dadas comunga a vida entre si, unido também no sofrimento, na esperança, na alegria e na fé. Comunidade que se faz unidade e, em comum responsabilidade, gera vida e alegria mesmo em momentos de angústia. Um povo que confia e por isso louva, que crê e por isso canta. A liberdade e a esperança vêm do reconhecimento da presença de Deus e da união da comunidade. Assim, são derrotados os temores, as dúvidas e o desânimo diante do poder do amor de Deus.

Existe uma luta. Os desenvolvidos parecem ter medo da fertilidade dos pobres. Não a entendem nem se dão ao trabalho de julgá-la a partir dos valores vividos pelos pobres. Muito menos estão dispostos a se tornar alunos dos pobres e aprender deles esses valores. Por isso, querem esterilizar a mulher do pobre, obrigá-la a aceitar o sistema de vida dos desenvolvidos. Para eles, parece não haver outra solução.¹¹¹

A pobreza cresce devido ao sistema social que vivemos, como já falamos anteriormente, o mercado é voraz, quer resultado e não promoção do verdadeiro desenvolvimento humano que implicaria vida boa, saúde e educação para todos. Não se muda uma cultura pelo abafamento ou opressão, isso acaba gerando mais pobreza. Vemos nas periferias das grandes cidades uma população que cresce a cada dia, sem condições básicas, sem esperança de uma vida melhor. Não encontra nesse frenesi urbano lugar para a esperança, para a fé, para o amor. Não se sente livre, pois passa grande parte de seu dia se locomovendo de lugares longínquos e

¹¹⁰ SOBRINO, J., Jesus, o Libertador, p.364.

¹¹¹ MESTERS, C., Seis dias nos porões da humanidade. p.54-5.

mal cuidados, onde consegue se alojar, para um trabalho mal remunerado e explorador, que consome sua energia vital, muitas vezes não oferecendo as condições mínimas de salubridade e segurança. Não vê mudanças possíveis para seus descendentes, não vê futuro. Vai se tornando cada vez mais e mais ser de desesperança. Procura uma adaptação que não encontra espaço no fechamento do sistema. No entanto ri, vive, luta e resiste. Encontra forças para continuar, acredita que um dia as coisas podem mudar. Mesmo marginalizado, encontra forças para viver a sua fé na vida, “vive na esperança de ser gente, o seu desejo de liberdade, a sua vontade de amar, tudo isso parece ser maior e mais forte do que o sistema que o reprime com métodos não educativos”¹¹². Diante dessas realidades sociais que vivenciamos é que podemos constatar a corrupção de nosso sistema, de nosso modo de viver corrompido como imagem distorcida de uma realidade que não queremos acreditar existir.

O que está em jogo não é prestar contas a uma autoridade religiosa ou divina. O que precisa ser resolvido consiste em a pessoa ser o que tem que ser. É isso, se formos simplesmente humanos, não pode ser outra coisa senão conseguir que neste mundo haja menos sofrimento e mais felicidade. (...) Trata-se sem dúvida de um projeto de vida que, uma vez levado a sério, exige uma generosidade crescente, sem limite algum, mas que é, ao mesmo tempo, uma fonte inesgotável de felicidade, desfrute e esperança.¹¹³

Vemos nas comunidades mais pobres além da presença da solidariedade e da partilha, a alegria de festejar, reconhecendo o dom da vida e das bênçãos recebidas. Nas comunidades carentes, a música, a dança e a festa, ainda que por uma razão de tristeza, acontecem! A festa é símbolo de esperança, de superação, de resiliência, de resistência, de luta que precisa ser vencida, de dor que precisa ser suplantada. Faz-se festa para comemorar as realizações, as graças recebidas, mas também para não se abater o ânimo das lutas diárias, para não desanimar. É comum percebermos também a alegria de celebrar a vida, as conquistas e o se alegrar com o sucesso do outro. Vemos o prazer da amizade. Vemos gente que acolhe, que prefere compreender a julgar. Festa de viver, comemorar a vida como dom de Deus. Se conseguíssemos aprender com eles, será que poderíamos melhorar o mundo?

Nossa sociedade parece não perceber mais o caminho que percorre, olha para um futuro utópico cada vez mais pessoal e individual, já que focado em uma

¹¹² MESTERS, C., Seis dias nos porões da humanidade, p.54-5.

¹¹³ CASTILLO, J. M., A Ética de Cristo, p.140.

perspectiva singular de anseios pessoais que acreditam ser geradores de realização. Mas quem se realiza sozinho, sem troca, sem relação? O medo da pobreza, do abandono, escraviza e conduz então a essa situação, que se autoalimenta gerando cada vez mais a falta de sentido e a desesperança. O mais estranho é que aparenta exatamente o contrário, aparenta ser sonho de sucesso, gerador de esperança, devido ao fato de o ser humano se considerar produtor de sua realidade e de seu futuro, de se considerar no controle e de ter a previsão utópica de que tudo se realizará como planeja, pois ele tem a presunção de ser o verdadeiro senhor de sua história. Precisamos pensar, então, em que consiste a nossa vocação de ser humano. Francisco revela:

Para realizar a própria vocação, é necessário se desenvolver, fazer germinar e crescer tudo o que a pessoa é. Não se trata de inventar-se, criar-se do nada, mas da descoberta de si mesmo à luz de Deus e de fazer florescer o próprio ser: “Nos desígnios de Deus cada homem é chamado a desenvolver-se, porque a vida de todo homem é vocação”.¹¹⁴ Tua vocação te orienta para oferecer o melhor de ti para a glória de Deus e para o bem dos outros. Não se trata apenas de fazer coisas, mas fazê-las com significado, com orientação. (CV n.257)

Precisamos nos perceber criaturas, e procurar realizar em nós a vocação para a qual fomos criados, nos orientar para Deus, assumindo nossa responsabilidade através do serviço, da construção do Reino de Deus pela solidariedade e pelo amor, sem perder a alegria. Seguir com gratidão, reconhecendo os dons a nós destinados e os colocando a serviço do Reino de Deus, semeando a justiça e a equidade, semeando a esperança na promessa da nova aliança instituída por Jesus. Olhar para ele como paradigma de vida do ser humano, como orientação de sentido e de felicidade, perceber o quanto somos amados e abençoados e que temos algo a contribuir. “O cristão é um homem ou uma mulher de esperança, porque sabe que o senhor virá. E quando isso acontecer, mesmo que não saibamos a hora, não vai mais querer nos encontrar isolados, inimigos, mas como ele nos tornou, graças a seu serviço: amigos e próximos da paz”.¹¹⁵

Faz-se necessário contribuir com nossa vida, fazer de nossa existência construção e caminho para Deus, desenvolvendo em nós a vocação para qual fomos criados, nos colocando em resposta, assumindo a nossa responsabilidade, nossos dons e carismas em benefício da criação e de nossos irmãos. Em comunhão com a

¹¹⁴ Citação de PAULO VI, na Carta Encíclica *Populorum Progressio* n.15.

¹¹⁵ FRANCISCO, *Homilias da Manhã*, p.108.

história construída até aqui e com as gerações que virão, precisamos procurar realizar aquilo que Deus nos propõe, agir em solidariedade com nossos irmãos no hoje, no já, no aqui e agora, procurando olhar para o futuro com esperança.

Mas de onde vem esse sentimento de partilha, de solidariedade? Não são a solidariedade, o serviço, a partilha sinais de esperança? Não vêm da própria experiência cristã de solidariedade e de fraternidade? A partir de um dado comum da sociedade, há gestos de amor que são encontrados na fonte cristã. Cristo é o poço de água viva (Jo 4,13-14). Fonte inesgotável de esperança. “Deus amou tanto o mundo, que entregou seu filho único para que todo que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna” (Jo 3,16). Se Deus nos ama e se entrega a nós totalmente, não devemos nós fazer o mesmo e nos entregar aos irmãos por amor? É daí que surge a nossa ação como consequência de ser cristão, nossa ação deve decorrer de seu amor, desse dom dado a nós por Ele.

3.4 Somos seres de esperança

Todo ser humano deseja certezas, no entanto essa segurança que todos buscamos é improvável, duvidosa. Não há garantias para o futuro, ninguém pode saber ao certo o que vai acontecer amanhã. Queremos estabilidade e procuramos realizar o projeto pessoal que almejamos através de nossos esforços, posturas e condutas. Entramos, então, numa roda viva diária, que nos distrai com o consumo de bens que acreditamos vão nos acrescentar, senão felicidade, alegria e prazer. A vida se faz fugaz. Acabamos navegando na superficialidade de nossa existência, nos satisfazendo com prazeres inócuos, acreditando estar contribuindo para o crescimento pessoal, social ou até mesmo histórico.

Traçamos objetivos, buscamos desenvolvimento e sucesso, esperamos realização de sonhos alimentados, às vezes, por muitos anos e trabalhamos, nos esforçamos para realizá-los. Nos encontramos, assim, na dinâmica da esperança imanente, daquela que aspiramos e podemos com recursos e energias próprios realizar. Mas isso não nos é suficiente, essas esperanças auxiliam a gerar felicidade onde o sucesso está em realizações que, ainda humanas, mas positivas, geram alegria e satisfação pessoal, pela ética de comportamento, pelas escolhas certas e

pela promoção da vida. Mas, ainda assim, nos apresenta uma limitação, a realidade que interpela e assusta a todo o ser humano: a morte.

O ser humano vai perceber que sua aspiração consiste em se realizar como ele mesmo, em ser quem ele é. Isso é fundamental na sua existência. O ser humano pode não conseguir almejar, por ser limitado e condicionado a um tempo e espaço na história. Mesmo assim deseja um infinito, que só pode ser viável na sua relação com Deus. Podemos ler o que Pianna fala sobre essa questão:

O homem percebe, pois, que sua aspiração fundamental a ser cada vez mais ele mesmo não pode satisfazer-se definitivamente dentro do horizonte presente; o homem jamais coincide com sua existência concreta. Por outro lado, essa aspiração, que é conatural ao homem, choca-se inexoravelmente com o mistério da morte. Daí, a imperiosa necessidade de que tem ele de se esclarecer sobre o inegável contraste entre a abertura ilimitada a vida e o limite imposto pela morte, que está presente à consciência como destino inevitável e como ameaça permanente. A morte põe às claras o nível mais profundo do espírito humano, que guarda o desejo incontido de existir sem limites no tempo e situa, concretamente, o homem diante da interrogação última sobre si mesmo, que é a interrogação sobre o seu futuro.¹¹⁶

Não há, no entanto, a infalibilidade para o nosso caminho em direção à construção desse futuro. Acidentes, imprevistos, percalços atravessam a nossa estrada, nos forçando a contornos, desvios que nem sempre conduzem de volta ao caminho original, aquele que planejamos e para onde queremos conduzir nossa existência. Experimentamos nossa limitação e, frustrados, tomamos consciência de nossa finitude. Todavia, muitas vezes tentamos ludibriar a nós mesmos por meios ilusórios baseados na ideia de terem a ciência e as inovações tecnológicas um poder ilimitado. Depositamos a esperança nos bens, nas coisas, depositamos nossa esperança no “que” queremos “ser” se agirmos dessa ou daquela forma. É esperança galgada no cotidiano da vida concentrada na espera confiante, voltada para metas e resultados de esforços particulares e imediatos, pressupondo finitos esperados. É caminho de ilusão, que ao se deparar com a realidade de nossa finitude se pergunta: e agora? Questões que comenta Piazza:

As descobertas científicas e os vários modelos de pensamento sobre o futuro gozam, hoje em dia, de um tal crédito, que lhes permite modificar de forma radical o modo de perceber a vida e o seu significado. Desse tão mudado horizonte cultural emergem críticas acerbas e fortes dúvidas sobre o sentido da esperança que habitualmente se projeta na fé, e a ação de marginalização do sentido cristão da esperança é incentivada ainda mais por outra concepção, que se tornou pesada, obscurecida por

¹¹⁶ PIANNA, G., Esperança, verbete, p.334.

diversas incrustações histórico culturais, as quais em alguma medida obscureceram até mesmo a autenticidade manifesta e a qualidade da esperança. Portanto, não é suficiente, caso se queira reconsiderar a importância e a atualidade da esperança, voltar a apropriar-se de seu sentido original. É fundamental e decisivo reportar-se à sua força provocante e paradoxal sem, contudo, cair na difusa tentação de querer adequá-la ao próprio entendimento.¹¹⁷

Percebemos aí nossa impotência, nossa pequenez, nossa falta de visão e percepção da verdadeira realidade da vida. Estruturados em uma realidade subjetiva construída por conceitos próprios e ideais produzidos nós, nos vemos perdidos. Lutamos na expectativa de conseguir vencer o tempo, de almejar algum controle sobre os fatos da vida como se tudo dependesse apenas de nós. Mesmo se assim fosse, somos seres relacionais e interferimos na história a todo o momento, implicando as vidas de todos os outros à nossa volta como em uma rede. Afetamos e somos afetados por todos os movimentos do planeta, humanos ou não. A esperança cristã surge, então, como uma força inesperada, que nos impulsiona a questionamentos. Orazio F. Piazza oferece uma importante definição sobre esperança: “Ela faz um convite para que se enfrentem, superando todos os obstáculos, aquelas trilhas ocultas que, de forma misteriosa e imprevisível, surgem do encontro e do confronto com a liberdade daquele outro alguém”¹¹⁸. Na mesma linha de raciocínio, Cesar Kuzma argumenta que “a esperança cristã não é uma esperança passiva, mas ativa; é uma esperança que atua na história, que mobiliza o contexto em que se encontra e procura fazer com que o Reino de Deus já aconteça em seu meio”¹¹⁹.

Há conhecimento de que as crises são oportunidades de mudanças e amadurecimentos. Quando olhamos para os mais pobres e vulneráveis e vemos neles essa força de luta e ação, não podemos deixar de acreditar que essa frase seja verdadeira. No entanto, o que não conseguimos, se desatentos, compreender é de onde vem essa força de superação que subsiste nesses momentos que nos move a novidade de uma realidade inesperada. É força fundamentada na fé, na promessa de Jesus Cristo, que alimenta o espírito. Ouvimos falar do calor do coração, calor humano. É justamente esse abrasamento que nos mobiliza à compaixão e ao amor que chamamos aqui de esperança, força que nos faz levantar, respirar e seguir em frente na busca do inesperado. Do surpreendente. Isso se faz presente na história do

¹¹⁷ PIAZZA, O. F., A esperança, p.17.

¹¹⁸ PIAZZA, O. F., A esperança, p.164.

¹¹⁹ KUZMA, C., O futuro de Deus na missão da esperança, p.75.

profeta Elias, que da corte foge para não perder a vida, segue desanimado mas é surpreendido com uma refeição que o sustenta por quarenta dias e o impele a seguir uma vida diferente, simples, de quase miséria, junto a uma viúva desolada que se prepara para a última refeição que pretendia partilhar com o filho doente (1Reis 17,8–18,46). Mas a ação da esperança ligada ao acolhimento e a caridade que dela são consequências os transforma e os ajuda a juntos superarem o momento de crise. É uma imagem, a de compreender que o irmão igual a mim, que vai me ajudar a transpor a dificuldade, também é alguém que sofre, que se aflige, que passa por dificuldades. Não há poder aqui. Um junto com o outro unem-se na esperança e na caridade e passam a viver a partilha com a dinâmica da complementaridade, em que um se torna responsável pelo outro. É olhar para frente, e, ao invés de ver o próprio reflexo no espelho embaçado, ver a imagem do irmão. A esperança verdadeira nos faz sorrir para a vida e para o futuro, porque só pode ser experimentada na alteridade. Fazemos história juntos, agindo um com o outro. Não há méritos ou dívidas e sim ajuda mútua em uma caminhada comum. Só unidos conseguiremos seguir em direção ao Reino, e com essa proposta, aí sim, encontraremos o alimento da verdadeira esperança.

3.5 Somos seres agentes de esperança

A história humana é feita de atos humanos, de desempenhos e atitudes que promovem ou não a vida, que auxiliam o desenvolvimento social gerando possibilidades de mais justiça e solidariedade. Esse é o nosso papel; participar e construir a história exercendo a nossa liberdade para valorizar e promover a vida, a fraternidade, a equidade, a partilha e a solidariedade. Enfim, promover a justiça, na construção de um caminho cada vez mais claro e justo, orientando para o devir do Reino de Deus, onde haverá paz e justiça (Is 32,17). A *Evangelii Gaudium* aponta que os esforços por um futuro construído pelo ser humano no conteúdo da esperança escatológica foram colocados justapostos em regime de estreita organicidade, indicando não só a lógica da continuidade e da correspondência, mas também as evidências inevitáveis das discontinuidades e distinções. Mostra a necessidade do respeito e valorização das diferenças. Sinaliza que nem sempre o progresso do ser humano técnico e científico corresponde passo a passo ao projeto do Reino de Deus.

Vemos pensamento semelhante nas afirmações do documento final do Sínodo da Amazônia, que exorta a olhar, perceber e valorizar as culturas tradicionais por trazerem propostas alternativas e harmônicas para um relacionamento amigável com o meio ambiente, em que este não é visto como fonte de matérias-primas, mas como generoso companheiro da jornada humana que o sustenta e acolhe com amor.

Quando pensamos hoje em desenvolvimento, em progresso econômico, pensamos como algo que deveria permitir e auxiliar a administração da nossa casa comum, que é todo o planeta que habitamos. Esses atos administrativos que visam o desenvolvimento da história, das nações e da população de modo geral devem estar comprometidos com o melhor para todos, pois afetam todo o planeta. Nenhum país é autônomo, independente, somos um mundo em que tudo se relaciona e as necessidades de uns podem ser amenizadas com os recursos de outros, isso nos coloca em uma rede de relações e comunicação em que tudo está conectado, tudo tem influência no todo. Nessas condições, ninguém é isento de responsabilidade com o todo da humanidade e com o planeta. Responsabilidade que deveria ser solidária com um olhar pela necessidade do outro, seja ele o ser humano em sua individualidade, sejam os povos em necessidade ou nações. Procurar sempre caminhar e conviver na luta pela justiça e pela paz. Não podemos pensar só na paz como ausência de guerras, de conflitos armados. A paz que aqui falamos se relaciona com a harmonia da convivência, do diálogo. Da relação fraterna e solidária entre iguais. Todavia, para isso acontecer, é preciso unidade, pensar no planeta como uma casa onde habita uma família, na relação amorosa com o propósito de construir juntos um mundo melhor: uma grande casa comum onde o Reino de Deus impere.

Na realidade, torna-se cada vez mais difícil encontrar soluções em nível local para as enormes contradições globais, pelo que a política local se satura de problemas por resolver. Se realmente queremos alcançar uma economia global saudável, precisamos, neste momento da história, de um modo mais eficiente de interação que, sem prejuízo da soberania das nações, assegure o bem-estar econômico a todos os países e não apenas a alguns. (EG n.206)

Mas como pode haver paz quando há a desigualdade? Como pode haver justiça quando há opressão? Nos sentimos impotentes para agir de maneira global, de maneira a influenciar efetivamente a realidade que vivemos na macroescala. No entanto, podemos sim agir com propostas positivas em nossa realidade, tomar

iniciativas, gerar movimentos, que mesmo que sejam embrionários podem crescer, se desenvolver e gerar frutos. Em nosso cotidiano, para que isso ocorra, é preciso mais do que trabalho social, é preciso responsabilidade com a vida em sua integralidade, é preciso amor, é preciso identificar o Cristo em cada um que se coloca à nossa frente, que nos interpela, independente do que faça ou possua, amando o ser humano como um todo, como irmãos. É preciso fazer de Jesus o nosso paradigma de vida, observar seu modo de agir e seguir seus ensinamentos, Jesus é o caminho, o exemplo a ser seguido, de responsabilidade e resposta à vontade do Pai.

Em outras palavras, o caminho de descoberta do transcendente ou da realidade última da história está na própria história, por meio da práxis histórica da vida concreta. No entanto, essa realidade não é absoluta e não é fechada a si mesmo nem estática. Ao contrário, é reforçada e desencadeada por movimento de realizações qualitativas. Em direção ao seu absoluto *futurum* onde “Deus será tudo em todos” (1Cor 15,28), embora grite por tudo que está sendo negado ou atrasado.¹²⁰

Não percebemos nossa importância como agentes históricos de significados, achamos muitas vezes, que nada podemos fazer ou, simplesmente, não refletimos sobre o nosso potencial criativo e, por medo ou por falta de iniciativa, não nos colocamos no dinamismo da ação de construtores do mundo e da história, não assumindo a responsabilidade de pequenos atos, em uma práxis diária, por achar que de nada adianta. Faltam, assim, a esperança e a confiança em nosso potencial que nos foi dado como dom, pois é através de nossos atos históricos e concretos que Deus pode atuar na história, que pode se comunicar e revelar seu amor. Como discípulos missionários (DAP cap.3) é que podemos trazer ao mundo a razão e a compreensão da nossa responsabilidade fundamentada na esperança da promessa de que um dia “Deus será tudo em todos” (1Cor 15,28). Assim, podemos dizer que o futuro da esperança se encontra na plenitude do ser humano, em todas as suas dimensões e não no horizonte do esperar indefinido e estático. A esperança se realizará na comunhão interpessoal com Deus, “que será consumada e expressa mediante a participação de todos na glória de Cristo na relação com o mundo e com a história, que não será destruída, mas assumida na nova existência humana”¹²¹.

¹²⁰ POPE, S. J., *Hope & Solidarity*, p.134 (a tradução é nossa).

¹²¹ PIANNA, G., *Esperança*, verbete, p.334.

A esperança cristã é esperança responsável, resposta amorosa à promessa de amor realizada na ressurreição de Cristo. Ela surge como força geradora de possibilidades, que impulsiona o ser humano a ser sujeito de sua própria vida. Ela determina e assinala uma atitude existencial particular que ocorre na conotação específica das escolhas, das decisões humanas, dos posicionamentos diante das situações, interpelando a pessoa a se colocar disponível e atenta à vontade de Deus, possuindo potencial de transformar a realidade. Isso possibilita ao ser humano um olhar crítico e construtivo para o contexto em que se encontra, despertando o desejo de criar um mundo novo, tocado pela esperança e marcado pela responsabilidade.

A esperança cristã vai surgir no inexplicável, no profundo da experiência da dor. Do lugar onde não se acredita haver saída. Foi decorrente da vida e paixão de Jesus, que agiu em conformidade e comunhão com a vontade e o projeto do Pai, que surgiu a cruz, o mais profundo da dor. Onde o próprio Deus entra em sofrimento, em comunhão com a dor de Cristo. Aí é que surge a ressurreição, que surge a esperança, a vida nova, um novo recomeçar, e a promessa que pode se realizar para todos que nele creem. Torna-se difícil para os que não creem acreditar que onde o fim parece ser lógico à razão humana, a graça de Deus vai agir transformando a realidade de maneira surpreendente e nova.

Nossa fé começa aqui, onde os ateus dizem que ela acabou. Nossa fé começa naquela dureza e poder; onde a noite da cruz, da solidão da tentação e da dúvida está por toda parte! Nossa fé precisa nascer onde os fatos a abandonam; precisa nascer do nada. Precisa experimentar o nada de tal forma que nenhuma filosofia niilista consiga imaginar.¹²²

Ao refletirmos sobre a cruz, fincada na terra em solidariedade salvífica para toda a humanidade em sua profunda dor, verificamos que precisamos ser, também nós, solidários, trabalhar pela justiça e por um mundo melhor, promovendo a vida e valorizando o outro em todas as suas dimensões. A esperança vai ativar eticamente o presente. O ser humano consciente de sua posição, de quem ele é, ao se colocar diante da imensidão do Criador, assume uma postura responsável com toda a criação, e nele passa a se desenvolver uma mudança que o faz se compreender em comunhão com tudo que o cerca.

¹²² MOLTSMANN, J., O Deus Crucificado, p.57.

Acontece que, quando estamos abatidos, o nosso mal-estar, depressão, desesperança, sentimento de vazio que penetra o fundo do nosso ser, trazendo-nos não só a escuridão, mas também as sensações de impotência completa, na maioria das vezes provêm das realidades externas, do sofrimento do outro que presenciamos, daqueles que nos são próximos, mas que nada ou quase nada podemos fazer para modificar sua situação. Não nos damos conta que, quando a questão é conosco, nos sentimos provocados a uma reação, seja ela qual for, mas vamos reagir mesmo que não seja em direção à melhor solução. No entanto, quando se trata do outro a coisa é vista de forma diferente, nossa passividade gera em nós a sensação de impotência, que, muitas vezes por não a reconhecer, desviamos nossa atenção para satisfações vãs, distrações, que na ilusão de nos tirarem daquele contexto nos levam a um enorme e escuro caminho. Ficamos paralisados em nós mesmos e refugiados em nosso individualismo, nos tornamos omissos, como que deslocados do mundo, como se dele não fizéssemos parte.

A esperança responsável vem suscitar a ação pelo incômodo causado pela nossa percepção da realidade. Ao contrário dessa letargia e da omissão, somos direcionados à ação pela inconformidade e insatisfação que vivenciamos, que percebemos à nossa volta. Nos tornamos, então, agentes na história, procurando modificar a realidade ainda que com pequenos atos, mas que podem testemunhar a intenção da mudança. Assim, podemos disparar gatilhos para movimentos que, mesmo lentamente, podem trazer modificações significativas. Fundamentados na vida de Jesus de Nazaré nos tornamos agentes construtores do Reino de Deus.

É central para o cristianismo o seguimento da prática histórica de alguém que foi crucificado por poderes religiosos e políticos desse mundo, mas que também foi ressuscitado pelo seu Pai, o Deus do reino. Por causa desse fato, a prática de Jesus de Nazaré continua a ser reveladora para nós ainda hoje. Essa é a verdadeira esperança, a *eu-topia*, que vai acomodar o espaço para as “boas novas” na medida que nos tornamos seguidores de Jesus de Nazaré, através de sua prática histórica, e confessamos que ele é o Cristo da nossa fé, filho de Deus, pelo seu espírito de amor fraternal.¹²³

Tarefa impossível sem a graça, sem a relação com nosso Pai celestial. Ele é o grande pedagogo que nos dirige e orienta ao caminho. Conduzidos pelo seu Espírito é que conseguimos discernir, compreender e nos familiarizar com o próximo, fazendo dele nosso irmão. É a oração, o diálogo e a força do Espírito Santo que nos

¹²³ POPE, S. J., *Hope & Solidarity*, p.115 (a tradução é nossa).

movem, é o Cristo, o modelo, a luz e o amor do Pai, que tudo abraça e envolve.

Gustavo Gutiérrez diz:

A globalidade vem de estarmos diante de um caminho movido pelo Espírito que como sabemos, “nos guiará até a verdade plena” (cf. Jo16,13). A verdade que orienta o conjunto de nossas vidas e “nos faz livres” (cf. Jo8,32). A espiritualidade é o terreno da liberdade.¹²⁴

É a liberdade que nos conduz para o amor e para o desapego das idolatrias, viver como pobre, acolher a graça, saber partilhar. Os eventos de nossa vida, sejam bons ou ruins, nos levam à partilha, a comunicar, a celebrar ou a sofrer juntos. A alteridade, dessa forma, é caminho de vida, caminho de Cristo, caminho de felicidade. A prática dos cristãos deve então servir de testemunho para toda a humanidade, com consciência de que são filhos adotivos e amados do Pai em Cristo, devem viver a coerência de sua realidade, trazer o paradigma do Cristo para vida cotidiana.

Somos, no entanto, afligidos pela nossa limitação. A questão da morte aflige a todos e o sentido de nossa existência é diretamente vinculado a esse momento. Momento que chega para todos, a única certeza que temos na vida: a de que um dia morreremos. Temos consciência de que passaremos por essa experiência, só não sabemos como ou quando isso ocorrerá.

A esperança do futuro de Deus para o mundo todo ameaçado de morte é experimentada hoje novamente como a força vital da existência e comunidade cristãs. Por essa razão, ela também é a busca de conhecimento da teologia cristã. Vivemos da esperança e morremos devido às frustrações. Por isso a fé cristã hoje é inapelavelmente desafiada a assumir a “responsabilidade pela esperança”.¹²⁵

Falar em mundo ameaçado de morte é falar da falta de caridade, das pequenas ações que podem prejudicar e diminuir a dignidade humana. Uma das principais causas dessa dinâmica é a nossa colocação como seres superiores e antagônicos à realidade do sofrimento dos vulneráveis. E falta de caridade oprime e conduz à falta de autoestima, porque o oprimido se sente diminuído, menos, menor. No entanto, a falta é a da oportunidade de realização devido a condicionamentos externos, oriundos de um sistema social perverso que, como já falamos aqui, se preocupa com o capital, com o status e com o consumo. O sucesso é daquele que tem poder de

¹²⁴ GUTIÉRREZ, G., *Beber em seu próprio poço*, p.110.

¹²⁵ MOLTSMANN, J., *Teologia da Esperança*, p.26.

compra. Todavia essa dinâmica de morte não afeta só o oprimido, mas também o opressor, que sentado em seu trono de poder não tem a consciência de sua escravidão ao sistema, pois dele se torna completamente dependente. A esperança vem superar essa angústia, trazendo sentido à nossa existência, convida a sermos resilientes e resistentes, nos conduzindo a atitudes e comportamentos diferentes diante de nossas limitações. Ela é fundamentada na ressurreição do Cristo, na promessa de vida eterna e plena em sua companhia, não no futuro apenas, em uma vida após a morte, mas no hoje, no aqui e no agora, onde podemos sentir sua presença, sua companhia e sua condução para juntos caminharmos na direção do Reino, que já podemos perceber e já se faz visível no sorriso do irmão, na alegria do pobre e na satisfação daquele que foi acolhido pelo amor.

Essa incerteza que nos move, assim como todas as outras incertezas que temos na vida, é o que gera em nós movimento, vitalidade, vontade de construir, de gerar algo. Só temos o domínio de nossas ações em ato, pois apenas conseguimos viver e agir realmente no presente, no instante em que agimos. O que passou virou memória, história, e o que está por vir, seja futuro próximo ou mais distante, não é nada mais do que possibilidade de existência, planos, sonhos, possibilidades de realizações. Mas gera esperança. A possibilidade é o que nos impulsiona, na esperança de realização e felicidade. Há sempre uma diversidade enorme de possibilidades à nossa frente, a cada instante de nossas vidas, e pelo exercício de nossa liberdade escolhemos, entre tantas, apenas uma de cada vez para realizar.

Aquilo de que aqui se fala não é mais a felicidade do presente, mas muito mais; é o Deus do Presente, o presente divinizado. Assim, não é só a existência presente do ser humano, mas muito mais ainda, o presente eterno do ser, que a esperança cristã parece frustrar. Quando a esperança não deixa o ser humano encontrar o presente eterno, não só o ser humano é frustrado, mas o próprio Deus. Só desse modo a objeção do “presente” se levanta com toda força e poder, contra a esperança do futuro.¹²⁶

Em acordo com o pensamento de Moltmann, percebemos que o escatológico vive no presente, no aqui e agora construindo a história do mundo, transformando-a em história de salvação rumo ao Reino de Deus. Assim, a relação entre esperança cristã e futuro do mundo se transforma em algo inteiramente indefinido.

¹²⁶ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p.44.

Apontando para os bens aos quais ela tende, na realidade, a esperança indica o dinamismo de um caminho de plenitude que a supera, porque é expressão e dote daquele que a ofereceu. Quando o bem se torna dom, ele deixa de ser simples bem e passa a constituir um vínculo e a ser sinal de uma presença. Ele dá abertura para a participação de um *Outro*. Aquele que se faz dom é o verdadeiro coração da esperança: é o inesperado. É uma esperança que desmascara as falsas esperanças, ou seja, aquelas cujo fundamento são as próprias expectativas e as pretensões de entendimento.¹²⁷

A esperança humana é esperança do possível, na qual o ser humano acredita e pela qual luta, continuamente, procurando vencer os obstáculos que lhe são apresentados. É utopia, que procura dar sentido à nossa existência imersa na desmotivação da pós-modernidade. Há, no entanto, uma outra esperança, que pode brotar da experiência de transcendência ou da confiança depositada na dimensão divina, tida por inefável: a esperança cristã.

Não há aspecto da existência humana que escape ao seguimento de Jesus. Como vimos nos modelos bíblicos apresentados anteriormente, esse caminho abarca todas as dimensões de nossa vida. A espiritualidade não se restringe aos aspectos religiosos: a oração, o culto. Não se trata de algo setorial, mas total. Trata-se de toda a existência humana pessoal e comunitária, que se põe em marcha. Trata-se de um estilo de vida que dá unidade profunda a nosso orar pensar e agir.¹²⁸

O Verbo se encarna na história humana, se faz humano para conosco conviver, revelar a si mesmo e ao Pai. Jesus agiu como um ser humano comum, normal, com todas as características humanas. Nascendo de uma mulher, cresceu rodeado de outras crianças se desenvolvendo física e psicologicamente como qualquer um de nós. Se fez igual a nós em tudo. Filho de carpinteiro, aprendeu o ofício, viveu o cotidiano de sua realidade, contemplando cada amanhecer e dando graças ao Pai pela vida ao se recolher para o justo descanso. Abençoou dessa forma o trabalho humano, a rotina, o cotidiano de todos e de cada um, valorizando o suor e o esforço do desempenho do trabalho.

A solidariedade e o amor para com os que sofrem são uma constante nas ações e na vida de Jesus de Nazaré, podemos até dizer que é seu principal movimento, privilegiado. “A fé e a esperança no Deus da vida que se ocultam na situação de morte e de luta pela vida vivida pelos pobres e oprimidos da América Latina: esse é o poço do qual teremos de beber se buscarmos ser fiéis a Jesus”¹²⁹. Como explica

¹²⁷ PIAZZA, O. F., A esperança, p.62-3.

¹²⁸ GUTIÉRREZ, G., Beber em seu próprio poço, p.109-10.

¹²⁹ GUTIÉRREZ, G., Beber em seu próprio poço, p.46.

o autor Gustavo Gutiérrez, Deus reconhece a vida do inocente que morreu na cruz, e o ressuscitou. Jesus de Nazaré é mais que modelo, é caminho de salvação a ser seguido, é orientação de vida, o honesto seguimento de sua prática histórica precisa ser reinterpretado a cada hora no esforço de o acompanharmos.

Nós somos chamados a seguir Jesus de Nazaré porque sua vida revelou Deus, o bom e misericordioso Pai, e porque sua ressurreição não somente revelou que Deus está do lado das vítimas, mas também revelou a natureza do reino de Deus como oposição a injustiça e ao empobrecimento da sociedade.¹³⁰

Na carta encíclica *Evangelii Gaudium*, o papa Francisco sugere esse caminho de seguimento de Jesus. Convida a sermos igreja, povo de Deus que caminha fazendo o bem, exorta a sermos Igreja em saída, a sermos discípulos missionários empenhados em favorecer a vida, levar a esperança, semear a justiça e buscar a paz. Esse tem sido o apelo da Igreja, como testemunho e seguimento de Jesus, precisamos nos fazer evangelizadores e portadores de esperança, seguir semeando o bem em atitude profética e responsável.

O seguimento de Jesus está estreitamente ligado à vida. A espiritualidade não pode ser individualista, subjetiva. É preciso colocar a mão na massa, trabalhar em prol do comum, da união, da felicidade de todos. Nos ambientes mais simples florescem exemplos de solidariedade e de partilha, um vizinho olha pelo outro, cuida e assiste. O poço é para todos, a água é abundante, beber do mesmo poço faz a comunidade se unir para a sua preservação e manutenção. O poço é a vida da comunidade. O poço é o próprio Cristo, força vital e de união que nos chama a ressuscitar unidos como povo escolhido.

¹³⁰ POPE, S. J., *Hope & solidarity*, p.115 (a tradução é nossa).

4

Esperança entre história, futuro e *éschaton*

Nos capítulos anteriores, levantamos questões que implicam a responsabilidade que temos como criados à imagem e semelhança de Deus com relação a toda a criação, os problemas que assolam nosso planeta e nossa participação como seres humanos em sua destruição. Apontamos que devemos olhar para o planeta como um todo, o cuidado que devemos ter com tudo o que nele existe, que devemos nos relacionar com a Terra com respeito e cuidado amoroso já que dela também somos parte. Apresentamos que somos seres de esperança e de responsabilidade, que temos o direito e o dever de promover a vida em todas as suas dimensões. Falamos da esperança cristã, dom amoroso de Deus, que nos impulsiona em nossa caminhada, estimulando para assumirmos a responsabilidade com a vida na luta diária. É esperança que nos anima, fortalece e mobiliza à construção do Reino de Deus, relacionamos essas questões aos nossos anseios de felicidade e ao medo que aflige a todo o ser humano, o medo da solidão e da morte. Nos questionamos, ainda, como seres de liberdade, como essa felicidade pode se tornar possível em meio a tanto sofrimento e desamor à nossa volta.

No terceiro capítulo, levantamos a questão se podemos e se conseguimos ser realmente felizes, quando testemunhamos no nosso dia a dia a opressão, a injustiça, a intolerância e a desigualdade. Falamos das questões sociais que nos afligem e nos interpelam de maneira positiva à ação, empenhando em nos tornarmos cidadãos participativos e responsáveis, envolvidos com a promoção humana na esperança de construir uma sociedade mais justa.

Para falar da esperança cristã responsável, indicamos que nesse contexto ainda nos encontramos na dinâmica da esperança imanente, daquela que aspiramos e podemos, com recursos e energias próprios, realizar, mas que é insuficiente devido à nossa inquietude humana, pois almejamos sempre algo além. Verificamos que são experiências positivas que geram em nós alegria e satisfação pessoal, já que são realizadas pela ética de comportamento e escolhas, que todavia nos apresentam limitações. Falamos da realidade da morte que se faz presente na vida de todos e de cada um e que, ao nos encontrarmos diante dela, nos deparamos com nossa grande limitação, um problema sem solução.

Todas essas esperanças devem ser analisadas por meio do caráter peculiar que a esperança cristã projeta sobre elas. Entra em cena, a esperança da qual queremos aqui falar, a esperança cristã, esperança na vida perene, que ultrapassa essa vida terrena, que foi prometida por Deus na pessoa de Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus. O evento pascal que representa esse salto para o *éschaton* se dá pela ressurreição do Cristo, que abre a porta pela qual a humanidade entra no céu pela primeira vez. “O caráter escatológico, cujo dinamismo é exercido entre o provisório e o definitivo, é condição normativa para qualquer possível avaliação teológica da esperança”¹³¹. Fundamentados nessa esperança dom de Deus, propomos apresentar neste capítulo o porquê dessa esperança e como acontece, podendo realizar em nós o inesperado, o surpreendente e o inimaginável que só a graça de Deus pode fazer acontecer.

4.1 Esperança responsável e história da salvação

A esperança, com sentido proléptico, não diz respeito apenas ao futuro, mas também ao presente. Tem caráter substancialmente aberto para o futuro, que realiza a promessa feita pelo próprio Jesus, o Verbo encarnado. É onde o inesperado, o inimaginável e o impossível surgem, trazendo a novidade da realização dessa promessa. Promessa de amor que nos move e pede resposta, resposta relacional, a responsabilidade de acolher e fazer gerar frutos do dom recebido.

Acolher o dom implica antes de tudo o cuidado em fazer se desenvolver para depois semear. Contribuir com o projeto do Pai inaugurado e estabelecido por Jesus de Nazaré. Implica em transformação pessoal, em nos tornarmos seguidores, discípulos missionários, como afirma o Concílio Vaticano II no Decreto *Ad Gentes*: “A Igreja peregrina é por sua natureza missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai” (AG n.2). Mostra o Concílio a necessidade do impulso missionário como fruto da vida, precisamos nos colocar como trabalhadores do Reino, construtores de uma nova realidade, em que imperem a igualdade, a justiça e a paz, realidade que a Trindade comunica aos discípulos. Reafirma o Documento de Aparecida: “Dos que vivem em Cristo se espera um testemunho muito crível de santidade e compromisso. Desejando e

¹³¹ PIAZZA, O. F., A esperança, p.139.

procurando essa santidade não vivemos menos, e sim melhor, porque quando Deus pede mais, é porque está oferecendo muito mais” (DAp n.352).

Recebemos como dom a promessa de esperança: de sermos transformados de seres que vivem em seres viventes. Essa promessa foi deixada pelo próprio Jesus de Nazaré, “estarei com vocês até o final dos tempos” (Mt,28,20). Traz a superação de oposição entre o tempo cósmico e o tempo histórico, pois nos faz vislumbrar algo que não conseguimos alcançar com nossas limitações humanas, mas que se faz possível pelo evento da páscoa de Jesus. É reconhecimento explícito da necessidade que o homem tem de transcendência, de sua busca de sentido e sua fé na promessa que Deus faz à humanidade em Jesus Cristo. Essa esperança, esse Reino, são fundamentados na promessa que brota na existência do próprio Jesus, verbo encarnado que se faz homem para no meio de nós habitar e conviver, para transformar o mundo em sua morada. Atestada pela sua encarnação, vida, paixão, morte e ressurreição é promessa fiel. Promessa para todos os seres humanos e para a criação como um todo.

Jesus faz central, em sua vida e missão, o anúncio e a implantação do Reino de Deus que já se inicia nele. A proposta do Reino de Deus é proposta de esperança tão profunda que faz acontecer dentro de nós uma dinâmica de resiliência, de superação. Desperta em nós uma coragem amorosa que suscita a partilha e a solidariedade. Desperta a dinâmica do cuidado, do carinho, por perceber que a alteridade é dinâmica de amor que constrói a história gerando um mundo melhor. É proposta que desperta em nós a esperança e a responsabilidade em contribuir para que o Reino de Deus se realize.

Com essa nova perspectiva, abre-se a possibilidade da vida, o medo da morte é vencido. A morte não é negada, mas ganha novo sentido. Quem viver como Jesus não morrerá, mas viverá eternamente. A morte continua a ser inevitável, faz parte da nossa condição de criatura, mas não tem mais a última palavra, é superada pela misericórdia e o amor de Deus, que nos elevarão de condição – para com ele e nele voltarmos a viver. Em Cristo, o ser humano se compreende colocado no mundo por um Deus de vida, que é sua origem e fim.

O valor cristológico do Reino de Deus não permite homologação com a imagem de uma realidade final e perdida no tempo como acontecimento sem implicação histórica, ao contrário, a exige. É esperança encarnada e comprometida, esperança que leva à ação, à construção e transformação da realidade presente na

perspectiva do futuro em Deus. “Não é suficiente apenas refletir sobre a história em nossas mentes; precisamos *viver* a história para realmente entendermos que somos parte dela e que ela é parte de nós. Não temos significado fora da história cósmica”¹³². Não é futuro em realidade *extra-mundi*, para além de nossa realidade presente, mas sim de continuidade, de perenidade da realidade aqui construída, elaborada pela parceria entre o ser humano e Deus. Ele nos quer colaboradores, criativos, responsáveis, nos quer semelhantes. É nessa dinâmica que plenificamos a nossa humanidade, à medida que nos aproximamos de Deus.

Piazza vem chamar a atenção da nossa participação e responsabilidade nas escolhas e respostas aos apelos que nos são apresentados no processo de nossa história pessoal e comunitária, como respondemos com a nossa liberdade à relação estabelecida com Deus, que age na história potencializando nossas ações. A importância de nossa participação histórica como resposta. Se respondemos com amor, poderemos sempre nos surpreender com os resultados dos processos iniciados por nós, pois a ação da graça de Deus os alimenta. Entramos na dinâmica de um diálogo ativo, em que somos impelidos a agir na esperança de acordo com a sua vontade.

Um futuro da esperança não pode ser deduzido, em sentido escatológico, do caráter sombrio de um *éschaton* revelado, mas que não se cumpriu em definitivo, um futuro que esconde a sua substância, mas se afirma definido, esses são elementos que não brotam apenas da evidente complexidade dinâmica e aberta do homem na história, e sim nascem sobretudo do caráter pessoal, livre e, portanto imprevisível em seus atos, da presença de Deus em diálogo de total comprometimento com o homem e com sua história. É relação estabelecida entre duas liberdades e duas fidelidades: as do homem e as de Deus, que caracterizam a dimensão escatológica da esperança.¹³³

A esperança nasce da promessa, ela nasce de uma questão pessoal, que pede a parceria do outro, pois quer com o outro se relacionar, não por necessidade, mas por amor. Entram aí as duas liberdades do Deus que chama, que interpela e promete, e o ser humano que, em sua limitação, acolhe e concorda com a proposta, respondendo com o compromisso, assumindo a responsabilidade e, dessa forma, se deixa conduzir, na responsabilidade com o outro, com seu irmão e com toda a criação que assume como parte de si próprio porque ama. Nessa dinâmica da

¹³² HATHAWAY, M.; BOFF, L., O Tao da Libertação, p.345.

¹³³ PIAZZA, O. F., A esperança, p.140.

alteridade, se deixa guiar fluindo como um rio rumo ao oceano. O rio traça seu trajeto livre, de acordo com os condicionamentos e obstáculos encontrados pelo caminho, faz os desvios necessários, voltas às vezes longas, mas não perde seu rumo, não deixa de seguir a direção necessária de seu fim. À medida que se aproxima do mar, fica mais volumoso, forte, como que ansioso para um grande encontro, o de chegar ao mar e se misturar para formar um só oceano. É processo criativo, que nos transforma em agentes, em discípulos e missionários e, assim como nos convida Jesus, passamos a viver na dinâmica do seguimento. Tepedino explica como o processo pode se desenvolver.

O conhecimento certo de Jesus é um processo que se inicia no “vir e ver onde mora e permanecer com ele” (Jo 1,39): palavras que indicam a especial relação dos/as discípulos/as com ele. Para o quarto Evangelho, os verbos vir, ver e permanecer indicam o “crer” / *pisteuein*. Muitas vezes, crer é uma atitude que se inicia com os sinais (cf. Jo2,23), mas vai amadurecendo através da relação pessoal entre Jesus e seus seguidores. Essa ligação profunda de amor vai humanizando e formando as pessoas, assim como integrando-as na comunidade, onde se sentem um “nós”, uma comunhão, uma “*koinonia*”, uma fraternidade carismática que busca viver a prática amorosa de Jesus, de forma bem integrada: o amor a Ele se revela no amor aos irmãos (cf. Jo,15,12.17).¹³⁴

Assim deveríamos ser nós. Deveríamos fazer uma opção pelo caminho e aderir ao projeto do Reino, não medindo esforços. Agindo sempre com resistência nos momentos de percalços, na convicção de estarmos cumprindo a missão para a qual fomos criados. É preciso caminhar com perseverança e resiliência, buscando aprender com cada passo dado, buscando a novidade e as possibilidades a serem exploradas para gerar vida. Precisamos permanecer vigilantes para perceber a ação de Deus nos detalhes da história, abrindo as possibilidades de libertação, de felicidade. Na vigilância e na oração conseguimos compreender os sinais e traçar a direção que leva à alteridade, ao amor fraterno, à construção de um mundo melhor. O reino pode se manifestar em pequenos fragmentos da vida, mas sempre sinalizando a direção a seguir e gerando mais e mais esperança.

Toda atividade humana é, em suma, dom de Deus, que nela está exercendo sua ação para o bem do homem. Mas a atividade reveladora o é de uma forma única, por seu caráter pessoal e de estrita ultimidade. A revelação se situa na ponta mesma da emergência do ser humano: aí Deus vem ao seu encontro para potencializá-lo e orientá-lo, de maneira que todo o restante fique finalizado nessa experiência, que o

¹³⁴ TEPEDINO, A. M. Articulação entre espiritualidade e ética na trajetória cristológica da comunidade joanina, p.121.

envolve todo como um “dossel sagrado”, conferindo seu último sentido ao inteiro projeto de realização cultural e social. A revelação, ademais, se realiza no “face a face” do encontro: aperceber-se da presença de Deus não é descobrir um espaço neutro que o sujeito explora por própria iniciativa; ao contrário, é sentir-se chamado, interpelado, levado sempre mais além de si mesmo por caminhos nunca dantes suspeitados, que um amor livre e gratuito vai traçando e assinalando. Quanto mais intensa é a descoberta, mais evidente se faz seu caráter de dom.¹³⁵

Compreendendo a vontade de Deus, fazendo sua vontade e permanecendo vigilantes, vamos perceber, no sorriso de alegria do irmão, o sorriso do próprio Deus e, em sua dor, a dor do próprio Cristo. Com essa nova percepção, no clamor de sua dor, de sua necessidade, não conseguimos ficar passivos e pela ação da graça somos impulsionados à ação, nos tornamos compassivos e solidários – incomodados com seu sofrimento não conseguimos ficar parados. Nos tornamos, assim, pela ação da graça, agentes de esperança.

Vamos também nos fortalecendo com cada obstáculo vencido. Passamos a procurar abrir caminhos, fortalecendo outros a fazerem o mesmo, através de nosso testemunho, para que venham atrás de nós rumo ao mesmo futuro, futuro em Deus. Isso só se faz possível através da experiência de Deus, experiência de relação com o Deus pessoal e Trinitário, que nos faz perceber a realidade com outro olhar. Nos faz voltar para a solidariedade, para a partilha, para a compaixão e a misericórdia, nos chama a observar no outro o que ele tem de melhor e a valorizar nossas relações. Com os olhos abertos percebemos as dores, as angústias, as tristezas e nos tornamos disponíveis na alegria do serviço. Vivemos uma experiência mística por realizar a presença de Deus em nossa realidade, em nosso irmão.

Essa mística da compaixão não tem objetivo exclusivo, uma experiência sem olhos, direcionada ao interior, mas aquela experiência da “interrupção”, introduzida pela situação “face a face”, na relação com o outro. Ela é, ao mesmo tempo, mística e política. Ela é “mística” na medida em que pode ser o início de uma experiência de Deus, no mínimo uma espécie de “atmosfera de Deus”¹³⁶. Ela é e continua sendo ao mesmo tempo “política”, porque nessas “interrupções” interpessoais, os outros, feridos e vulneráveis, poderão ser percebidos (tornando-se visíveis) numa última invulnerabilidade, impressa por toda a nossa ação política. Portanto, essa mística política não é uma mística da política ou dos políticos, assim como Jesus não foi um político, mas essa mística é, sim, política, assim como Jesus não é de modo algum, apolítico em sua mensagem.¹³⁷

¹³⁵ QUEIRUGA, A. T., Repensar a Revelação, p.231.

¹³⁶ Nota do autor: “A interrupção que surge na situação face a face é o fundamento perceptível de que Deus é aquele Deus maior, aquela maior possibilidade (cf. a fórmula de analogia no 4º Concílio Lateranense, da maior dissimilitude, em toda imagem semelhante a Deus nos homens).”

¹³⁷ METZ, J. B., Mística de olhos abertos, p.21-2.

Viver essa experiência de realizar que Deus está em tudo e em todos nos faz sentir, como disse Metz, a “atmosfera de Deus”, nos faz sentir parte de sua criação de maneira ativa e criativa. Faz nos sentirmos fortes e capazes de realizar mudanças pela graça de sua presença, dessa atmosfera contagiante que insufla o nosso ser, provocando, ainda segundo o autor, uma experiência direcionada ao interior, que precisa emergir e se realizar também fora de nós, nas relações com as realidades à nossa volta. Entram em jogo, então, as liberdades – a de Deus que me interpela e provoca, a minha, na dimensão do acolhimento e da ação, e a do outro.

Em diálogo, as liberdades criativas trabalham assim para gerar vida, gerar possibilidades, que já aqui se realizam. Geramos comunidades de partilha de afeto e solidariedade, pois passam a compreender que na dinâmica do amor tudo fica mais leve. Os problemas continuam, mas são mais facilmente suportáveis porque sabemos que não estamos sós, que temos o abraço, o amigo, o sorriso solidário do irmão. Passamos a celebrar a vida nas pequenas conquistas e a valorizar os momentos de alegria, pois reconhecemos neles a graça de Deus agindo. Deus em sua liberdade é sempre fiel, se ligando definitivamente ao homem na pessoa do Filho encarnado. Se faz presente na alteridade, nos chamando à amizade, à relação fraterna, a dividir a vida. Diante dessa realidade, o ser humano assume, também em liberdade, suas responsabilidades porque encontra na encarnação vestígios de sua autêntica imagem. Nós vivenciamos, assim, a experiência da conversão e força da vivência cristã.

Paulo, impregnado de tradição bíblica e submerso no mundo grego, centra-se decididamente no acontecimento da morte e ressurreição de Cristo. Nele, a experiência pessoal da conversão e a força da vivência cristã – “é Cristo quem vive em mim” (Gl2,20) – mantém vivo o caráter concreto e atuante da palavra. Porém, recorre também a um esquema sapiencial e apocalíptico: evangelho e mistério se transformam em conceitos-chave. A revelação universalizada em seu destino que agora inclui também os pagãos, faz-se palavra na Escritura e pregação no Apóstolo: àquele que tem o poder de vos confirmar segundo o evangelho que anúncio e a mensagem de Jesus Cristo – revelação de um mistério envolvido em silêncio desde os séculos eternos, agora, porém, manifestado e, pelos escritos proféticos e por disposição do Deus eterno, dado a conhecer a todas as nações, para levá-las a obediência da fé (Rm16,25-26).¹³⁸

A exemplo do cego Bartimeu (Mc 10,46-52), essa experiência de Deus nos faz discípulos, porque no momento em que vivenciamos maravilhados sua presença

¹³⁸ QUEIRUGA, A. T., Repensar a Revelação, p.36.

e sua ação em nossas vidas queremos segui-lo, anunciar, divulgar, fazer conhecer aquilo que ele pode em todos nós realizar – Deus que se faz relação, que age por amor na vida de toda sua criação. Deus que se dá a conhecer a todos, que só precisamos acolher. No entanto, esse acolhimento, com todo o movimento que gera em nossa interioridade, nos move à construção de um mundo novo, o mundo por Deus desejado e anunciado e inaugurado na pessoa de Jesus de Nazaré. O Reino de Deus é relacional e pessoal, encontra o ser humano na pessoa de Jesus Cristo a cifra, a melodia essencial para uma interpretação válida do caráter escatológico da esperança cristã. Jesus de Nazaré participou da história, por ele Deus se encarnou na história, se fez homem, concreto. E continua a se realizar na história, no hoje, no instante, na realidade presente, onde o ser humano é chamado a viver seu dia a dia em comunhão com Deus. É chamado a assumir a responsabilidade com ele, com seu projeto como resposta de amor para todos. Jesus assume como tema central de sua missão o Reino de Deus, todos os seus ensinamentos têm o Reino como meta e proposta, “esse dado central da pregação e atuação de Jesus foi adquirindo crescente e decisiva relevância na fé e na prática dos cristãos e também na teologia”¹³⁹.

O Reino de Deus é instaurado por Jesus de Nazaré. Ele é o próprio Reino, é proposta futura, mas que já se faz acontecer, na sua época em sua própria pessoa e hoje, no presente, onde é necessário se situar enquanto ser humano que somos, realizando o possível para que esse Reino se manifeste, ainda que de maneira imperfeita, em nuances, mas que o testemunho e o amor fraterno sejam sinais dessa promessa vindoura. Precisamos atuar de maneira responsável, reconhecendo tudo o que está à nossa volta, toda a criação, como dom amoroso de Deus. É preciso agir com responsabilidade, acolhendo esse amor e procurando fazê-lo se desenvolver, promovendo a vida, mesmo que em pequenos detalhes, animando o outro, sendo solidário, alimentando essa utopia, um reino em que a paz e a justiça prevalecerão e onde todos viverão em harmonia.

4.2 Esperança responsável e escatologia

A qualificação cristológica do termo escatológico é capaz de desvendar o futuro cujo ponto final será o homem novo, curado de suas contradições e

¹³⁹ SOBRINO, J., *Espiritualidade da Libertação*, p.141.

separações, capaz de assumir relacionamentos responsáveis e plenos segundo todas as suas potencialidades que nascem da realidade pascal, chamada Cristo ressuscitado. Sendo assim, é evidente a contradição relegar o *éschaton* para a transcendência e deixar o futuro para a história.

Com efeito, não é possível determinar de uma forma tão marcada, um limite entre *éschaton* e futuro, a ponto de, ao primeiro, corresponder apenas a ação divina, e, ao segundo, apenas a ação humana, ou a ponto de serem tão distantes entre si que, ao primeiro, corresponderia a esperança de Deus, e ao segundo, apenas a projeção do homem.¹⁴⁰

Na dimensão escatológica da esperança, o futuro, fim último, torna-se centro de referência da história, como processo ordenado e progressivo, articulando o trajeto que lhe dá direção mediante um fim determinado em orientação dinâmica, aponta para o Reino de Deus como caminho e como termo final do ser humano, da história e do cosmo.

Precisamos compreender nosso momento, o tempo presente é o nosso tempo de ação. O presente deve ser compreendido como parte integrante da história com alvo determinado, é onde a transformação pode ocorrer, onde os processos podem ser iniciados. É onde podemos construir a história. O passado não pode ser transformado, com ele podemos aprender com os fatos ocorridos, valorizando o que foi bom e seguindo o exemplo para como proceder no presente, aspirando sempre um futuro bom. Mas o futuro é possibilidade a ser construída com os processos iniciados agora. Assim é construída a história da humanidade, que não pode ser pensada de modo isolado e pessoal, mas sempre em dimensão coletiva. Também o diálogo da fé entre Deus e o ser humano gera ação na história da salvação, nunca de modo isolado. Quando olhamos o evento Cristo, a encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus, assim como quando olhamos a eleição e a história de Israel, podemos ver que são eventos únicos, irrepetíveis, que inauguraram movimentos alvos. Pela encarnação de Jesus a verdadeira história se inicia, Deus se torna o Deus próximo, o Deus da promessa. A fé nesse Deus que se esvazia para habitar conosco é essencialmente esperança, caminhada iniciada para o futuro prometido, anunciado e instaurado por Jesus de Nazaré. Dessa fé e da esperança faz parte a ideia da antecipação do futuro, que surgem como sinal nas boas experiências vividas que se

¹⁴⁰ PIAZZA, O. F., A esperança, p.141.

mostram para anunciar o Reino tão esperado, tão desejado. Que se manifesta em antecipação nas preliminares de sua consumação.

Deus é livre e se autocomunica, mas só poderá ser inteiramente revelado na medida que o ser humano o tornar efetivo, colocando em prática a sua liberdade. Gera assim novas possibilidades, que para nossa lógica humana podem até ser inimagináveis, impossíveis de se realizar, mas que pela ação de Deus em nós são viabilizadas por sua graça. Elas nos capacitam a transformar a nossa realidade – e quem sabe o mundo –, com uma rede de complexidade e possibilidades, que afetam não só as relações do ser humano com a história, mas que implicam também grande novidade e surpreendentes possibilidades, inesperadas, geradas pelo relacionamento de diálogo entre o homem e Deus e entre a história – relações humanas – e a transcendência.

A partir de sua experiência da ressurreição de Jesus, seus seguidores começam a fazer uma releitura de sua vida inteira. Aquela vida surpreendente e cativante que conheceram de perto e cuja memória guardam viva no coração adquire agora profundidade nova. O conhecimento que tinham de Jesus, por causa de seu trato familiar com ele, vai se iluminando à luz de sua ressurreição, adquirindo uma profundidade insuspeitada. Os traços de Jesus que haviam ficado tão gravados em sua memória vão se explicitando agora em sua autêntica verdade à medida que, em torno as primeiras testemunhas, as comunidades cristãs vão espalhando a luz a experiência pascal lança sobre o que antes lhes era difícil de penetrar.¹⁴¹

A perspectiva cristológica abre espaços de relação de comunicação muito claros entre o futuro de Deus e o futuro do ser humano. Deus se comunica em seu amor, agindo de maneira efetiva na história, podemos ver seus sinais, ouvir suas palavras, pelo Cristo toda uma nova perspectiva é aberta, surge nele o furo para o real. Deus entra definitivamente em um relacionamento humano conosco, fala com suas palavras, nos provoca e interpela. Desperta nossa criatividade, nos mostrando nossa potencialidade de ação e reação mediante os acontecimentos e como podemos transformar o mundo aprendendo e tirando proveito de todos os eventos de nossa história. No evangelho de João (4,12) está escrito: “Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço e as fará *maiores do que estas*”. Constatamos isso nos progressos da ciência e no desenvolvimento humano. É pela graça divina que o ser humano se desenvolve, se potencializa, se

¹⁴¹ PAGOLA, J. A., Jesus: aproximação histórica, p.528-9.

inspira, é pela ação do Espírito Santo, e pela abertura do ser humano a essa graça, se permitindo fazer com ele parceria. Ação em que interagem as duas liberdades.

O ser humano se manifesta assim como a verdadeira *imago Dei*, usa seus dons de inteligência, imaginação e criatividade para construir ferramentas para promover a vida. Mas precisa ter a destinação certa, atingir os verdadeiros objetivos, gerar o desenvolvimento saudável e sustentável que visa o benefício de todos e de toda a criação. Francisco, na Carta Encíclica *Laudato Si'*, adverte para esse cuidado necessário que precisamos ter. Ele nos convoca a fazer mudanças, transformações, a quebrar as barreiras dos condicionamentos que paralisam, nos impedindo de visualizar as possibilidades de recuperação da vida, de orientação para esse futuro em Deus, que é o grande desejo de toda a pessoa humana, que nos faz buscar a felicidade nas relações fraternas da amizade, valorizando a convivência, a comunhão e a consciência de que somos irmãos unidos para a construção de um mundo mais digno, mais amoroso e mais feliz.

Potencializados por esse grande amor, podemos transformar as nossas vidas desenvolvendo relações mais fraternas e iguais, em que o juízo cede lugar à misericórdia, em que, ao invés de estabelecermos relações de status e poder, passemos a olhar para o outro procurando ver o que ele tem de melhor, valorizando suas capacidades, procurando elevar sua dignidade e autoestima, desenvolvendo com ele a relação de acolhimento e amizade. Precisamos aprender a amar o diferente, procurar compreender suas nuances como novidades que podem ser construtivas para o nosso desenvolvimento. Deixar de lado os conceitos e olhar para a pessoa em sua integralidade. Ao comentar sobre as fachadas e os ambientes adversos, na encíclica, acreditamos que é isso que Francisco quer dizer. Que precisamos valorizar no outro seus esforços de prosseguir a vida com resiliência, apesar dos antecedentes adversos e críticos que tenha passado, substituindo o olhar direcionado às aparências para o olhar dirigido à interioridade, valorizando os esforços e a dignidade do outro. Ele é nosso irmão que sofre, que deve também se tornar nosso amigo.

Admirável é criatividade e generosidade de pessoas e grupos que são capazes de dar a volta às limitações do ambiente, modificando efeitos adversos dos condicionamentos e aprendendo a orientar sua existência no meio da desordem e precariedade. Por exemplo, em alguns lugares, onde as fachadas dos edifícios estão muito deterioradas, há pessoas que cuidam com muita dignidade do interior de suas habitações ou que se sentem bem pela cordialidade e amizade das pessoas. A vida

social positiva e benfeitoria dos habitantes enche de luz um ambiente à primeira vista inabitável. É louvável a ecologia humana que os pobres conseguem desenvolver, no meio de tantas limitações. A sensação de sufocamento, produzida pelos aglomerados residenciais e pelos espaços com alta densidade populacional, é contrastada se se desenvolvem calorosas relações humanas de vizinhança, se se criam comunidades, se as limitações ambientais são compensadas na interioridade de cada pessoa que se sente inserida em uma rede de comunhão e pertença. Deste modo, qualquer lugar deixa de ser um inferno e torna-se contexto de uma vida digna. (LS n.148)

Vivemos em um mundo globalizado, onde as populações vivem cada vez mais em grandes conglomerados urbanos. Encontramos nessa situação uma diversidade de universos humanos que habitam em um mesmo lugar. Mas esse habitar nem sempre é humano, caridoso ou amigável. Muitas vezes vemos vizinhos que não se conhecem, às vezes por um desentendimento pequeno deixam de se falar. Coabitam o mesmo endereço, mas não sabem fazer dele uma morada. Um lugar de fraternidade e relação. Para isso também chama a atenção Francisco, olhando para nossa individualidade não abrimos espaços para a partilha. No entanto, os menos afortunados economicamente, os mais vulneráveis socialmente, têm muito a nos ensinar. Nas suas dificuldades descobrem suas limitações e a complementaridade fecunda que pode haver na relação com o outro. As amizades emergem mais facilmente, pois menos se cobram estando mais dispostos a oferecer, geram comunidades de amigos, de irmãos, vizinhos partilham a vida na solidariedade e no cuidado.

Ao crer no Cristo, na sua promessa, a realidade se transforma, a beleza desponta do interior dos escombros e o colorido surge com contrastes magníficos. Após o Cristo, não pode mais haver eventuais pretensões de autonomia, é a escolha de relações e a definição das formas concretas de percurso que devem assinalar o sentido de uma história que se apoia em seus dinamismos futuros. Fica então clara a reciprocidade entre transcendência e história na corresponsabilidade e interação entre Deus e o ser humano determinada pelo princípio cristológico das manifestações: a cruz e a ressurreição, e pela ação do Espírito Santo em nós.

Jesus propõe uma utopia, que exige, para se realizar, a transformação do ser humano, das relações interpessoais e de todos com Deus. Ele nunca definiu o Reino sob fórmulas ou leis a serem seguidas, mas o exemplificou por meio de parábolas e metáforas que suscitavam seu conteúdo utópico. Essa utopia é dirigida especialmente aos pobres, aos vulneráveis, aos que estão em sofrimento. É mensagem de esperança, sinal de sua presença na dor angustiante do sofredor, que

o estimula a continuar na luta esperando um futuro melhor, estimula a construir a sua realidade, mostrando a ele que possui dignidade, que é capaz de modificar a história, de suscitar mudanças na direção da justiça e da realização humana. É esperança libertadora que devolve ao ser humano sua capacidade de sonhar, de esperar com confiança que o amanhã será diferente, será melhor.

Esse evento fez da esperança o espaço vital e histórico desta relação, capaz de transformar as utopias em eutopias, isto é, naquelas possibilidades nas quais, de modo surpreendente, a fidelidade de Deus a suas promessas apresenta sempre novas condições de autenticidade e de vida para o homem e para o mundo.¹⁴²

Fundamentamos o sentido de nossa existência em alguém que é fiel, que nos faz uma promessa, que já foi cumprida, mas ainda não de forma plena – não por falta de poder ou possibilidade, mas por querer a nossa participação no processo de seu desenvolvimento. É o Deus livre que dá ao ser humano a liberdade de agir, de construir, de criar sua história em parceria com ele. Deus que entra na dinâmica do diálogo e do relacionamento com o ser humano. Que não o considera apenas criatura, mas o eleva à categoria de amigos (Jo 15,15), de filhos amados (Jo 1,11-12). Promessa que faz transformar os nossos ideais, nossos sonhos de justiça e igualdade em coisas ainda mais grandiosas, que vão além de nosso imaginário e compreensão; de nossas utopias, faz eutopia: lugar no qual as sociedades humanas em condições naturais são idealmente perfeitas, que não deixa espaço para nada além de completa felicidade.

Isso nos conduz à novidade, essa promessa é geradora de esperança e de uma perspectiva nova de centralização do futuro. Com a encarnação do Cristo, Deus penetrou na história e a história por sua vez no mistério, pela iniciativa livre e paradoxal de Deus. A história passou a trazer consigo a semente da transcendência. Com o encontro dessas duas liberdades, a do ser humano e a divina, a realidade perde o seu caráter de realidade ameaçadora e angustiante, deixando de ser objeto de contínuas tentativas de programação e manipulação com o objetivo de reduzir os riscos. É despertada no ser humano uma coragem amorosa, que olha para frente sem medo porque sabe que não está só. Coragem que o capacita a assumir o futuro da história com responsabilidade.

¹⁴² QUEIRUGA, A. T., Repensar a Revelação, p.142.

A esperança é uma condição de toda ação. Pois ela supõe ser possível fazer algo e diz que vale a pena fazê-lo em uma determinada situação. Para o homem experimentado, e mesmo para o favorecido pela sorte, pode tratar-se de algo mais do que esperança: da certeza daquele que confia em si mesmo. Mas por maior que seja a confiança em si, só poderia ter a esperança de que os desdobramentos daquilo que já se obteve será no fluxo imprevisível das coisas, aquilo que desejou. Os homens experientes sabem que um dia podem desejar não ter agido desta ou daquela forma. O medo de que falo não se refere a esse tipo de incerteza, ou ele pode estar presente apenas como um efeito secundário. Com efeito, é uma das condições da ação responsável não se deixar deter por esse tipo de incerteza, assumindo-se, ao contrário, a responsabilidade pelo desconhecido, dado ao caráter incerto da esperança; isso é o que chamamos de “coragem para assumir a responsabilidade”.¹⁴³

A responsabilidade cristã carrega em si essa coragem amorosa, responsabilidade pelas consequências de nossas ações que nem sempre se desenrolam como nossa previsão. Somos seres interativos, cada ser humano é um mistério único, um desconhecido a quem só temos acesso no processo do diálogo, da relação. É nessa revelação mútua que se desenvolve a amizade, é se dando a conhecer e conhecendo o outro que começamos a amar. Deus nos amou primeiro, ele se dá a conhecer por toda a criação e por sua revelação na história, narrada pelos autores bíblicos e interpretada e reinterpretada por nós no decorrer da história humana. Continua a se revelar a todo aquele que com ele se propõe a se relacionar, e fazer dele seu amigo.

Nem sempre vemos a realidade da mesma maneira que o outro, que carrega consigo sua história, as experiências que são constitutivas da sua identidade, portanto sua perspectiva da vida e da realidade é decorrência dessa história. Para uma interação, então, duas coisas são necessárias, a coragem de se revelar primeiro – a exemplo do nosso Deus de amor, que vem ao nosso encontro – e a abertura amorosa, que suspende o juízo dando lugar à compreensão dos antecedentes históricos daqueles que se apresentam em minha vida. É na dinâmica da compaixão, do afeto e da misericórdia que vamos ser capazes de amar e expressar o nosso amor. Ainda assim, o imprevisível acontece, intercorrências de terceiros que não conseguimos prever e que podem gerar dor e sofrimentos como consequência da nossa ação. Aí, confiamos na esperança, se agimos por amor, as consequências podem ser amenizadas pois agimos também com humildade – predicado do ato amoroso. Reconhecemos nossa falta, procuramos contornar a situação com a coragem de admitir que erramos e com a vontade amorosa de contornar a situação.

¹⁴³ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p.351.

Assim, Deus age com nossos erros no contorno, gerando possibilidades de seguirmos em frente, com coragem e alegria.

Volto aqui à metáfora do rio, que ao encontrar obstáculos intransponíveis dá a volta, contorna sem perder a direção, o seu objetivo de chegar ao oceano. Entregar nas mãos de Deus a nossa vida, as nossas experiências, a nossa história, é seguir o caminho de Jesus que tudo entregou nas mãos do Pai em confiança, coragem amorosa. Por ele, por seu exemplo é que podemos confiar, pois testemunhamos a fidelidade de Deus em sua história. Ele nos dá a promessa da vida eterna, a esperança na confiança no Pai amoroso que não abandona seus filhos. Essa é nossa esperança.

A promessa de Deus se realiza conjuntamente com a ação humana com ações de liberdade e responsabilidades que vão desenhar, no futuro, o sentido escatológico em direção à plenitude, a perfeição que Deus por sua graça concederá ao ser humano e a todo o cosmo. Esse futuro escatológico, no entanto, não pode ser interpretado como realidade extrema, mas como valor que torna transparente o presente dando a ele significado em relação ao futuro, valor que brota e fundamenta a existência humana de acordo com o sentido do *éschaton*, Jesus de Nazaré que é a própria promessa de futuro em Deus. É justamente por essa razão que esse futuro escatológico não pode ser reduzido a esquemas de previsão humana.

Ao falarmos da promessa de futuro em Deus não podemos pensá-la como algo pontual, um fato que virá a ocorrer, precisamos entender sua permanência, isso se refere à eternidade. Precisamos compreender também o evento Cristo não como fato histórico, ou momento em que se realizou a presença de Deus no mundo, mas que passou. Cristo é evento permanente, isso experimentaram os apóstolos com a sua ressurreição, sua presença permanece. Experimentaram também as primeiras comunidades, como podemos ver no decorrer do livro dos Atos dos apóstolos, e que é tão bem ilustrada nos evangelhos – em Lucas com os discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35) e em João com a narrativa da pesca milagrosa (cf. Jo 21). Jesus se faz permanência na história, acompanha o ser humano para guiá-lo à realização dessa promessa. Ele se faz caminho a ser seguido, orientando os passos da humanidade para seu futuro último, habitar junto com ele na morada de Deus.

O que aconteceu com Jesus, e o que depois de sua morte seus discípulos experimentaram, deu esse resultado. A história continuou, simplesmente, mas a ação

salvífica definitiva da parte de Deus realizara-se em Jesus de Nazaré, o Crucificado ressuscitado. Jesus, que anunciava o reinado de Deus a realizar-se em breve, não se enganara, apesar da contradição havida em sua rejeição e morte. Durante a vida, Jesus se identificara com a causa de Deus, com a vinda do Reino de Deus; assim, com ele se identificou o próprio Deus, fazendo-o levantar-se dentre os mortos; o próprio Jesus é esse Reino de Deus. Jesus se proclamou, por assim dizer, sem querer, a si mesmo: o Anunciante é o Anunciado.¹⁴⁴

Na verdade, questões tantas vezes conflituosas e problemáticas têm, na perspectiva cristológica, abertura de espaços de relação entre o futuro de Deus e o futuro humano. O próprio Cristo se faz presente, se faz caminho e paradigma para nossas ações. Nos fortalece e faz a mediação, criando a reciprocidade entre transcendência e história e uma corresponsabilidade e interação entre Deus e o ser humano, determinada pelo princípio cristológico, em que o divino e o humano se cruzam, sobretudo em suas manifestações mais evidentes, a cruz e a ressurreição. Cristo antecipa um futuro novo. Abaliza a promessa de nosso futuro em Deus (Jo,14). Antecipa essa realidade fazendo-se presente, realiza no momento da história a inauguração do Reino de Deus, que mesmo ainda em forma de semente contém em si toda a realidade possível, divina, que precisa ser edificada no processo histórico em comunhão com a humanidade. Assim, o Reino é possibilidade real a ser construída. Devido a essa antecipação, a dimensão escatológica da esperança encontra suas bases na cristologia, na experiência que se fundamenta na experiência pascal, no Espírito Santo como dom ressuscitado e na pessoa do Deus de Jesus Cristo.

4.3 Esperança responsável como esperança escatológica

Essa esperança é extraordinária, tem raiz na experiência pascal. O Reino foi revelado como realidade pessoal, como relação filial que reconhece Deus como Pai. Nesse aspecto, o caráter soteriológico de Jesus é destacado. Jesus é o paradigma, o homem para todos os seres humanos, o homem novo, fim último de todas as realidades. No Espírito Santo como dom do ressuscitado, fica claro que ao reconhecer Deus como Pai, o ser humano descobre a plenitude tanto do homem novo, Jesus, quanto do mundo transfigurado que espera a redenção final. E finalmente, com o reconhecimento do Deus de Jesus Cristo, no Espírito Santo, por

¹⁴⁴ SCHILLEBEECKX, E., Jesus: a história de um vivente, p. 546.

intermédio de quem se encontra o Deus da plenitude, é transformado o caminho histórico em caminho de justiça, onde todos terão os mesmos direitos e deveres e a comunidade seja fundamentada nesse amor fraterno, caminho escatológico de fraternidade, como experiência comunitária do ágape e sinal das últimas coisas reservadas ao homem e ao mundo.

Assim considerando, fica menos problemática a distinção entre realidades últimas situadas no futuro remoto, no além, em relação aos objetivos dos esforços das ações cotidianas que constroem o futuro em processo, pela parceria: ser humano-Deus. O *éschaton* é dimensão pessoal, comunitária e cósmica centrada na experiência do mistério pascal, no dom do Espírito Santo, onde ocorre a comunhão entre as realidades humanas e divina, onde o que tende para o alto incorpora-se com o que está para acontecer. Não é, portanto, futuro longínquo e totalmente transcendente, que pouco se dispõe a valorizar a história. Esse caráter escatológico privilegia a realização do projeto de Deus pela recomposição do vínculo entre futuro absoluto e futuro histórico, recompondo o elo entre a esperança última e as experiências históricas.

Esta é uma visão que projeta as realidades últimas não a maneira de realidades que existem no mundo que as aguarda depois da morte, mas como situações existenciais que desde o momento presente anunciam a novidade – embora de maneira imperfeita – o relacionamento definitivo do homem com Deus em Cristo. Uma reconsideração do escatológico que estabelece uma aliança do presente com o futuro histórico e de ambos com a esperança transcendental no contexto unitário, histórico e último do Reino de Deus, por meio da experiência transformadora e conformativa do ser que vive com e em Cristo.¹⁴⁵

Jesus afirma ser o Reino uma semente¹⁴⁶. É semente doada por Deus, que o ser humano deve plantar, cultivar e cuidar, na esperança de que venha a colher os frutos da árvore que poderá vir a ser no futuro, entretanto, a semente traz em si todo o código genético da árvore que poderá vir a ser. Tem em si um potencial de plenitude. Mas se vai se realizar ou não depende do cuidado e do zelo da pessoa que a plantou. No entanto, essa nada pode fazer para que ela germine, pode apenas favorecer sua realização. O germinar é dom e graça de Deus. Entra-se, então, na dimensão da esperança e da confiança na promessa, da capacidade de abandono –

¹⁴⁵ PIAZZA, O. F., A esperança, p.144.

¹⁴⁶ “Então contou-lhes que: ‘O Reino de Deus é semelhante a um homem que lançou a semente sobre a terra. Enquanto ele dorme e acorda, durante noites e dias, a semente germina e cresce, embora ele desconheça como isso acontece’(...)” (Mc 4,26-27).

em sua limitação o ser humano crê, se entrega confiante ao Deus que é fonte de vida, sem que com isso queira determinar o sentido de suas decisões.

A implantação na construção do Reino de Deus junto com Ele, incluídos os espaços de dor e morte, é o que vai permitindo descobrir a ação de Deus no meio de nós como a última verdade do real. Chega um momento em que a realidade se nos faz transparente, quando o ressuscitado nos aparece em situações e pessoas concretas. À medida que vamos constatando uma e outra vez essa presença, bastando apenas olhar as aparências da superfície, já intuimos o dinamismo da vida que se move ao fundo.¹⁴⁷

O jardineiro é responsável pela árvore, precisa zelar por seu bem-estar e fazer o que estiver ao seu alcance para favorecer seu desenvolvimento. Pode podar os galhos, orientar seu crescimento limitando e condicionando a árvore a uma determinada direção, mas não tem domínio sobre o seu desenvolvimento, sua ação tem resultados só até certo ponto. Logo constatará que não é possível prever sua fertilidade, a quantidade de suas folhas ou a qualidade de seus frutos, e muito menos o quanto viverá. Isso cabe a Deus. A última palavra é dada por Deus. No entanto, cabe ao ser humano a responsabilidade do cuidado, pois sem eles a árvore se tornará seca, sem nutrição, perecendo de maneira prematura, desperdiçando seu potencial, suas possibilidades de realização. Dessa forma ocorre a união entre imanência e transcendência, em uma missão comum, a história acontece pelas mãos humanas facilitadas e guiadas pela ação de Deus. Vemos em Filipenses (Fl 2,5-11) o hino que fala da *kenosis* de Cristo, que ele se faz servo para trazer a luz à humanidade, que se despoja de sua posição divina para se fazer humano e viver entre nós para anunciar a boa nova, para viver conosco, para nos mostrar o caminho. Para fazer de nós seus amigos, seus irmãos, sua família, sua descendência. Para isso nos faz em sua pessoa filhos adotivos, nos adota como irmãos, a todos nós. Por essa decisão de amor, de profundo esvaziamento, o céu comunga com a terra, procura o ser humano para colaborar com ele na construção de sua própria casa – também dom amoroso de Deus – para que o ser humano possa se realizar em acordo com o projeto de Deus. Deus se derrama sobre a humanidade com a simplicidade que só o amor pode ter, quer intimidade profunda, quer fazer parte também ele da história humana, une o céu e a terra na pessoa do Filho, céu e terra unidos para construir a história em comunhão. Boff apresenta essa reflexão de união amorosa:

¹⁴⁷ BUELTA, B. G., Ver ou perecer, mística de olhos abertos, p.139.

Se disséssemos que o céu consiste na convergência de todos os dinamismos do homem que clama por absoluta realização então devemos também afirmar que o céu é profundamente humano. O céu realiza o homem em todas as suas dimensões: a dimensão voltada para o mundo, como presença e intimidade fraterna com todas as coisas, a dimensão voltada para o outro, como comunhão e perfeita irmanação e principalmente a dimensão voltada para Deus, como união filial e entrada definitiva de um derradeiro encontro de amor. Tudo isso podemos sonhar e suspirar na terra. Mas nunca o vemos realizado de forma permanente e duradoura.¹⁴⁸

A esperança cristã é esperança em alguém, na pessoa de Jesus Cristo, nele é recomposto o elo da história, elo entre a esperança última e as esperanças históricas. São integradas na ótica personalista as dimensões individual, social e cósmica da realização final. A realidade última é projetada por situações existenciais que desde o agora, o momento presente, passam a anunciar a novidade do relacionamento definitivo do ser humano com Deus em Cristo, como união entre história e transcendência, entre responsabilidade histórico-social e responsabilidade individual, entre o corpóreo e o espiritual.

Jesus, como pessoa histórica concreta, possui uma clareza, uma visibilidade e uma força de realização que vão além do que uma ideia eterna, um princípio abstrato, uma norma geral ou um sistema de pensamento seriam capazes de apresentar. Ele pode também apresentar para os crentes o modelo básico de uma visão da vida a ser de múltiplas maneiras posta em prática. Ele torna possível concretamente o que hoje em fase da desorientação, da ausência de normas e de sentimentos, do vício das drogas e da violência, se procura em toda parte: uma nova orientação e atitude básica, mas também novas motivações, novas disposições e ações, em suma, um novo horizonte de sentido e uma nova clareza de objetivos.¹⁴⁹

Falar de futuro entendido como esperança evoca múltiplas interpelações que se apresentam no mundo atual e só é possível com centralidade na fé, fundada na morte e na ressurreição de Cristo. Nessa centralidade, a esperança assume traços da escatologia, se torna capaz de julgar a história com espírito crítico e exige um esforço real capaz de assumir as dimensões da realidade do ser humano e do mundo de maneira ampla e integral. Nessa dinâmica, reconhecemos que a última palavra vem de Deus, de sua bondade, de seu infinito amor. Reconhecemos o primado da graça, como também reconhecemos o juízo de Deus sobre o mundo, sobre as responsabilidades concretas de um possível fracasso na relação entre o ser humano e Deus, com suas consequências. A esperança também se configura na lógica da

¹⁴⁸ BOFF, L., Vida para além da morte, p.68.

¹⁴⁹ KÜNG, H., O princípio de todas as coisas, p.266.

fraternidade, em virtude da qual se inicia uma ação consciente e responsável orientada para o momento definitivo da história e do mundo, a implantação da justiça, do amor e da caridade, o Reino de Deus. Isso, no entanto, só será possível com a ajuda da ação de Deus.

Como cristãos, precisamos fazer de Jesus de Nazaré um paradigma, é pedido do próprio Jesus: “eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6) – é proposta exigente que nos coloca vigilantes e responsáveis diante de todas as possibilidades que surgem em nossa caminhada como cristãos, como comunidade, como Igreja. Igreja orientada pelo Espírito, animada pela esperança da promessa de que poderemos sim, junto a ele, construir um mundo melhor.

Somos participação e cooperação, mas o projeto da história não é nosso, passamos por ela e devemos colaborar para que se realize melhor. O Reino é de Deus e não do ser humano, a esperança é graça que nos coloca nessa posição, pois constatamos nossa limitação e dependência, mas nem por isso ficamos estáticos, somos impelidos a agir porque essa esperança traz em si a responsabilidade de quem somos, filhos amados de um Pai fiel, que nos quer ver plenos, realizados, felizes. Isso gera a confiança de seguir em frente, de construir, de amar e contemplar toda a criação como dom. Nessa atitude seguimos em direção ao Deus do Reino, acolhendo e testemunhando seu amor.

4.4 Esperança responsável e *éschaton*

Vimos ser a esperança cristã decorrência da experiência que fazemos do ressuscitado, que nos propicia olhar em sua totalidade, a vida de Jesus de Nazaré: seus ensinamentos, atos solidários, sua paixão, morte e ressurreição. Em nome do Pai, Cristo estabelece uma nova aliança com o ser humano. Faz conosco uma aliança de amor e de vida, nos fazendo, nele, filhos adotivos e cordeiros da glória do Pai. Nos transforma, assim, em seres viventes e eternos no seu amor e misericórdia, gerando sentido para nossa vida e para nossa realidade cotidiana.

Essa promessa fiel que nos movimenta é o que fundamenta a esperança. É o que vai nos dar forças e energia para seguirmos como povo de Deus que caminha. É onde acontece de forma inédita a relação e encontro entre o Deus trinitário e o ser humano, potencializando-o a ser agente transformador da história. Transforma a

história humana em história transcendental, em caminho de salvação. A esperança vem sinalizar a ação de Deus na história, manifestada por possibilidades novas, irrompendo o inesperado que se apresenta de forma surpreendente e inimaginável na realidade histórica. Promessa que se realiza já em esperança escatológica.

É preciso, no entanto, ter em mente que essa esperança é esperança em alguém, ainda que não completa ou perfeita. Apesar de ser atuante no presente da história, nos aponta, sinaliza o que tem de último, relação com a *parusia* sob a forma de uma cristologia voltada para a realização final. É nesse quadro que transparece o sentido teológico da esperança. Nasce nos porões da história, é virtude, é força baseada na promessa de Deus. Mas exige retomada de sentido, ao se interrogar a história exige compreensão a essa luz da fé.

Talvez possa parecer que essa função da esperança seja muito problemática no atual momento histórico, mas olhando-se bem, o que o que é apresentado por ela corresponde à exigência de retomada de sentido que, quando a humanidade volta a fazer as interrogações perenes da história, apresenta a compreensão do estatuto peculiar da esperança à luz da fé. Ela faz amadurecer uma dupla consideração. Em primeiro lugar, a percepção de que a voz humana da esperança, que brota do fundo da história, não é estranha à fé: ao contrário, a fé é atalho pelo qual ela pode caminhar com segurança. Em segundo lugar, a voz transcendente da esperança, embora não exclua a projetividade humana nas vias da realização final, torna evidente os seus trágicos limites e sua radical diferença.¹⁵⁰

A diferença aqui referida oscila entre a liberdade e a necessidade, o ser humano em sua inquietude procura não ceder ao determinismo, à necessidade, procura sempre a novidade das possibilidades que podem surgir, isso implica escolha, liberdade, e por conseguinte a responsabilidade pelas consequências de suas ações. Essa tensão leva-o muitas vezes a descobrir suas impossibilidades e limitações. Ou traz a consciência de sua limitação também histórica, contextual, que não conhece ou controla a realidade a sua volta. Toma consciência de que é dependente – dos outros, da criação, de Deus. A frustração é sempre perspectiva possível, que não pode ser excluída do quadro das possibilidades, que por mais que possam ser previsíveis ou analisadas, sempre deixam margem ao imprevisível. Assim, como o ser humano não pode, apesar de todas as suas esperanças, ter a segurança de realização plena de suas aspirações, cabe-lhe apenas deixar brotar essa esperança e acolhê-la como dom amoroso de Deus.

¹⁵⁰ PIAZZA, O. F., A esperança, p.146.

Seu valor escatológico nos leva então a abandonar as vias limitadas, contingentes, das esperanças humanas, mas não com a sensação de impotência ou fracasso, mas sim de entrega amorosa como resposta ao movimento amoroso que pode conduzir aos caminhos por nós desconhecidos, nos colocando além do terreno do desespero. A frustração desaparece, dando lugar à condução amorosa que guia sempre para o melhor, caminhos que transformam o improvável e o tornam possível. Uma esperança possível é fruto de empenho, e não pode ser determinada por nossas necessidades, é fruto da vontade, não é refúgio, mas resistência e luta.

Ela [esperança] não é determinada por nossas necessidades. Se ela tivesse que servir apenas como resposta a elas, ficaria condenada à queda em fáceis penumbras, seria filha das exigências que, variando ao infinito, tornariam a esperança ainda mais cinzenta e sombria: ora legítima e necessária ora inútil e ilusória. Ela seria sob certo aspecto força e vigor para os limites humanos, mas sob outro aspecto transforma-se em sutil tormento, num fardo intolerável.¹⁵¹

A esperança escatológica em si mesma nos leva a tomar consciência de nossa limitação, de nossa finitude, nos conduz à percepção que o existir está sujeito a uma debilidade radical, a morte. Conhecer as próprias limitações faz perceber o real e conduz à abertura total para o outro. Quando reconhece o seu limite, se percebe frágil, reconhece que não pode se realizar sozinho, se redescobre dependente de alguém que não é ele mesmo, sente a necessidade da relação. Essa é a atitude assumida na páscoa de Cristo, é colocada em evidência a não autossuficiência que nos leva a reconhecer a nossa condição de criatura. “A morte, sinal extremo desse limite intransponível, é memória de uma dependência original que, de modo geral, não é aceita e chega mesmo a ser hostilizada”¹⁵².

A morte é o sinal do limite intransponível do ser humano. É memória da nossa dependência original. Não há como o ser humano ser preservado da morte com suas próprias potencialidades – ele pode interferir na vida, na realidade à sua volta e quanto mais o faz, mais frustrado fica em face dessa limitação. Diante das esperanças humanas, as frustrações aumentam aquando se é colocado frente à realidade da morte, falta o sentido que jaz nas perguntas: para que se vive, para que se esforçar, por que evoluir, trabalhar, aprender...? Tudo parece perder o sentido, a existência fica sem significado.

¹⁵¹PIAZZA, O. F., A esperança, p.146.

¹⁵²PIAZZA, O. F., A esperança, p.147.

A fé cristã aparece então como geradora de sentido, “a fé cristã vive da ressurreição do Cristo crucificado e que se estende em direção às promessas do retorno universal e glorioso de Cristo. Escatologia é ‘paixão’ em dois sentidos, o de sofrimento e o de tendência apaixonada, que tem sua fonte no messias”¹⁵³. Devido a essa afirmação de Moltmann, não podemos considerar a escatologia como simples doutrina, mas sim como referência e orientação a toda a pregação cristã. Pois nossa orientação é para Deus, o objeto da esperança escatológica está no futuro em Deus. Essa é a promessa, a novidade.

Com efeito aquilo que encontramos nos testamentos bíblicos como objeto de esperança é “o Outro”, algo que não podemos pensar nem imaginar a partir das experiências que já tivemos e da realidade dada. Algo que, no entanto, nos é apresentado como promessa de algo novo, o objeto de esperança que está no futuro de Deus.¹⁵⁴

A esperança cristã vem trazer a novidade, um sentido completamente diferente, ela é reconhecimento de uma dependência que não é vivida de modo conflituoso, mas de acordo com nossa condição de criatura. É sinal de decisão capaz de abrir para a relação livre, entre o ser humano e Deus, que se articula em um recíproco e progressivo gesto de atenção, relação que protege por ser de confiança, de fidelidade depositada em alguém. Somente assim será possível espaço de encontro entre as expectativas humanas e a esperança de Deus.

No entanto, a eternidade, a vida nova e definitiva já entrou, com a morte e ressurreição de Jesus, na minha experiência. É vivida por mim, aqui e agora, na indestrutibilidade dos gestos que realizo: de amor, fidelidade, perdão, amizade, honestidade, liberdade responsável. Gestos nos quais supero misteriosamente o tempo, atingindo a eternidade à medida que me entrego à vida e à eternidade do Crucificado ressuscitado que venceu a morte. É bonito pensar que posso resgatar a angústia do tempo, a história do meu corpo, com atos de dedicação que possuem valor definitivo, depositado na plenitude do corpo ressuscitado de Cristo! É bonito pensar que toda palavra que pronuncio na oração é um tijolo lançado na eternidade para construir a moradia que não tem fim.¹⁵⁵

Mas não se trata apenas de algo belo, realizado por uma promessa feita por amor a nós. É promessa que exige acolhimento e, com ele, a resposta à responsabilidade pelos mais vulneráveis, pelos que sofrem. É resposta que exige a

¹⁵³ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p.30

¹⁵⁴ MOLTSMANN, J., Teologia da Esperança, p.30.

¹⁵⁵ MARTINI, C. M., Eu Creio na Vida Eterna, p.93.

parcialidade que o próprio Jesus assumiu. Jesus nasce pobre, filho de carpinteiro, não escolhe palácios ou nobreza, nasce simples em uma manjedoura. Escolhe a pobreza, é parcial por ela, a reconhece, no órfão, no estrangeiro, na viúva, nos vulneráveis e marginalizados. É com eles que prefere conviver, procura em especial a sua companhia. Assim também devemos ser, atentos e afetados pelo sofrimento devemos trabalhar pela justiça. É a melhor resposta que podemos dar a essa promessa de amor.

Há sempre a tentação da arrogância humana, de esquecermos quem somos, de acharmos que somos senhores de nós mesmos e da história, de não reconhecermos a nossa condição de criaturas. Na tentativa de eliminar o dado criatural, o ser humano gera esperanças difusas, sem expectativas de sua preservação da morte ou de ser libertado de suas próprias limitações. Essa tentação fica ainda mais forte quando o poder de interferir na vida ou na realidade presente é aumentado, iluminado pela razão autônoma e pela técnica, tornando apenas mais amargas suas frustrações, desfalecendo suas esperanças.

O ser humano, ao se estregar aos desejos imediatos, favorecidos pela sua construção de vida, de mundão, se vê diante das realizações precárias, pois o satisfazem apenas por um tempo muito exíguo. São desejos limitados, quando não vazios, ilusórios ou fúteis. Todavia, é essa insatisfação que gera a busca de algo, maior, mais profundo, que desperta. “Alguns podem causar ilusão por um tempo, mas acabam por manifestar sua insuficiência e sua futilidade. Contudo, são a ocasião, e a ocasião necessária de despertar do desejo e de despertar ao absoluto: o desejo se lança para a ‘glória de Deus’, para os valores infinitos”¹⁵⁶. No momento de crise, de frustração e de dor se encontram as possibilidades e as escolhas com mais clareza, porém é preciso abertura, discernimento e liberdade para se abraçar esse despertar e seguir na direção da liberdade.

O problema da liberdade, diante do determinismo, indica que o homem precisa de uma “de-cisão”, de afastamento, precisa se afastar de seu projeto, para levá-lo à realização e como ele não pode dispor desta plenitude, dessa segurança de que seus projetos cumprirão a sua finalidade, cabe-lhe apenas deixar vir esta esperança, aceitar as suas limitações, e confiar, mas de maneira atenta, em escuta, para poder perceber a vontade de Deus que direciona o caminho a ser seguido.

¹⁵⁶ VARONE, F., *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*, p.178.

Vemos isso na missão, na vida de Jesus de Nazaré. Momentos de recolhimento, de oração que propiciam o discernimento e iluminam o caminho, acendendo com a luz da esperança o decorrer da história.

Esperar para o ser humano torna-se liberdade à espera de alguém; torna-se decisão de confiar sempre, com total disponibilidade, no *semper adveniens*. A esperança de Deus que narra o seu ser para todos, torna novamente possível e dá fundamento à esperança humana, por meio de nossa atenção e de nossa abertura ao próximo, malgrado todas as situações trágicas pelas quais passamos.¹⁵⁷

Na confiança de um encontro irresistível e definitivo, que nos aguarda, encontramos força e dinamismos para resistir e transformar a história, não só a nossa história individual, mas nos animamos para sermos agentes de transformação, na percepção de que, como criaturas, somos dependentes da graça divina, necessitamos de sua presença em nossa história, em nossa vida, e nos colocamos na dinâmica de realizarmos, a exemplo do Cristo, o que Deus quer realizar em nós. Nós nos percebemos limitados e por isso abertos, ávidos de conhecer, de interagir com o que nos interpela. Partimos de uma eternidade já participada na história ao convite de fazer parte de sua definitiva manifestação. “A voz transcendente da esperança” torna evidente os “trágicos limites” da esperança humana e a radical diferença que ela traz. “Em Cristo, a esperança de Deus ouviu e cumpriu na sua raiz essa dialética e manifestou o que as esperanças humanas têm de não tematizado, de não dito. E como ela é vizinha das expectativas humanas, ela não esvaziou seus desejos, mas continuou alimentando-os”¹⁵⁸.

A esperança cristã não é contrária às esperanças humanas, mas sim sua plenificação, ecoa como uma voz que vem do futuro, do fim da história. Mostra-se sem neutralidade, impondo escolhas e respostas, propõe a superação da esperança humana na transposição: inquietação da espera para o contentamento, à alegria da realização. Propõe ao ser humano abertura, a coragem de transpor os próprios limites, e os anseios de segurança, superando as barreiras interiores para poder chegar a uma abertura real para o mundo e a história, e dessa forma à verdade. É esperança de encontro, de relação. Propõe sentidos, mas exige comportamentos e compromisso. No seu sentido escatológico ela revela, além dos possíveis maus entendidos e desorientações, a perspectiva de Deus. Implica sempre um sentido

¹⁵⁷ PIAZZA, O. F., A esperança, p.147.

¹⁵⁸ PIAZZA, O. F., A esperança, p.148.

crisológico, pois é a atitude de Deus em relação a Jesus, a mesma que Deus nos promete e cumpre em cada ser humano. O evento Cristo é transformado em esperança para o presente e para o futuro definitivo do ser humano e do seu mundo. Baseia-se na confiança do que Deus realizou em Jesus, portanto requer diálogo entre duas liberdades e duas fidelidades: a humana e a divina.

(...) até nas contradições e naquelas suas experiências, nas quais parece que Deus está se afastando, ou que pelo menos a sua presença parece estar se obscurecendo, são ativas e não passivas. É resistência ao mal, não apenas resignação diante da morte. A fidelidade de Jesus que descortina um futuro superior às esperanças mortas, torna-se para pessoa de fé, assim como foi com Cristo, aceitação da presença e da vizinhança do Deus transcendente, que promete um dom indisponível, mas essencial para a humanidade e para o mundo: a ressurreição e a glória.¹⁵⁹

A fidelidade de Deus cumprida na páscoa de Jesus, no dom da ressurreição e da vida, ultrapassa todos os limites. A fidelidade dele correspondeu à de Jesus que, por sua vez, superando todos os limites, inclusive o que havia de mais contraditório em suas dores e em sua morte, resistiu na confiança. Não esmoreceu. “Ele aprendeu a descobrir, nas provações e no sacrifício extremo, aquela presença de Deus, não evidente, mas fiel. Escolhendo ser obediente (fiel), Jesus cumpriu com a vontade de salvação”¹⁶⁰.

A cruz ganha novo sentido, é sinal da fidelidade extrema que ultrapassa limites de si mesma. Mesmo pregado na cruz Jesus continuou confiando em Deus e em seu modo de operar a salvação. Essa fidelidade tornou-se critério para a averiguação de qualquer ação histórica. É assim porque na sua vida manifestou historicamente o modo peculiar de ação de Deus em relação ao homem.¹⁶¹

Jesus apresenta a compaixão de Deus pelo ser humano de um modo inteiramente novo. Deus em Jesus não espera como criador, mas como criatura (Fl 2,5-11). Experimenta, assim mesmo, em relação interpessoal entre o Pai e o Filho, colocando no coração do finito as sementes da esperança. O coração da esperança é colocado entre a história, o futuro e o *éschaton*, mostrando como a história é o cenário onde se encontra a ação salvífica de Deus e a projetividade do ser humano, caminhando juntos para o mesmo fim. Todavia, ao mesmo tempo, há um novo apelo de esperança, que invoca uma nova vinda, uma nova realidade definitiva e final, a

¹⁵⁹ PIAZZA, O. F., A esperança, p.149.

¹⁶⁰ PIAZZA, O. F., A esperança, p.149.

¹⁶¹ PIAZZA, O. F., A esperança, p.149.

parusia, que revelará por inteiro a esperança que já existe, embora oculta, entre as ansiedades e expectativas humanas. Tempo em que Deus será tudo em todos e toda criatura será plena em Deus. Queiruga ilustra essa realidade como uma amizade:

Pensem numa amizade ou num amor que depois de uma longa gestação atingem esse ponto em que a confiança é total e a entrega, sem reservas. Interpretar que então “acabam” a amizade ou o amor seria não entender nada. Porque é justamente nesse momento que “começam” de verdade, ou seja, quando se abre um âmbito onde podem desenvolver-se todas as potencialidades e onde todas as possibilidades podem fazer-se atuais. Acontece totalmente o contrário de uma “clausura”: produz-se uma autêntica intensificação do ser e uma real abertura do futuro. Com a revelação não sucede de modo diverso, senão, em todo caso mais rico e profundo. Que a comunhão salvadora e amorosa com Deus alcance em Cristo sua plenitude não significa um fim, senão o grande começo, “a nova criação”, o espaço onde a todo homem e mulher é aberta a possibilidade de avançar para a “idade adulta, até a estatura que corresponde a plenitude de Cristo” (Ef 4,13).¹⁶²

É uma realidade animadora, pois quando pensamos na evolução da criação, com toda vida que acontece, pensamos no ser humano como ápice, como evolução biológica insuperável, mas isso não pode gerar no ser humano um fechamento, ou uma paralisia. Continuamos a ser criaturas-trânsito assim como toda a criação e podemos sempre vislumbrar um futuro melhor, um futuro diferente porque também somos evolução. Mesmo assim, temos capacidade de agir, de modificar a realidade e por isso temos abertura para um futuro mais rico e mais pleno.

Essa perspectiva é de espera ativa, agindo como fermento na massa que acrescentada às esperanças humanas grita pela vinda do Senhor. Jesus Cristo é o Senhor que vem e proclama a esperança em um futuro absoluto que coincide com Deus. Não há fins diferentes para o mundo e o ser humano. Não há fim natural e sobrenatural, eles têm um único fim: o futuro prometido em Deus. Assim sendo, a esperança não pode ser desencarnada, dissociada do mundo e de seu caminho rumo ao fim. Ao contrário, deve assumir responsabilidade com a realização desse único futuro prometido: ser esperança responsável, assumir as nossas ações humanas e nossa construção histórica. Deve ser a esperança motriz de atitudes criativas e criadoras que, em diálogo com as condições humanas – políticas, sociais e técnicas – junta forças que vão se manifestando em processo histórico, valorizando tudo que é construtivo, dando-lhe um fim *novum ultimum* doado na páscoa de Jesus. Abre-

¹⁶² QUEIRUGA, A. T., Repensar a Revelação, p.267.

se assim perspectiva inesperada, iluminada pelo evento pascal, que traz uma análise de forma inteiramente nova a todas as coisas, inclusive ao mal e à morte.

Porém a possibilidade não é ainda realidade. Se em Cristo falamos de plenitude, significa que a possibilidade religiosa humana é exercida nele até o extremo. Cristo como plenitude da revelação significa então que nele acontece de modo insuperável e total o encontro revelador entre Deus e o homem. Noutras palavras: a livre decisão divina de comunicar-se totalmente e sem reservas à humanidade encontra em Cristo uma abertura total e sem reservas.¹⁶³

Cristo é capaz de experimentar a presença ativa de Deus em sua radicalidade, que acolheu com a entrega absoluta de sua liberdade. Alcança a insuperável plenitude do processo humano, o encontro com Deus. Quer conosco compartilhar essa presença, que nele se faz possível, se entrega em amor à humanidade para se fazer ponte entre o Criador e a criatura, entre Deus e o ser humano.

É esperança que tende à plenitude integral de toda criação a partir de sua raiz salvífica, impondo a responsabilidade de testemunhar com fé e amor a ação salvadora do Reino que, de maneira misteriosa, se realiza pouco a pouco em meio a toda complexidade da história. A esperança cristã, assim como a fé, não se alicerça nas justificações racionais, possui razão própria e autônoma que a distingue sem dissociá-la das outras esperanças, interrogações e expectativas da história. Esperança que espera, aberta, plenitude última como possibilidade de graça absoluta. Abertura que nunca se fecha a nenhuma realidade, e que a história não dá conta de realizar. É representante do ponto de inserção da salvação cristã que nada mais é do que a salvação da história. É o furo do real que surge da páscoa de Cristo.

4.5 A força mobilizadora da esperança

Essa esperança, dom e graça do amor de Deus, é esperança encarnada, capaz de transformar e libertar o ser humano, além de despertar nele a sua criatividade, que pode e deve mudar a realidade para a construção de um mundo melhor e mais humano. Ela determina e assinala atitude existencial particular na pessoa, que ocorre na conotação específica das escolhas, das decisões humanas, dos posicionamentos diante das situações, interpelando o ser humano a se colocar

¹⁶³ QUEIRUGA, A. T., Repensar a Revelação, p.281.

disponível e atento à vontade de Deus. A esperança nos coloca, assim, diante de uma meta, visando o bem absoluto, a plenitude, nos situando no horizonte de atitude moral e olhar crítico para o “mundo” onde estamos inseridos, não nos permitindo a atitude de fuga da realidade ou apatia. Ao contrário, desperta em nós o desejo de realização de criar um mundo de justiça e paz.

O testemunho é a palavra de Jesus, em nome de Deus, oposta ao mundo. Entre a luz e as trevas, entre a luz e a escuridão, há um abismo e uma luta, incessantes desde as origens do mundo. O desafio salvador de Deus produz-se na forma de palavra. Deus pronuncia sua palavra. E essa palavra é chamada a despertar os homens para a luz e a vida. Essa palavra é criadora de liberdade: a resposta que desperta é justamente a liberdade. Essa palavra tinha sido pronunciada em parte em Israel e os filhos de Israel eram chamados a recebê-la para publicá-la ao mundo inteiro. Mas eles próprios não a receberam e preferiram as trevas à luz. “Veio até os seus e os seus não o receberam” (Jo 1,11).¹⁶⁴

Na confiança na promessa fiel que nos foi feita, aceitamos e assumimos a responsabilidade da missão de trabalhar pela vida e pela promoção humana. “A esperança não pode ser de modo algum, uma evasão, um escape, uma fuga para outro lugar. Ao contrário a esperança deve ser sinônimo de penetração, de imersão plena, decidida e paciente, na própria veia da existência”¹⁶⁵.

A esperança de que aqui tratamos, gerada pela páscoa e ressurreição de Jesus, não pode ser identificada à esperança que nos referimos quando falamos de anseios e desejos almejados, dependentes de nossos esforços e motivações concretas, que envolvem escolhas, organização de vida, comportamentos em que se procura realizar o que dela se aproxima e excluir o que torna mais difícil sua concretização. Essa esperança temos muitas, e diversas estão ligadas aos nossos sonhos e desejos, que apesar de dependerem de nosso empenho nem sempre se concretizam. Essas esperanças muitas vezes são frustrantes, e nos desorientam quando não se realizam. Mas são importantes para o nosso amadurecimento, sobretudo espiritual, porque nos trazem a percepção de nossa limitação, de nossa finitude, do mal à nossa volta e, muitas vezes, até da morte. Nos mostram também a nossa interdependência com o meio à nossa volta e sua influência direta e indireta em nossa vida. Planejamos algo inteiramente viável, desejamos, esperamos que aconteça, mas uma intercorrência, externa ou emocional, pode impedir sua realização. Vislumbramos então uma esperança diferente, a esperança cristã, que nos propõe a olhar sempre

¹⁶⁴ COMBLIN, J., A Liberdade Cristã, p.98.

¹⁶⁵ PIAZZA, O. F., A esperança, p.65-6.

para frente, nos coloca na ótica do futuro. Encarnada na história, nos chama a prosseguir, colocando em nossos ombros a carga de nossas crises e frustrações, por mais dolorosas que sejam. É a esperança que nos ensina a caminhar em direção ao mais essencial, ao mais profundo da vida, nos dá a coragem de seguir em frente e a certeza de que não estamos sozinhos, e por isso conseguiremos suportar o peso e alcançar a meta – a vida plena em Deus.

É na raiz da dor e do sofrimento, onde a busca de caminhos fáceis parece ser mais atraente, que ela se manifesta com sua força e nos impulsiona a sermos sujeitos das nossas vidas, nos interpela a abandonar a passividade para uma luta positiva de participação histórica. Nessas situações, quando muitas vezes somos tomados pelo desânimo ou desespero, e podemos tomar medidas erradas que podem ter consequências dramáticas, sentimos a graça da esperança. “Ela nos permite que se assuma, na sua plenitude, toda a bagagem da existência até que se consiga ratificar a sensação de que nada está à margem, tudo pertence ao homem”¹⁶⁶.

4.5.1 Caminho de discernimento

A esperança nos ensina a discernir e, com espírito crítico, avaliar as condições do momento em perspectiva de cumprimento, de conclusão, de modo que não conseguiríamos sem ela conceber. De modo inimaginável e inesperado uma nova realidade surge, transformando a angústia em resiliência, despertando a vida, libertando o ser humano para que ele não se aprisione em instante passageiro qualquer que seja o momento da vida, seja o mais fácil seja o mais difícil. A esperança o impulsiona a uma abertura a novas possibilidades e avaliações, orienta a uma organização mesmo em meio desorganizado, quando nos encontramos em situação de caos pessoal. “Se a esperança rompe com a espera passiva do fruir do tempo, isso acontece apenas porque ela cria uma ruptura, ela destrói os limites e insere o indivíduo num horizonte aberto”¹⁶⁷.

Se o Filho de Deus é realmente carne, então aconteceu um “devir” no Deus que não é carne. Se Jesus ressuscita como primogênito e só no final Deus será tudo em todos, então o “futuro” pertence a Deus e é uma forma de ser de Deus. Essas duas

¹⁶⁶ PIAZZA, O. F., A esperança, p.66.

¹⁶⁷ PIAZZA, O. F., A esperança, p.66.

afirmações escandalosas sobre o devir e o futuro de Deus já foram aceitas na teologia, a primeira desde antigamente, a segunda mais modernamente.¹⁶⁸

O inimaginável, o surpreendente inesperado, acontece com a ressurreição de Jesus de Nazaré, escandalosamente Deus nos mostra ser ele a raiz da esperança, o *éschaton*. Essa esperança gera abertura para novas possibilidades e perspectivas, que não são e nem podem ser frutos da vontade humana, mas dom de Deus, pois vão além. Não estão sujeitas às frustrações decorrentes da realidade em que estamos inseridos, apesar de ser necessária a situação de crise para que ela se realize. Ela surge, exigindo do indivíduo abertura e acolhimento como dom e como tal requer disponibilidade ao novo que se apresenta, que experimentamos como revelação, introduzindo essa esperança na história, na nossa história como ação solidária, participativa, chamando-nos para a ulterioridade que nos adverte a responsabilidade real pelo que desejamos, o bem que almejamos alcançar. Temos a responsabilidade de responder com gratidão e ação, nos transformando também em agentes, instrumentos de esperança na sociedade em que estamos envolvidos.

A esperança provoca em nós uma tensão moral que leva a uma reciprocidade relacional, leva a caminhos bem diferentes das simples esperas, dos pedidos atendidos ou desejos realizados, é fruto de um encontro que nos transporta ao terreno do transcendental, em que as possibilidades são sempre abertas. “Do encontro entre história e eternidade, do espaço e do sentido de uma relação encarnada entre Deus e o homem”¹⁶⁹. É realizada uma aliança entre o ser humano e Deus em que o pacto deve ser respeitado e reciprocamente mantido.

A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele por amor constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu Criador. (GS n.19)

Essa entrega que a esperança provoca tem que transparecer na dimensão da ternura, do afeto e do cuidado com tudo o que é de Deus, de toda sua criação. Precisa ser demonstração de amor, que transborda ultrapassando os limites das individualidades, extravasando o coletivo a todo o mundo criado. Tomamos a consciência de que o mundo, a natureza, nada disso nos pertence e, assim, nos

¹⁶⁸ SOBRINO, J., Jesus Libertador, p.352.

¹⁶⁹ PIAZZA, O. F., A esperança, p.67.

tornamos atentos, atenciosos aos detalhes, conseguimos observar com mais atenção os contrastes, os acontecimentos à nossa volta. Nos tornamos mais zelosos, porque com nossas atitudes queremos fazer a vontade daquele que amamos, queremos cuidar, porque o cuidado é maneira privilegiada de manifestar esse amor.

Falamos aqui duma atitude do coração, que vive tudo com serena atenção, que sabe manter-se plenamente presente diante duma pessoa sem estar a pensar no que virá depois, que se entrega a cada momento como um dom divino que se deve viver em plenitude. Jesus ensinou-nos esta atitude, quando nos convidava a olhar os lírios do campo e as aves do céu, ou quando, na presença dum homem inquieto, “fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele” (Mc 10,21). (LS n.226)

A esperança dessa forma se articula como código relacional (GS n.19) que germina do encontro pessoal e particular, “o momento inicial não é a nulidade do homem diante do ser e do todo divino. O momento inicial não é a consciência infeliz, mas o pacto”¹⁷⁰. É ação de escolha e vontade estimulada pelo amor que se recebe, pelo maravilhamento do evento transformador que desinstala e desconcerta, é experiência do sublime de pequenez, de finitude diante do inefável, provocando atitudes, estimulando ações que não podem ser negadas. O chamado a essa atitude, a esse movimento é “mandamento, é uma modalidade de presença, isto é uma expressão da vontade santa”¹⁷¹. A esperança gera então, em nós, o mesmo desejo de uma nova Terra, reflexo de um novo céu já no hoje, no aqui e agora. Gera em nós uma inquietação, um chamado a atitudes, pois tomada a consciência de nossa finitude e limitação nos conscientizamos também que não podemos nem devemos deixar passar as oportunidades de ação, de contribuição para que esse Reino tão esperado possa acontecer. Surge em nós um desejo novo, uma nova vocação, vislumbramos caminhos e saídas que antes não conseguíamos elaborar, começamos a ver a nova realidade inesperada, mas possível, da qual queremos fazer parte, realidade até então inimaginável.

4.5.2 Geradora do inesperado e inimaginável

O inesperado e o inimaginável se fazem presente justamente por se instaurarem nessa presença transcendental, que é expressão de uma vontade

¹⁷⁰ PIAZZA, O. F., A esperança, p.67.

¹⁷¹ PIAZZA, O. F., A esperança, p.67.

salvífica, proveniente de outra liberdade, de uma outra vontade que nem sempre responde às expectativas humanas. A esperança então apela a uma resposta de fidelidade e conformidade a essa vontade salvífica que se manifesta de modo próprio muitas vezes desconcertante e paradoxal, traz a surpresa, o surpreendente e o inesperado para a nossa realidade – geralmente em momentos de crise – não deixando de evidenciar a intenção fiel de cumprimento da promessa. É pela esperança que já no agora se manifesta a salvação pelo amor, pela solidariedade, pois não nos sentimos sós, não nos percebemos mais desamparados. O solo se torna firme como rocha e conseguimos nos colocar de pé ao lembrarmos da promessa: “Estarei com vocês até o final dos tempos” (Mt 16,20). Na simplicidade de uma experiência de encontro, podemos perceber esse amor presente de Deus. Como ilustra tão bem Carlos Mesters, experiência que nos faz perceber o inimaginável acontecendo em nossas vidas quando nos entregamos em confiança ao amor divino, que desperta em nós inquietude tão profunda que nos faz transpor não só montanhas, mas oceanos, para acolher, cuidar, ajudar e procurar modificar as situações de precariedade, de dor, de angústia que encontramos nesse caminho que nos permitimos, guiados por essa esperança, seguir. Vamos então em busca do Reino, ativamente, como operários ou guerreiros que por amor são capazes de entregar também a própria vida.

Por várias vezes, andando pelas casas de Areia Seca, me lembrei de Nazaré. Deus se encarnou e assumiu a condição de homem, igual a nós, lá em Nazaré. Nazaré e Areia Seca! Será que se pode fazer uma comparação entre os dois povoados? Não sei. Acho que a diferença não é tão grande. Penso que a situação em Nazaré era um pouco melhor. Jesus sabia ler, tinha profissão, ia a Jerusalém todo ano. Em Nazaré havia sinagoga, organização e tradição, havia a bíblia. Essas coisas quase não existem em Areia Seca. Acho que o nível cultural do povo de Nazaré daquele tempo era bem mais alto do que o do povo de Areia Seca de 1975. Mas por outro lado, a distância que existe entre o céu e Nazaré é bem maior do que a distância que existe entre a Holanda e Areia Seca. Deus, sendo Deus, se fez homem em Nazaré. Eu saí da Holanda e vim parar nesta areia seca de Areia Seca, Deus sabe como. Mas Jesus era filho daquela terra. Nasceu e cresceu naquilo. Era conhecido no lugar como “o filho de Maria”, “o carpinteiro”. Era um deles, igual a eles, como Genésio é um do povo de Areia Seca. Mas eu não nasci nem cresci aqui. Teria que nascer de novo. É possível? Existe seio materno para isso? Ouço a resposta de Jesus a Nicodemos: “você que é mestre de Israel não sabe disso! Tem que nascer é do Espírito Santo!” (cf. Jo 3, 10.5) – pois não Jesus, mas o negócio não é fácil.¹⁷²

¹⁷² MESTERS, C., Seis dias no porão da humanidade, p.84.

O que move uma pessoa a sair do conforto de sua cultura em outro hemisfério, de seu meio, para morar no meio dos pobres? Essa pergunta, feita por Carlos Mesters, ilustra a ação de Deus naqueles que para ele se abrem, se deixam instrumentalizar, acolhem a responsabilidade histórica com o mundo e se permitem agir como presença de Deus na realidade do sofrimento do outro.

Revestidos com um novo ânimo seguimos em frente, renovados e amadurecidos. Percebemos isso muito presente no homem simples que ao acordar pela manhã sai à luta de seu sustento com um vigor que não sabemos de onde vem. Na confiança se entrega à vida na certeza de que dias melhores virão. Porque tem fé nessa promessa “fiel”. Que pode muitas vezes parecer contraditória, mas que nos momentos-limite nos sustenta com a esperança de que ainda temos que caminhar, mas que com o aval da fidelidade passamos já a viver na expectativa. A esperança, nesse sentido, nos impulsiona a um caminho de conversão. Ouvidos, somos levados a confiar porque se torna possível antever o futuro mesmo onde parece que esteja sendo negado pelas evidências dos fatos ocorridos. A esperança se concretiza desse modo como abertura a novas possibilidades, ao amanhã que se mostra ainda indefinido – como um novo nascer do sol, que vem anunciar o novo dia se oferecendo com sua grandeza.

4.5.3 Adesão responsável

A esperança é decorrência de um encontro, de uma relação interpessoal, implica, portanto, a alteridade, o respeito ético e resposta, exigidos em qualquer relação humana. No entanto, em relação tão mais profunda, que preenche a nossa existência presente de maneira amorosa e eficaz, essa resposta se torna exigente, aderindo ao chamado, à vontade, pois é consequência de grande dom e graça. É resultado da solidariedade amorosa de Cristo que se faz cruz para realizar, na história, a união de presente e futuro em momento eterno, fazendo-nos também eternos. Em resposta a esse grande gesto de amor, resolvemos seguir o Cristo, caminhar com ele, como ele fez. Dar continuidade aos seus ensinamentos, anunciar a alegria desse encontro, desse reconhecimento de amor. Fazer dele paradigma de vida, olhando sua práxis e procurando seguir seus exemplos, seus ensinamentos.

No encontro verdadeiro com o Cristo ressuscitado, há uma mudança no mais profundo de nosso ser, perspectivas se abrem, o futuro se faz presente, o momento se torna eterno. Acontece em nós experiência similar a dos apóstolos diante da transfiguração do Senhor. O passado, o presente e o futuro são unidos em um momento eterno, *kairós*, nos impelindo a um caminho diferente, a dar uma resposta, não por imposição ou obediência obrigatória, mas sim por desejo responsável de quem reconhece a extensão da graça, do ato de amor, da proposta da aliança e quer a ela corresponder.

Por isso Jesus traçou seu projeto ético, não com base na obediência ao poder, mas sim no seguimento à exemplaridade. Já afirmei que os evangelhos não falam nunca de “obediência” a um poder que se impõe, submete e manda. A relação que, segundo os evangelhos, se estabeleceu entre os discípulos e Jesus foi de “seguimento”. De fato, enquanto o verbo “obedecer” (*ypakoúein*) nunca é aplicado, nos relatos evangélicos, a indivíduos ou grupos que se submetem a um superior, nem sequer a Deus, o verbo “seguir” (*akolouthein*) é utilizado 67 vezes para expressar a relação entre Jesus e os que creem nele. (...) A ética de Cristo, portanto, não é ética de submissão a um poder que manda e dá ordens, mas a ética do seguimento a uma pessoa que é exemplo que atrai e dá sentido à vida. Isso logicamente, quer dizer que a ética de Jesus não é a ética da sujeição ao outro, àquele que pensa e decide, (...) mas é a ética de quem se sente atraído e seduzido pelo exemplo de Jesus e pelos valores exemplares que encontramos no evangelho.¹⁷³

É ao olhar o Cristo crucificado que nos deparamos com a dimensão de seu gesto, com seu imenso amor, sua solidariedade inexorável que quer tomar para si toda a dor humana. É nesse momento de percepção que fazemos por ele a opção, que decidimos fazer dele o nosso paradigma, assumindo para nós a responsabilidade pela relação de amor que nos une em comunhão com ele, e por ele com toda a Trindade. Isso vai definir nosso comportamento ético, não mais nos paradigmas da moral, dos costumes ou da própria cultura em que estamos inseridos, mas em comportamento fundamentado no Cristo que gera em nós uma nova identidade, o homem/mulher novo/a que vai nos fazer perceber o dom que nos foi dado e que nos impele à ação.

Quando, no caminho real do seguimento de Jesus, pessoas e comunidades anunciam o Reino de Deus aos pobres, denunciam os mecanismos que geram as mais diversas formas de escravidão e os ídolos de morte, lutam para que todos, sobretudo a imensa maioria dos homens e mulheres crucificados, tenham o necessário para viver com a dignidade de filhos de Deus, proclamam a verdade, denunciando o pecado e mantendo-se firmes nos conflitos, na violência e nas perseguições; agem com

¹⁷³ CASTILLO, J. M., A Ética de Cristo, p.180-1.

entranhas de misericórdia e com o coração limpo, sem aprisionar a verdade com a injustiça; fazem justiça, buscando a paz, se baseiam na justiça, é porque creem firmemente em Jesus, como o filho de Deus e enviado do Pai, o libertador de todas as formas de escravidão.¹⁷⁴

A esperança nos impele ao agir cristão, ao seguimento de Jesus. Nós passamos a ser servos, obreiros na construção de um mundo melhor, mais justo, mais humano na liberdade e na resposta criativa, na responsabilidade de seguir o caminho em direção ao futuro que já se faz presente, ao *telos* que já se manifesta enchendo o coração de esperança, na promessa fiel garantida por essa relação entre eu e o tu. Promessa geradora da esperança, esperança de vida plena, de vida eterna, de com ele morar. Esperança de amor, que anima e movimenta, impelindo para frente a ação na construção da história, não só individual, mas da humanidade.

A esperança, por isso mesmo, apela para a fidelidade disponível, para o respeito obediente daquela vontade salvífica que tem o próprio modo de se manifestar, às vezes desconcertante e mesmo paradoxal, mas que não deixa de evidenciar, apesar de todas as aparentes contradições e situações críticas, a intenção fiel de cumprir a promessa.¹⁷⁵

Ao percorrer esse caminho da obediência/seguimento, a esperança ouve um pedido e torna-se um ato de confiança porque antevê o futuro, se concretiza como abertura para o amanhã, em toda a sua grandeza e extensão, um futuro onde há possibilidades a serem apropriadas. O sujeito se coloca em ato de esperar, que ao contrário de ser passivo exige movimento de ação e de escuta, a esperança assim se transforma em “memória de futuro”,¹⁷⁶ recompondo a sua verdadeira significação, colocando cada momento em seu horizonte próprio e preciso, inserindo-o no acontecimento, escrevendo a história dentro da eternidade. É ato de obediência e confiança, de desejo responsável, eticamente justificável. Nesse contexto, não se pode falar da esperança como superação otimista de situações limites do ser humano. Ela é impulso que remete para frente, para o futuro por meio de ações diárias e cotidianas nos abastecendo, nos proporcionando recuperar as energias de velhas destroçadas esperanças.

Ela se transforma em uma linfa vital para o presente e recebendo uma nova vitalidade da confiança posta num futuro que, pela graça, é prometido na sua plenitude,

¹⁷⁴ BOMBONATTO, V. I., Seguimento de Jesus, p.396-7.

¹⁷⁵ PIAZZA, O. F., A esperança, p.67.

¹⁷⁶ PIAZZA, O. F., A esperança, p.67.

encontra forças para não se resignar diante do mal, assumindo por inteiro as responsabilidades que o presente impõe.¹⁷⁷

Em atitude livre de obediência/seguimento confiante e solidária, o presente que aspira por um futuro pleno e o futuro que embora carregado de realizações não resolve os problemas do momento se unem. Se entrelaçam. É depositado no presente o peso de um ato de responsabilidade que foi amadurecido pela memória do encontro, memória do amor, da aliança selada, gerando uma nova temporalidade centralizada na dimensão do cumprimento definitivo e cheio de sentido. “De fato, para esperar o futuro é fundamental ter sempre um pouco de amor que, com responsabilidade e cuidado, antecipa e insere o futuro nas dobras do presente”¹⁷⁸.

O testemunho está ligado à decisão que é decorrente da relação e da responsabilidade-obediência. Esse, no entanto, não pode ser fechado ou ter finalidade em si mesmo. Precisa ser aberto ao diálogo, à alteridade. Se configura em comprometimentos pessoais que ultrapassam a observância para se tornar reconhecimento, cuidado e respeito.

A ação de testemunhar é uma antecipação do futuro, é o lugar de sua expressão. Nesse ponto, já se pode entrever o ato significativo de testemunho dado por Jesus Crucificado, como experiência e como *kairós* no qual o futuro da salvação, prometido por Deus, encontrou a sua particular, inimaginável e, por tantos aspectos, incompreensível expressão.¹⁷⁹

A esperança vai ativar eticamente o presente. O sujeito torna-se consciente de sua posição, de quem é, que diante da imensidão do Criador, do transcendente, assume postura responsável com tudo o que o cerca, com toda a criação. Se desenvolve nele uma mudança ontológica que o faz compreender-se em comunhão com o cosmo, passando a ter temor e respeito com tudo à sua volta. Torna-se responsável pela criação, passa a se relacionar com ela em postura respeitosa, sendo invadido de uma coragem amorosa, que o faz denunciar e lutar pelo bem, pelo que é justo, não se comprometendo apenas com o momento presente, mas também com o futuro de todo o cosmo, passando a se relacionar com o seu meio com cuidado e amor. Passa a se preocupar com ele, não visando apenas o seu bem-estar ou a situação do momento, mas adquire postura consciente, dispõe-se a medir as

¹⁷⁷ PIAZZA, O. F., A esperança, p.68

¹⁷⁸ PIAZZA, O. F., A esperança, p.68

¹⁷⁹ PIAZZA, O. F., A esperança, p.68.

consequências porque olha para o futuro e quer participar ativamente da história. Vislumbra o futuro com um novo olhar, aberto a tudo e a todos que o cercam e, mesmo em sua limitação, em seu condicionamento, busca fazer o melhor, por ser essa a resposta amorosa de gratidão que pode dar àquele que o criou, que o amou.

A esperança faz o ser humano perceber sua pequenez, sua situação diante do inefável, o leva a tomar consciência de sua condição e de suas poucas forças para modificar a realidade à sua frente. Ele se percebe dependente e responsável pelo irmão, pela natureza, pela criação como um todo. Esse novo sentimento de responsabilidade integral o desinstala com suas diferenças e reivindicações. Ele se percebe em condições de igualdade em ser – mesmo que em condições diferentes – no agir e no viver social. Nessas condições, ao olharmos para o futuro o presente é então delimitado e podemos perceber, nesse futuro, nossas ações e testemunhos responsáveis, percebemos um *kairós* que se apresenta de maneira surpreendente em sua novidade, aludindo a um futuro promissor, mesmo que ainda não realizado, mas que inicia nessa transformação de atitude sua concretude pela novidade simbólica que surge em forma de esperança.

Somente quando o Reino de Deus “chega bem perto”, nos arrependemos. Na aurora, percebemos a escuridão da noite e levantamos. Somente ao experimentarmos a proximidade de Deus com todos os sentidos nos vivificamos e nos defendemos dos poderes da morte. Os oprimidos políticos e sociais não capitulam diante de seus opressores, mas “riem” deles, fazem piadas que desmascaram seus pomposos e patéticos dominadores, e o “riso dos oprimidos” é uma ressonância do riso de Deus: “Aquele que mora no céu sorri, o senhor zomba deles” (Sl2,4). Com o risonho desmascaramento dos poderosos tem início a rebelião dos humilhados: rompamos suas amarras, sacudamos suas algemas!¹⁸⁰

Essa citação de Moltmann alerta sobre nosso tardio despertar, a casa comum está em sofrimento, a natureza como um todo pede socorro, nossos irmãos sofrem opressão em todos os cantos da terra. É hora de despertar, de nos movimentarmos com coragem e esperança na confiança de que em Deus o inimaginável, o inesperado e o impossível podem se realizar. Somos responsáveis pelo hoje de nossa história, situados em nosso contexto social precisamos nos permitir sermos conduzidos por essa esperança. Mas precisamos ainda fazer uma pergunta: como ter esperança em algo que não se conhece, não se experimentou? Só desejamos e

¹⁸⁰ MOLTSMANN, J., A ética da Esperança, p.272.

esperamos uma realidade que racionalizamos, que compreendemos com nossas categorias.

Para experimentar essa realidade nova, basta abrir os olhos do coração. Olhar para Jesus, para sua encarnação onde Deus se faz pequeno para partilhar conosco a nossa casa comum. Olhar para sua vida, como experimentou e viveu sua realidade, como conduziu sua vida e como se relacionou com as instituições de poder. Sofreu e morreu por nós, por todos os nossos pecados instituídos através do comportamento arrogante e dominador do ser humano. No entanto, no extremo da dor, do suposto fracasso, surge o inimaginável, o inesperado, o surpreendente. A morte é vencida! Jesus ressuscitou verdadeiramente!

Em Jesus e por ele se cumpre a promessa! É inaugurado um tempo novo, o tempo do Reino, que pode ser experimentado por cada um e por todos nós. Na esperança de um futuro porvir onde o Reino será plenamente instaurado, onde a cooperação, a fraternidade, a justiça, a solidariedade imperarão. Para isso é preciso a cooperação do ser humano, de todos nós, a essa mudança de proposta. “Estarei com vocês até o final dos tempos!” (Mt 28,20). Que final dos tempos são esses? Ele estará conosco durante toda a trajetória histórica do ser humano. É o senhor da história e, uma vez ocorrido o encontro com ele, permaneceremos juntos. Acompanha-nos em nosso desenvolvimento histórico, suscitando e encorajando-nos a participar de forma ativa e responsável para a construção do Reino de Deus no hoje da história.

5 Conclusões

Vemos um mundo dilacerado, dividido por motivos econômicos, que não acolhe as culturas diferentes daquelas dos que estão no poder. A história humana sempre nos mostrou essas questões, mas acreditamos não terem sido tão contrastantes como se apresentam hoje. Movidos por essa realidade global e globalizante, que a olhos atentos é muito triste, nos propusemos refletir e procurar entender essas questões. Movidos mais por angústias e inquietudes, nos vimos impulsionados a pesquisar e compreender quais seriam as possibilidades para o ser humano e para a nossa casa comum num futuro não muito distante, que se apresenta de forma desastrosa. Há de haver esperança! A esperança possui a característica da resistência, e apesar de todo o quadro negativo que se possa apresentar, nos impulsiona, nos anima a continuar. Somos seres de esperança e por essa mesma razão às vezes confiamos que a natureza e o planeta Terra vão superar todos os nossos erros e devaneios. Acreditamos que isso muito provavelmente ocorrerá, mas fica então a pergunta, o ser humano poderá subsistir? Isso nos propomos discutir, por ser esse ser humano *imago Dei* e, por isso mesmo, responsável pelo mundo criado.

Iniciamos nossa pesquisa com a obra conjunta de Leonardo Boff e Hathaway, *O Tao da Libertação*, e com a carta encíclica *Laudato Si'*, de Francisco, que consideramos ser o fio condutor de nosso segundo capítulo, onde expusemos a dificuldade humana e as questões que assolam a nossa casa comum, verificando a dificuldade da compreensão do ser humano em suas relações. A dificuldade que existe em se compreender como ser de responsabilidade com o seu meio ambiente, e a influência de sua vida particular, por ser fator determinante para sua prosperidade e perpetuidade. Vimos a dificuldade do ser humano em se compreender parte integrante da criação, da natureza e dela dependente. Todas essas questões são fundamentais para a existência humana.

No decorrer verificamos a necessidade de tratar a temática da responsabilidade como uma necessidade para se continuar no traçado da história, sem essa responsabilidade com o futuro a espécie humana pode vir a se extinguir. São conclusões dramáticas e parecem pessimistas, no entanto são reais, nossa

espécie corre o perigo devido à falta de cuidado que temos com a nossa casa comum, à noção deturpada do ser humano ao se compreender como dominador da natureza, de objetivar seus recursos para suas produções. Porém não podemos esquecer ser ele criado à imagem e semelhança de Deus – por isso, ser criado para o amor. Isso é conteúdo de profunda esperança.

No terceiro capítulo, passamos à discussão de como esses conceitos de esperança e responsabilidade estão ligados quando nos referimos à esperança cristã. Auxiliados por Hans Jonas, Leonardo Boff, Moltmann, Piazza, Metz, entre outros autores, concluímos que a resposta amorosa ao dom da vida destinado a humanidade se realiza por meio da esperança cristã. Ela é esperança ativa e mobilizadora com capacidade de transformar a história.

No último capítulo fomos investigar as razões da existência dessa esperança, qual sua fonte e como se desenvolve através da fé no Deus vivo e na perspectiva do Reino de Deus como obra já iniciada por Jesus de Nazaré, que precisa da participação humana devido a liberdade também dada a ele – como dom para que se realize. Seguimos com Piazza, Sobrino, Queiruga e outros teólogos contemporâneos para concluir que, pela graça e dom de Deus, a esperança cristã se realiza no profundo da dor pela experiência do amor, capaz de realizar o surpreendente, o inimaginável, o impossível para a razão e a lógica humanas.

O ser humano se organiza e se compreende no contexto de sua existência, tempo e espaço. É ser de ação e a cada instante precisa pensar em como agir para que seu futuro se realize na perspectiva desse sonho comum. Uma comunidade onde haja felicidade para todos: o Reino de Deus. É sonho comum por ser lugar de paz e harmonia, onde o sofrimento dá lugar à alegria e à justiça. É aspiração de futuro para todos, mesmo para aqueles que parecem não ter tempo para pensar muito sobre o assunto, ou dizem não crer em Deus. É aspiração humana alimentada e potencializada pelo Espírito Santo.

Esse sonho, no entanto, só se faz passível de realização em um contexto físico possível, o nosso planeta, o mundo em que vivemos, onde a natureza impera com sua fecundidade abundante. No entanto, nosso planeta, nossa natureza estão em sofrimento devido a nossa conduta. Não seremos felizes em terra inóspita e poluída, precisamos dela viva. Precisamos estar em comunhão com ela, fazer dela parte fundamental de nossa existência, além de sua beleza, pois é necessária para nossa existência e bem-estar. Tiramos da natureza tudo o que é essencial para nossa

existência. Ela é quem nos nutre, nos alimenta, nos dá condições de viver. Portanto, exige de nós atenção e cuidado. Mas como resgatar essa relação de cuidado quando o sistema nos impulsiona a seguir para um futuro de desenvolvimento econômico e mercadológico que é colocado à frente da vida humana? São questões emergentes da sociedade humana como um todo, que precisam de soluções imediatas.

Individualmente, muito pouco podemos fazer, percebemos então que se faz necessário o diálogo, o agir em comunidade, se faz necessária a relação entre povos e culturas na busca de ideias, costumes e medidas, que muitas vezes já acontecem de forma embrionária, mas que precisam ser divulgadas, anunciadas e valorizadas.

Percebemos, nesse contexto, ser fundamental preservar as culturas tradicionais. É uma das medidas emergentes. São culturas que se relacionam de maneira direta com a natureza, com o plantio, com o extrativismo equilibrado e sustentável, que pode servir de modelo mesmo para grandes centros urbanos. Todavia, para tudo isso precisa haver a boa vontade, é preciso nos colocarmos em ação na perspectiva desse mundo melhor e mais humano, é preciso haver abertura para acolher sem criticar até que o processo seja compreendido e realizado, e o mais fundamental: é preciso modificar a lógica do lucro, da vantagem monetária e econômica que retira sua força em se autoalimentar do consumo humano. São estruturas que chegam ao ponto de consumir o próprio ser humano com medidas exploratórias de trabalho e falta de medidas que garantam ao menos sua subsistência. São sistemas de opressão e de escravidão que precisam ser dissolvidos. Entra, então, a questão da responsabilidade do ser humano com tudo o que o circunda, todo o cosmo à sua volta e principalmente com o outro ser humano.

O ser humano é ser de desejo, e desejo do infinito. Justamente por isso vive em eterna insatisfação. Mas também é ser de criatividade, que sempre estimula a curiosidade e a novidade, gerando assim aspirações para dinamismos consecutivos. A medida em que uma determinada meta é alcançada, se sente estimulado a buscar outra e assim sucessivamente. Eternamente insatisfeito, o ser humano é ser de movimento. É essa dinâmica humana que faz mover a história, que impulsiona os processos e seus desenvolvimentos, gerando novas perspectivas, que, por sua vez, geram expectativas e esperanças humanas sucessivas, mas que não garantem conduzi-lo à verdadeira felicidade. Com a esperança cristã isso não se desfaz, mas ganha novo contexto. As aspirações a um projeto único, o do Reino de Deus, que já não é aspiração individual, mas sim de toda a humanidade. Todavia, para que

isso se realize, é necessário que todos estejam em unidade. Que todos o tenham como meta e coloquem mãos à obra para sua efetivação.

Falamos muito na fidelidade de Deus e o quanto devemos confiar nele e em sua providência, mas não nos damos conta da confiança que em nós foi e é continuamente depositada por esse Deus que é só amor. Deus confiou tanto no ser humano que se fez um conosco (Jo 1, 14). Se humilhou abrindo mão de sua condição divina (Fl 2,6-11) para conosco compartilhar a sua existência (Jo 1, 9-14). Confiou-se a nós em extrema fragilidade e abertura. Se fez menino e nasceu de uma mulher. Como, então, diante de tanta simplicidade e amor não respondemos à sua confiança? Nos elevou, se entregando vulnerável em nossos braços, como que pedindo um abraço de amor, e foi fiel, sustentando seu propósito até o fim para que fosse possível abrir para nós o caminho até ele. Nos transformou em Cristo, em seres viventes, para com ele vivermos em unidade. Nossa resposta deve ser a de resistência e resiliência, fomentando e alimentando a esperança cristã para que de semente plantada no coração de cada ser humano se transforme em árvore da vida. Que esta frutifique e irradie o amor, a justiça e a fé em obediência, com plena liberdade e adesão ao projeto do Pai.

Esperar significa modificar o rumo previamente estabelecido em direção ao que se aspira. Esperar em Cristo, no entanto, vai além de qualquer proposta humana imaginável e racionalizada. É deixar o surpreendente amor de Deus guiar seus passos, é se deixar conduzir por caminhos muitas vezes obscuros e pedregosos na certeza de encontrar a maravilha. É fazer a trilha cansativa e complicada, observando atentamente os sinais de seu percurso, procurando ver em cada detalhe seu significado, procurando perceber aí a hora do descanso e a hora da ação. É respeitar o trajeto, é respeitar o tempo (*kairós*) de Deus que vem nos interpelar no diálogo, na conversa amorosa, mas que necessita do silêncio para se escutar.

Nossa resposta efetiva então deve abraçar o mundo, o projeto do Reino como projeto também nosso. Mas como isso se torna possível ao reconhecermos que somos seres limitados, presos a condicionamentos que acreditamos ser intransponíveis? Contamos com a graça, com a ação de Deus, com a atuação do Espírito Santo em nós para iluminar nossos caminhos, nos deixando instrumentalizar para que Deus possa agir em nós. Precisamos resistir aos apelos destrutivos de nossa sociedade e olhar a realidade com uma lógica nova, a lógica

de Jesus, que nos conduz à fraternidade e à solidariedade, ao invés de priorizar o amor ao sucesso e à falsa felicidade do ter.

O que os olhos não veem o coração não sente, diz o ditado popular, isso vale para nossas cobiças. Desejamos os bens de consumo que não conhecíamos ainda ontem, com a certeza de que se tornaram necessários para minha vida. Esse sentimento é que está nos destruindo como humanidade, acabamos priorizando o nosso eu em seu bem-estar à nossa própria existência futura. Não há a preocupação com aqueles que virão depois de nós, nunca os vimos e não passam de possibilidade de existência. O que não nos damos conta é que todo instante que vivemos é sucedido apenas por outro, que é sempre possibilidade de existência. Podemos ver esse exemplo de maneira muito clara em uma das parábolas de Jesus, onde ele alerta que não sabemos se estaremos vivos no dia de amanhã (Lc 12,13-21). No entanto, parece que a realidade da morte, de nossa finitude é assunto que não se deve falar ou refletir sobre. Se minha vida é breve, qual o sentido de minha existência senão construir laços de amor e amizade? Essa é a maneira de resistir à lógica mercadológica que nos aflige, desenvolver laços de relação fraterna no entendimento de que somos todos irmãos, criados à imagem e semelhança de Deus, por isso irmão nenhum deve ficar fora da festa da vida.

Resistência é capacidade que temos que desenvolver, assim como a paciência. São dinâmicas diferentes, mas interligadas, que também estão vinculadas à esperança cristã. Resistir na fé, nos tornando atentos e dinâmicos. Resistir é procurar conviver com a realidade adversa em momentos difíceis, com o olhar desperto e atento à ação de Deus, para que percebendo o sinal consigamos atuar de maneira eficaz e promover mudanças. Paciência para não desanimar ou adormecer, para permanecermos confiantes no amor que nos interpela, mas que por muitas vezes não compreendermos. Somos indiferentes ou até mesmo hostis a ele, provocando assim sofrimento a nós e aos que estão à nossa volta.

É, portanto, necessário também desenvolver a capacidade de saber esperar, na confiança e no amor. Esperar o Reino, que não está apenas no futuro distante, após a morte, onde estaremos em Deus, mas que está também aqui, no hoje e no agora, na concretude da nossa realidade como semente. Dessa forma, é preciso ter fé e esperar que também aqui as coisas aconteçam em direção a esse futuro escatológico que é o próprio Cristo. A esperança cristã não nos coloca em passividade, como quem espera que passe o trem e, sim, em atividade, que nos move

a dispor-nos, pondo da nossa parte o que seja necessário para que Jesus possa nascer novamente em nossos corações. Não devemos nos conformar somente com o que esperamos, mas – sobretudo – descobrir o que é que Deus espera de nós, e a exemplo dos apóstolos, nós também somos chamados a seguir os seus caminhos.

O Cristo, nossa esperança, rosto humano do Pai, é nossa esperança. Anunciando e concretizando o Reino de Deus, por ele instaurado ainda que de forma embrionária, nos chama a responsabilidade de fazê-lo se desenvolver, crescer. Assim, se torna nossa responsabilidade fomentar e construir o Reino por ele iniciado. Pela cruz, nos libertando do medo, da morte, dos condicionamentos que aprisionam. Foi para a liberdade que Cristo nos libertou (Gl 5,1), Paulo ainda nos exorta a permanecer firmes, sem nos deixarmos submeter ao jugo da escravidão. A escravidão dos condicionamentos e valores culturais destorcidos, de tradições opressoras, do poder que subjuga e quer dominar, condicionados e acomodados à realidade do consolo material e do conforto, nos colocamos em situação de uma sobrevivência sem sentido, deixando a vida passar, nos satisfazendo com prazeres passageiros e relações fugazes.

Libertos, com o coração cheio da esperança que é o próprio Cristo, somos chamados à vida, nos tornamos viventes e agentes na história, seres de responsabilidade, trabalhando e respondendo por sua construção, caminhando para o Reino. Potencializados por ela, agimos como transformadores da história. No Cristo encontramos o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6), caminho que leva à comunhão com o Pai e à unidade com ele. Vida que será plenificada, não substituída, onde teremos preservada nossa essência, aquilo que verdadeiramente somos, nossa identidade mais profunda, nossa perseidade. O que somos, acreditamos e fazemos não será descartado, esquecido ou abandonado em uma vida anterior, ao contrário, a responsabilidade de nossas atitudes nos constitui, nos modela e nos transforma. Daí a necessidade da opção fundamental pelo Cristo, e a necessidade de colocá-lo no centro de nossa existência.

Para o cristão, a vida é essa que se plenificará. É uma só e precisa ser vivida com responsabilidade e coerência, responsabilidade com os irmãos, com a natureza, com toda a nossa casa comum, vida que será perpetuada e estendida a uma realidade que, por ora, não compreendemos, por fugir a nossa capacidade. Encontramos aí caminhando juntos a esperança e o louvor, a fé na promessa, o reconhecimento e a gratidão de nossa criaturidade, que nos permite a abertura e o diálogo silencioso

com o Criador. Isso permite que ele se manifeste em nós, nos potencializando e conduzindo para a realização de seu projeto, que é também o sonho e a felicidade de todo ser humano, a vida em plenitude, onde não há medo, não há morte, pois essa também foi vencida pela cruz e ressurreição do Cristo, que pelo Pai foi assim glorificado.

Tomara que hoje possamos escutar a voz do Senhor. Podemos assim dizer que esperamos a felicidade, que pode ser na nossa vida, no nosso cotidiano, realizada, que nos permite perceber novas possibilidades e perspectivas, onde, apesar das diversidades, conseguimos olhar a vida com alegria, reconhecendo nela a participação ativa do criador, do Pai que nos ama. Tomara nossa atitude seja a de mediar, de ser ponte, de unir as diversidades, nos fazendo uma única família humana, em comunhão com toda a natureza, vivendo em harmonia na casa comum.

Podemos pensar que uma pessoa pouco pode fazer, mas vemos que uma pessoa faz diferença, sim, quando verdadeiramente assume a responsabilidade por amor, e que também por esse amor entrega a sua vida ao projeto do Pai. Esperar, a exemplo do Cristo que não perde a fé. Esperar então que, na nossa limitação, Deus aja, que enquanto dormimos a semente germine, se transforme em broto, irrompa o solo e em busca da luz aos poucos vá se transformando em árvore, se realizando em todo o seu potencial, gerando assim transformação no cenário da vida.

Ajudar construir um mundo melhor e mais justo, trabalhar para isso, é então necessidade. É obrigação de todos procurar realizar mudanças mesmo que pequenas no momento, mas que germinam como a erva que se espalha sobre a terra, reverbera e aquece os corações trazendo vida. Pequenas ações e atitudes irradiam e podem alcançar distâncias inimagináveis, devido ao tamanho e poder da graça e do amor de Deus. A semente de mostarda, a menor de todas as sementes, se transforma na maior das hortaliças, grande o suficiente para abrigar os ninhos dos pássaros.

Nosso proceder determina não só a nossa história pessoal, mas também a de todos aqueles que por nós são interpelados no cotidiano da vida. Eles, influenciados por nós, também interpelam outros e assim sucessivamente, como um pequeno pingo de chuva que cai na água que cria anéis à sua volta que se multiplicam e expandem em um raio cada vez maior, as nossas ações misturadas a outras boas ações podem sim gerar um mundo melhor e mais justo; podem sim testemunhar o Reino e transformar a história. O segredo está na adesão livre ao amor de Deus e na esperança na promessa que um dia seremos todos um grande oceano, em que

finalmente “Deus será tudo em todos” (1Cor 15,28). Essa esperança, que nos potencializa e transforma, pode ser verificada em nossa própria história, quando com a abertura do coração olhamos para nossa caminhada e verificamos as maravilhas operadas em nossas vidas.

Em gratidão e reconhecimento, que também abastece e anima nossa fé, verificamos, assim como o salmista, que Deus opera maravilhas, surpreendentes, inimagináveis e muitas vezes impossíveis em cada um de nós. “Cantai ao Senhor um canto novo, pois ele fez maravilhas” (Sl 98, 1).

6

Referências bibliográficas

ANAIS DO I CIRCUITO DE DEBATES ACADÊMICOS. IPEA, CODE 2011.

ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOFF, L. *Ecologia: grito da terra grito dos pobres*. Dignidade e direitos da mãe terra. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. *Ecoteologia*. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v.76, n.301, jan/mar 2016.

_____. *Do iceberg à Arca de Noé: o nascimento de uma ética planetária*. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2010.

_____. *Ética e espiritualidade: como cuidar da casa comum*. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. *Vida para além da morte*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*. Uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino. São Paulo: Paulinas, 2002.

BUELTA, B. G. *Ver ou perecer, mística de olhos abertos*. São Paulo: Loyola, 2012.

CASTILLO, J. M. *A Ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010.

COMBLIN, J. *Mitos e realizações da secularização*. São Paulo: Herder, 1970.

_____. *Viver na Esperança*. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. *A Liberdade Cristã*. São Paulo: Paulus, 2009.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. Concílio Vaticano II. Compêndio do Vaticano II. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DONNE, J. *Meditações VII*. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTE2MzQ4/> Acesso em: 12 set 2019.

FIORES, S.; GOFFI, T. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. *Exortação Apostólica Pós Sinodal Christus Vivit*. São Paulo: Paulinas, 2019.

_____. *Homilias da Manhã: na Capela da Domus Sanctae Marthae*. v.IV. Brasília: CNBB, 2016.

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas 2013.

GARCIA RUBIO, A. *Unidade na Pluralidade*. São Paulo: Paulus, 2001.

_____. Novos Rumos da Antropologia Teológica Cristã. In: _____. *O Humano Integrado: abordagens de Antropologia Teológica*. Petrópolis: Vozes 2007. p.261-295.

GESCHÉ, A. *O Cosmo*. São Paulo: Paulinas, 2004.

GUTIÉRREZ, G. *Beber em seu próprio poço: itinerário espiritual de um povo*. São Paulo: Loyola, 2000.

HATHAWAY, M.; BOFF, L. *O Tao da Libertação: explorando a ecologia da transformação*. Petrópolis: Vozes, 2012.

HAWKING, S. *O Globo*. Entrevista. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/humanidade-podera-ser-extinta-em-30-anos-diz-stephen-hawking-21498717> Acesso em: 4 nov 2019.

JONAS, H. *O princípio responsabilidade*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

KÜNG, H. *O princípio de todas as coisas*. Petrópolis: Vozes, 2007.

KUZMA, C. *O futuro de Deus na missão da esperança: uma aproximação escatológica*. São Paulo: Paulinas, 2014.

LIBANIO, J. B. *As lógicas da cidade*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Qual o futuro do Cristianismo?* São Paulo: Paulus, 2008.

LIGÓRIO SOARES. A. M. *De volta ao mistério da iniquidade*. São Paulo: Paulinas, 2012.

LIPOVETSKY, G. *A Felicidade Paradoxal*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

_____. *A Sociedade da Decepção*. Barueri: Manole, 2007.

MARTINI, C. M. *Eu Creio na Vida Eterna*. São Paulo: Paulus, 2012.

MENDONÇA. J. T. *A leitura infinita: a Bíblia e a sua interpretação*. São Paulo: Paulinas / Recife: Unicap, 2015.

- MESTERS, C. *Seis dias nos porões da humanidade*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- METZ, J. B. *Mística de olhos abertos*. São Paulo: Paulus, 2013.
- MIRANDA, M. F. *Salvação em Jesus Cristo*. São Paulo: Loyola, 2011.
- MOLTMANN, J. A Ressureição na Vida Presente. Parte III. *Concilium*, n.318, 2006.
- _____. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. 3.ed. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005.
- _____. *A ética da Esperança*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. *O Deus Crucificado: a cruz de Cristo como base crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2014.
- MOLTMANN, J.; BOFF, L. *Há esperança para a criação ameaçada?* Petrópolis: Vozes, 2014.
- MURAD, A. (org.) *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016.
- OLIVEIRA, J.; MORETT, G.; SGANZERLA, A. *Vida Técnica e Responsabilidade – três ensaios sobre a filosofia de Hans Jonas*. São Paulo: Paulus, 2015.
- PIANNA, G., Esperança. In: FIORES, S.; GOFFI, T. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993.
- PIAZZA, O. F. *A esperança: lógica do impossível*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- PONTIFÍCIO CONSELHO DE JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2004. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html Acesso em: 2 dez 2019.
- POPE, S. J. *Hope & Solidarity: Jon Sobrino's challenge to Christian Theology*. Maryknoll: Orbis Books, 2008.
- QUEIRUGA, A. T. *Repensar a Revelação*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- SCHMITT, C. A. *A coragem de ser responsável*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- SCHILLEBEECKX, E. *Jesus: a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2009.
- SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *Espiritualidade da Libertação*. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. Centralidad del reino de Dios en la teología de la liberación. In: ELLACURIA, I.; SOBRINO, J. *Mysterium Liberationis: conceptos fundamentales de la teología de la liberación*. San Salvador: UCA, 2008. p.467-510.

TAVARES. C. Q. Contornos éticos na Evangelii Gaudium. In: AMADO, J. P.; FERNANDES. L. A. (orgs) *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas / Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2014.

TAVARES, S. S. Saber-se Terra. In: KUZMA, C.; ANDRADE, P. F. C. (Orgs.). *Decolonialidade e práticas emancipatórias: novas perspectivas para a Área de Ciências da Religião e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2019. p.77-101.

TEPEDINO, A. M. Articulação entre espiritualidade e ética na trajetória cristológica da comunidade joanina. In: GARCIA RUBIO, A. *O Humano Integrado: abordagens de Antropologia Teológica*. Petrópolis: Vozes, 2007.

TILLICH, P. *A Coragem de ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VARONE, F. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. Aparecida: Santuário, 2001.